



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE (MPED)**

MARIA DAS DORES BRANDÃO DE OLIVEIRA

**PRÁTICAS DOCENTES E DIVERSIDADE NA ESCOLA RURAL QUILOMBOLA DE
LAGE DOS NEGROS - CAMPO FORMOSO – BA**

**JACOBINA-BA
2017**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE (MPED)**



MARIA DAS DORES BRANDÃO DE OLIVEIRA

**PRÁTICAS DOCENTES E DIVERSIDADE NA ESCOLA RURAL QUILOMBOLA DE
LAGE DOS NEGROS - CAMPO FORMOSO – BA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, Linha de Pesquisa 2: Cultura Escolar, Docência e Diversidade - Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus IV – Jacobina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carmélia Aparecida Silva Miranda

**JACOBINA-BA
2017**



MARIA DAS DORES BRANDÃO DOS SANTOS

PRÁTICAS DOCENTES E DIVERSIDADE NA ESCOLA RURAL QUILOMBOLA DE LAGE DOS NEGROS - CAMPO FORMOSO - BA

Dissertação de conclusão de curso de pós-graduação Strictu Sensu / Programa de pós-graduação em educação e diversidade da Universidade do Estado da Bahia, MPED. Departamento de ciências humanas – Campus IV. Universidade do Estado da Bahia, 2017.

2017

SANTA CRUZ, BAHIA DE JANEIRO

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:
João Paulo Santos de Sousa CRB-5/1463

Santos, Maria das Dores Brandão dos
S237p Práticas docentes e diversidade na escola rural quilombola de Lage dos negros – Campo Formoso – BA / Maria das Dores Brandão dos Santos.
Jacobina - BA
171 f.

Dissertação (conclusão do curso de pós-graduação Strictu Senso / Programa de pós-graduação em educação e diversidade da Universidade do Estado da Bahia, MPED. Departamento de ciências humanas – Campus IV). Universidade do Estado da Bahia, 2017.

Orientador: Prof. Dr^a. Carmélia Aparecida Silva Miranda

1. Práticas docentes. 2. Diversidade. 3. Cultura quilombola. I. Santos, Maria das Dores Brandão dos. II. Miranda, Carmélia Aparecida Silva. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas/Campus IV. III. Título
CDD – 371.12

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA DAS DORES BRANDÃO DOS SANTOS

**PRÁTICAS DOCENTES E DIVERSIDADE NA ESCOLA RURAL QUILOMBOLA DE LAGE DOS
NEGROS - CAMPO-FORMOSO-BA**

Dissertação defendida aos membros da banca examinadora, e ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED, da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, para obtenção do título de Mestre em Educação e Diversidade.

Dissertação defendida em: 01/08/2017

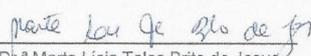
BANCA EXAMINADORA DE DEFESA



Prof.ª Dr.ª Camélia Aparecida Silva Miranda
(UNEB Campus IV)



Prof.ª Dr.ª Emanuela Oliveira Carvalho
Dourado (UNEB Campus XVI)



Prof.ª Dr.ª Marta Licia Teles Brito de Jesus
(UNEB Campus I)

Jacobina – BA

2017

À minha família, exemplo de amor, ternura e união, que sempre se faz presente em todas as horas... de alegrias, tristezas, fraquezas, conquistas e vitórias.

À todas as crianças negras que tem seus direitos negados e suas culturas sufocadas por falta de consciência humana.

*Ao meu pai, José Domingos dos Santos, por seu sorriso, seus abraços, seus conselhos e seu amor, sempre vivos em mim.
(Em memória)*

Agradecimentos

Ao Senhor de todas as coisas, que em sua magnitude me criou e me chamou a viver cada momento dessa vida, com a esperança do belo e fortaleza em sua união perfeita.

A Nossa Senhora das Dores, Mãe de Jesus e nossa mãe, a quem recorro nas minhas orações e me reconforto em seu colo materno.

Aos meus pais, casal de meu orgulho, José Domingos e Maria Ivone, verdadeiros exemplos de coragem, luta e determinação que me geraram com amor, me educaram e me ensinaram o bom caminho a seguir: na fé em Deus, na bondade e na paz.

Ao meu filho Samuel, presente de Deus, semente germinada em minha vida.

Ao meu esposo Giorgio pelo amor, compreensão, apoio, carinho e ajuda nesta caminhada.

As minhas Irmãs: Cremilda, Cáthia e Creverlândia, que tanto me incentivaram e me ajudaram a encarar as dificuldades com coragem e resiliência.

Ao meu irmão José Carlos, que mesmo longe nunca deixou de dar uma palavra de incentivo.

A professora Carmélia, por sua humanidade, sabedoria, compreensão e potencial mediador, que me conduziu pelos caminhos do conhecimento nesta jornada de pesquisa.

Ao meu cunhado Antônio Carlos, pela sua bondade e companhia nas viagens.

Aos amigos Leonete, Josimar e Silvanete, pela força, carinho e encorajamento.

A M^a de Fátima Zacarias, minha sogra, pelo apoio e carinho com que me acolhe.

Aos anjos, Jedinei e Divaldo, pelo acolhimento, confiança e cuidado.

Aos meus irmãos de Pastoral Familiar, pelo apoio e orações.

Aos companheiros de estrada do MPED: Vívica, Benedito, Joice e Pascoal, que com risos e diálogos nas idas e vindas, oportunizaram amizade, crescimento espiritual e fraterno, tornando inesquecível esse período de nossas vidas.

A equipe da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros: Diretor Vicente, à Coordenadora Iracema, secretário e todos os professores que com carinho me receberam na escola, em suas casas e que tanto colaboraram com este trabalho.

Ao Instituto Manancial Quilombola, pelo convite e pela confiança, para que me tornasse uma professora dos quilombolas de Lage dos Negros.

À professora Joelina, mulher de coragem e determinação, que me incentivou e com muita simplicidade me acolheu e me apoiou nesta pesquisa.

À Hilda, exemplo de mulher guerreira, que com seu orgulho quilombola, encoraja, busca, e incansavelmente luta pelo patrimônio cultural de sua comunidade.

A Dona Zefinha, senhora da comunidade quilombola que sempre me acolheu em sua casa e com muito carinho me oferecia descanso e uma comida gostosa nas jornadas de visitas e entrevistas.

À equipe do MPED pela iniciativa, coragem e dedicação com um trabalho ímpar, que enobrece tantos educadores, multiplicando conhecimentos que se estendem a tantas cidades e distritos.

Às professoras Doutoradas da Banca de qualificação, Emanuela e Marta Lícia, pela grande colaboração e ricas contribuições.

Ao meu Grupo de Pesquisa, DIFEBA que, evidenciou o grande poder das parcerias, e construções coletivas de crescimento intelectual.

A todos os professores do MPED que no caminho infinito do conhecimento, muito contribuíram para o crescimento de minha vida acadêmica.

À Jussara, pela consideração, apoio e disponibilidade.

À Ana Lúcia da Fonseca Almeida, pela generosidade.

A minha Diretora Ir. Maria Agda e todos os meus colegas de trabalho do Instituto Educacional Nossa Senhora de Fátima pela compreensão, e incentivo.

A todas as mulheres, lutadoras, trabalhadoras que nunca param nem se calam.

Obrigada!

“A aranha tece sua Teia. Pacientemente. É um trabalho de mestre. Igualmente é uma obra de arte. Obra-Prima. A Vida – da mesma forma - tece a Teia da Existência.

Da mesma forma, um magistral trabalho. Paciente e demorado. Obra-Prima de inestimável valor. Uma Teia singular. E o homem deve aprender com cada fio, cada reta, cada encruzilhada. O homem: o aprendiz. A Teia: a Grande-Mestra ao longo da jornada.”

J.J. Poeta

RESUMO

O presente trabalho apresenta a pesquisa desenvolvida na escola Quilombola de Lage dos Negros, distrito de Campo Formoso- BA. Esta pesquisa teve como tema: Práticas Docentes e Diversidade na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, Campo Formoso – BA. Esta ação se desencadeou das discussões em sala de aula com os alunos do Instituto de Educação Manancial Quilombola de Lage, onde atuo como professora do Curso de Pedagogia. O projeto desta pesquisa se firmou junto às orientações e apoio dos professores do Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado da Bahia - PPED e Mestrado em Educação e Diversidade-MPED. Esta pesquisa teve como objetivo geral: Conhecer as práticas docentes dos professores que atuam na Escola Quilombola de Lage dos Negros, Campo Formoso – BA, observando se estas ações consideram a pluralidade cultural da comunidade quilombola de Lage, tal como definido pela Lei 11645/08. Em suas especificidades buscou: a) Diagnosticar nos documentos oficiais da Escola, a presença ou não, das culturas e manifestações culturais da comunidade de Lage dos Negros, com o intuito de descobrir se as práticas se coadunam com as informações trazidas nos documentos; b) Descobrir como se dão as práticas dos professores que lecionam na Escola Quilombola de Lage dos Negros; c) Oportunizar a articulação entre os docentes da Escola Rural Quilombola de Lage, para a realização de uma Tertúlia Dialógica Cultural, com a finalidade de fazer um levantamento das demandas de formação dos professores da escola, sobre a história e cultura Afro-brasileira em Lage; d) Potencializar as Tertúlias Dialógicas Culturais na Escola Quilombola a partir das demandas de formação com a intenção de que seja possível futuramente, a construção coletiva de um acervo histórico¹ cultural do lugar, para ser usado pelos professores da escola e amplamente divulgado na comunidade. A metodologia se firmou numa pesquisa participante com abordagem de análise do conteúdo, trazendo como dispositivos de pesquisa: observação, entrevista semiestruturada, exame de documentos e diário de bordo, assim como a proposta de trabalho coletivo: oficina preparatória e a 1ª Tertúlia Dialógica Cultural, como meio de alcançar os objetivos esperados. A fundamentação teórica está amparada em contribuições significativas de especialistas na área temática, que desenvolveram ou desenvolvem grandes estudos e pesquisas na área da educação, transitando pelo contexto da diversidade, cultura, identidade, práticas docentes e educação quilombola. A Tertúlia veio com a introdução de uma oficina preparatória e se concretizou com um grande encontro dialógico com educadores, representantes da comunidade e presidentes das associações.

Palavras-chave: Práticas docentes. Diversidade. Educação. Cultura quilombola.

ABSTRACT

The present work presents the research developed in the Quilombola school of Lage dos Negros, district of Campo Formoso - BA. This research had as theme: Teaching Practices and Diversity in the Quilombola Rural School of Lage dos Negros, Campo Formoso - BA. This action was triggered from the classroom discussions with the students of the Quilombola Manancial Education Institute of Lage, where I act as a teacher of the Pedagogy Course. The project of this research was signed with the guidance and support of the professors of the Postgraduate Program of the State University of Bahia - PPED and Master in Education and Diversity - MPED. This research had as general objective: To know the teaching practices of the teachers who work in the Quilombola School of Lage dos Negros, Campo Formoso - BA, realizing if these actions consider the cultural plurality of the quilombola community of Lage, as defined by Law 11645/08. In its specificities, it sought to: a) Diagnose in the official documents of the School, the presence or not of the cultures and cultural manifestations of the community of Lage dos Negros, in order to find out if the practices correspond with the information brought in the documents; B) Find out how the practices of teachers who teach at the Lage dos Negros Quilombola School are given; C) Opportunize the articulation among the teachers of the Quilombola de Lage Rural School, for the accomplishment of a Cultural Dialogical Dialogue, with the purpose of surveying the teacher training demands of the school, about Afro-Brazilian history and culture in Lage; D) Potentialize the Cultural Dialogical Dialogues in the Quilombola School from the demands of formation with the intention that it is possible in the future, the collective construction of a historical cultural collection of the place, to be used by the teachers of the school and widely disseminated in the community; The methodology was established in a participatory research with a content analysis approach, bringing as research devices: observation, semistructured interview, document examination and logbook, as well as the proposal of a collective work: preparatory workshop and 1ªTertúlia Dialógica Cultural, as means of achieving the expected objectives. The theoretical basis is supported by significant contributions from specialists in the thematic area, who developed or developed large studies and research in the area of education, transiting through the context of diversity, culture, identify, teaching practices and quilombola education.

Keywords: Teaching practices. Culture. Diversity and Quilombola Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comunidades quilombolas com processos abertos para regularização dos seus territórios.....	29
Figura 2 - Mapas da localização de Campo Formoso e Lage dos Negros na Bahia.	31
Figura 3 - Mapa satélite da comunidade de Lage dos Negros.	31
Figura 4 - Representação gráfica da escola como espaço plural de construção de conhecimento.	57
Figura 5- Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por posição na ocupação do trabalho principal, segundo cor ou raça. Brasil – 2000.	76
Figura 6 - Gráfico das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por posição na ocupação do trabalho principal, segundo cor ou raça. Brasil – 2010.	76
Figura 7 - Processo explicativo e comunicação entre entrevista e entrevistado. Fluxograma macro e microssituação, para a realização da entrevista.....	85
Figura 8 - Foto da entrada do distrito Lage dos Negros, Campo Formoso – 2016....	88
Figura 9 - Imagens do centro do Distrito de Lage dos Negros.	92
Figura 10 - Imagem da igreja de Santo Antônio de Lage dos Negros.....	93
Figura 11 - Grupo Teatral Quilombart, apresentando-se na cidade de Salvador.	95
Figura 12 - Fotografia da parte externa da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.....	97
Figura 13 - Comissão para realização do VI Fórum de discussões sobre Políticas Públicas Quilombolas.....	103
Figura 14 - Oficina preparatória.....	124
Figura 15 - Atividade das borboletas.....	125
Figura 16 - Cartaz da consciência negra.....	127
Figura 17 - Lembrança do dia da consciência negra.....	128
Figura 18 - Lembrança do dia do folclore.....	129
Figura 19 - Pátio e corredores das salas de aula.....	131
Figura 20 - Pátio, cantina e corredores das salas de aula.	131
Figura 21 - Arte da Tertúlia Dialógica Cultural de Lage dos Negros.	133
Figura 22 - Ambiente e disposição das cadeiras na Tertúlia Dialógica Cultural.....	136
Figura 23 - Momento de partilha da palavra.....	138

Figura 24 - Lanche de confraternização.....147

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Taxa de analfabetismo por cor ou raça, considerando pessoas com mais de 15 anos das principais regiões do Brasil.	75
Gráfico 2 - Perfil da comunidade / famílias Escola Rural.	91
Gráfico 3 - Panorama da Formação dos professores da Escola Rural quilombola. ...	98
Gráfico 4 - Maiores dificuldades enfrentadas pelos docentes da escola quilombola	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Processos territoriais quilombolas no Brasil Bahia.....	29
Quadro 2 - Padrão arquitetônico de construção de escola quilombola.	50
Quadro 3 - Padrão arquitetônico de construção de escola quilombola.	51
Quadro 4 - Resumo Territorial de Lage dos Negros – Campo Formoso – BA.	89
Quadro 5 - Atendimento escolar às crianças quilombolas no ano de 2017 em quantidades.....	96
Quadro 6 - Datas comemorativas do Projeto pedagógico anual sobre a cultura Afro- brasileira.....	100
Quadro 7 - Datas dos Fóruns sobre os quilombos de Campo Formoso.	102
Quadro 8- Análise de documentos da Escola Quilombola de Lage dos Negros – Campo Formoso-BA.....	104
Quadro 9 - Aspectos essenciais para inclusão da história e cultura Afro-brasileira e africana no PPP.	116

LISTA DE SIGLAS

- CEB** - Conselho Estadual de Educação
- CEIMAQB** - Centro de Educação Integrado Manancial Quilombola de Lage dos Negros.
- CNE** - Conselho Nacional da Educação
- CONAE** – Conselho Nacional de Educação
- CPISP** – Comissão Pró-Índio de São Paulo
- CRQS** – Comunidades Remanescentes de Quilombo
- FNDE** - Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação
- FUNCEP** - Fundo Nacional de Combate e Erradicação à Pobreza
- IBGE** – Instituto de Geografia e Estatística
- INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- MEC** - Ministério da Educação e Cultura
- MPED** - Mestrado Profissional em Educação e Diversidade.
- NIASE** – Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa
- PAR** - Plano de Ação Articulada
- PCNs** - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PETI** - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
- PME** - Plano Municipal de Educação
- PNE** - Plano Nacional de Educação
- PPED** – Programa de Pós Graduação em Educação e Diversidade
- PPP** - Projeto Político Pedagógico
- RCNEIs** – Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
- REDA** - Regime Especial de Direito Administrativo
- RTID** - Relatório Técnico de Identificação Definição.
- SIHS** - Secretaria de Infraestrutura Hídrica e Saneamento
- UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. TECENDO O CAMINHO E AMPLIANDO O OLHAR: CONJECTURA TEÓRICA.	24
1.1 As comunidades quilombolas	27
2 IDENTIDADE QUILOMBOLA	33
2.1 Do conceito de cultura a cultura no quilombo	36
2.2 Escola e quilombo: teias ou fiapos?	41
2.3. Escola Rural quilombola e Identidade, as interfaces para uma Educação do Campo	45
3. PRÁTICAS DOCENTES: FIOS CONDUTORES DE UMA EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE	53
3.1 Currículo, fonte norteadora de ações constitutivas na escola.....	58
3.2. Formação e o exercício de práticas docentes: o tear e a teia.....	60
3.3 Projeto Político Pedagógico; instrumento para uma educação contextualizada	68
3.4 Entre o respeito e o preconceito: fios que se desprendem	71
4. FIO A FIO, CONSTRUINDO TEIAS: METODOLOGIA DA PESQUISA	78
4.1 Tipo de pesquisa	80
4.2 Pesquisa exploratória	85
4.3. Tomando a via da pesquisa: da cidade das esmeraldas, à Lage dos Negros, terra do quilombo	87
4.4. Tecendo o caminho: percurso e memória.....	88
4.5 Cultura e fé da comunidade de Lage dos Negros.....	91
4.6 O <i>Lócus</i> : Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros	96
4.7. Os sujeitos da pesquisa	97
4.8 Fios tecidos: Organização e análise dos objetos encontrados na escola	98

4.8.1 Pontos firmados na Pesquisa exploratória	99
4.9 Espaços escolares: o que mostram?	107
4.10 Escola quilombola: espaço de diversidade e relações culturais na vivência cotidiana. O que o campo aponta, teias ou fiapos?	110
5. CONSTRUINDO TEIAS, TERTÚLIA DIALÓGICA CULTURAL: A AÇÃO ESPERADA	118
5.1. Oficina preparatória: delineando o produto	121
5.2 Realização da oficina preparatória	123
5.3. Unindo fios: realização da I Tertúlia Dialógica Cultural da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.....	133
5.4Tertúlia Dialógica Cultural da Escola Rural quilombola de Lage dos Negros: Fios se conectando.....	135
5.4.1 Acolhida	136
5.4.2 Diálogo	137
5.4.3Partilha da palavra	138
5.4.4 Turno de Palavras.....	141
5.4.5 Finalização	143
5.5 Tertúlia Dialógica Cultural: observando a teia	147
5.6. Depois: desdobramento das ações combinadas para após a concretização das cinco tertúlias.....	148
6 CAMINHO PERCORRIDO, CONSIDERAÇÕES FINAIS: TEIAS CONSTRUÍDAS?	150
REFERÊNCIAS.....	154
APÊNDICE A	161
APÊNDICE B	163
ANEXO	164

INTRODUÇÃO

*...a magia da canção,
o carnaval é fogo,
O samba corre
Nas veias dessa pátria - mãe gentil
É preciso atitude de assumir a negritude
Pra ser muito mais Brasil.*

(Luiz Carlos da Vila)

Ler este trecho do samba enredo de Luiz Carlos da Vila, fortalece o ser, faz sentir no sangue e na alma uma grande emoção, e um valor de pertencimento que de antemão se configura também num jeito de construir a identidade, numa expressividade de diversidade cultural com misturas de memória, oralidade e territorialidade, forças que movem os quilombolas. A força tênue de brasileiros que assumem suas histórias, seu gingado, sua alegria e forças que transformaram e transformam esta nação em um país plural de muitos encantos, de belezas singulares que impulsionam a construção de identidades que alavancam a necessidade de se fundamentar no respeito às diversidades e na valorização das relações étnico raciais.

Neste sentido, apresenta-se este trabalho que teve por intenção, analisar de que forma os docentes que atuam no espaço educativo já especificado, valorizam e ressignificam a cultura, da região quilombola de Lage dos Negros, comunidade negra rural, localizada no município de Campo Formoso, norte da Bahia. Este município possui uma população estimada de 71.900 habitantes segundo o IBGE (2014). Em Lage, residem grupos diferentes de remanescentes, tratando-se, portanto, de uma região multicultural, por existirem famílias negras e famílias de descendência branca, com costumes e culturas diferentes. O distrito fica distante 96 km da sede. Segundo a memória de seus moradores, Lage foi fundada por um negro liberto, de nome Luiz José dos Santos, que se uniu a um outro fugitivo, em meados do século XIX.

A presente pesquisa permeia investigar, para conhecer a importância dada à pedagogia corresponsável, pela valorização do processo histórico e cultural da região remanescente, no chão da Escola Quilombola de Lage dos Negros. O conhecimento deste achado, emanado universo das práxis dos educadores que lecionam nesta comunidade, uma vez que este grupo de docentes se apresenta em

dois grupos: efetivos e não efetivos, uma realidade que é sempre discutida na comunidade; entender o porquê das muitas das manifestações culturais serem mais valorizadas pelos educadores da escola quilombola em ocasiões específicas e em datas comemorativas como: dia do Folclore, Consciência Negra ou eventos especiais da comunidade. Nesta perspectiva, surge esta pesquisa sobre cultura e diversidade em caráter de responsabilidade social, para a observação e estudo das práticas dos docentes desta Escola Quilombola. Constituído de justificativa, objetivo geral, objetivos específicos, problemática, metodologia, análise dos resultados e intervenção, a pesquisa traz como categorias: Práticas Docentes, Cultura e Diversidade, trazendo também discussões sobre Educação do Campo e Preconceito.

Suscitar pela investigação o entendimento destas práticas em uma conjuntura de pesquisa científica e, refutará possíveis ausências de diálogos e pontos de vista para a escuta sensível, em respeito e aceitação às singularidades dos sujeitos envolvidos na pesquisa em lócus. Deixando uma contribuição significativa para a melhoria da qualidade de ensino na escola básica quilombola de Lage, considerando-a em sua existência como uma escola do campo, pela sua realidade e sítio. Tratando-se de uma escola que atende alunos de uma área rural cuja cultura é diferente.

Ainda se trata de um grande desafio aos educadores fundamentar as práticas educativas sobre a questão étnico-racial. A educação pode viabilizar a valorização e consolidação dos direitos étnico-raciais, partindo do pressuposto da Lei 11645/08, que se caracterizou como um grande marco na história brasileira, pois ocasionou a obrigatoriedade ao ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todas as escolas brasileiras, públicas e privadas, do Ensino Fundamental e Médio.

Oito anos depois da Lei 11645/08 ter sido aprovada, algumas mudanças ocorreram, partindo do grande desafio lançado aos estados e municípios com a criação do Plano Nacional de Diretrizes Curriculares Nacionais, para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira. No ano de 2009, com o envio de livros específicos pelo FNDE, de História da África, de literatura infantil e infanto-juvenil às bibliotecas escolares, desencadeou-se a necessidade do estudo do parecer do Conselho Nacional de Educação – CNE e discussões sobre Relações Étnico-Raciais nas secretarias de educação e nas escolas. Arborizou-se a prioridade às questões e temáticas com referência aos afro-

brasileiros. A partir daí, tornou-se límpida a necessidade da produção de material para Educação de Jovens e Adultos - EJA das regiões quilombolas, viabilizando maior oferta de educação no Ensino Médio a fim de possibilitar a formação de gestores e profissionais da educação das próprias comunidades. Pesquisar a Escola Rural quilombola de Lage, oportunizou verificar se realmente estas discussões e implantação da Lei nas práticas docentes estão acontecendo, e de que forma. Se os educadores se sentem motivados a assumir a corresponsabilidade de integralização desses direitos nas práticas educativas. Muitos autores nos fazem refletir sobre as condições vividas pelo professor de nosso país e a série de problemas enfrentados pela escola que acabam por dificultar que as aprendizagens efetivas se consolidem e que a instituição prospere. São inúmeros fatores que por muitas vezes sucumbem o professor evitando que exerça o seu papel de maneira autêntica, ampla, objetiva e participativa. Levando em consideração o aluno como um ser cultural.

Partindo deste pressuposto, surge a ideia de que as ações docentes não podem ocorrer fora desta realidade e que esta realidade pode atingir esses profissionais e suas práticas. Durante muitos anos as escolas trabalharam a questão cultural, se limitando a ocasiões pré-datadas em calendários pré-estabelecidos, falando em uma maneira mais popular nas datas comemorativas.

Esta ação de pesquisa participante surgiu no chão da Escola Rural Gilcina Carvalho, onde trabalhava como psicopedagoga. Esta escola recebia alunos de todos os distritos de Campo Formoso e funcionava em regime de internato e alternância. Identifiquei-me com os alunos de Lage dos Negros, pois os surpreendia por várias vezes, em algum lugar da escola, em grupos falando de sua comunidade apesar de ter alunos de vários lugares só percebia este movimento com eles, que já reclamavam que a escola não falava da comunidade deles. Neta de índia e de negra parteira me sentia atraída ao grupo e, muitas vezes, participava das conversas, que me instigavam a curiosidade de querer saber mais.

O tempo de trabalho na Escola Rural me incentivou na elaboração de um projeto de pesquisa sobre diversidade e muitas leituras sobre o assunto. Tempos depois o regime de alternância da escola foi desativado, deixei de trabalhar na instituição, mas as leituras não cessaram, e dois anos mais tarde, com o convite da Faculdade quilombola me tornei professora, na comunidade quilombola de Lage dos Negros. Solo em que se teceu o primeiro fio investigativo: Na sala de aula da Faculdade Manancial na comunidade de Lage dos Negros, surgiu o problema que

desencadeou os fios de que emergiram esta pesquisa. Em discussão com os alunos do Curso de Pedagogia, quando interrogados sobre o motivo de optarem pelo curso de Pedagogia, alguns responderam que queriam ensinar nas escolas da comunidade e colaborar com a valorização da cultura do lugar e acrescentaram o fato de muitos professores serem de fora e não darem tanta importância para o contexto histórico e cultural de Lage. Assim, busca-se entender: Como se dão as práticas dos docentes que atuam na Escola Quilombola de Lage dos Negros, considerando as culturas plurais desta comunidade quilombola em Campo Formoso - BA? Como se apresenta o contexto das práticas docentes destes professores? Há uma preocupação diária em adequar a realidade local e valorização da cultura do lugar? O fato dos mesmos não pertencerem à comunidade pode ocasionar algum efeito sobre essas práticas? Estas e outras questões foram norteadoras para entender de que maneira a temática em questão é trabalhada na escola, pelos educadores neste campo de ação.

Vale pontuar que, como professora, outras experiências contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. É pertinente mencionar os quatro anos como professora de estágio supervisionado no programa PARFOR - Plataforma Freire, e professora de Metodologia da Pesquisa na comunidade quilombola de São Tomé. Experiências que me renderam aprendizagens indizíveis, quanto à educação e diversidade, mas não o bastante, por se tratar de uma área muito complexa.

Adentrando a questão da etnia e docência, Gatti (2009) em seu artigo "Professores do Brasil" mostra a descoberta de sua pesquisa trazendo informações curiosas acerca da declaração dos docentes em relação a sua etnia. Os docentes que se declaram brancos são 61,3% e a proporção de não brancos também varia segundo os níveis de escolaridade, aumentando nos níveis mais baixos de escolarização. Os dados mostram que, autodeclarados como não brancos na educação infantil perfaz 42%; no Ensino Fundamental 42% e no Ensino Médio, 32%. Porque esta percentualidade cai para os professores do Ensino Médio? Este dado se aplica aos docentes das escolas da região quilombola de Lage dos Negros de Campo Formoso-BA? Existe relação entre estes dados e a realidade do público alvo da pesquisa? Estas indagações trazem consigo a necessidade de algumas reflexões sobre o contexto escola, cultura e diversidade.

Entrar nesta seara possibilitou descobrir se a escola dispõe de educadores que ainda não se despiram de seus preconceitos, ou se eles se lançam de corpo e

alma no processo de ensino aprendizagem condizente com o dia-a-dia de seus alunos, e da comunidade que está inserido. Perceber como estes professores conseguem se identificar na comunidade quilombola, em meio aos processos constitutivos de identidade.

Levantar estas questões juntamente com os professores e discuti-las em um refletir e agir participante ocasiona possíveis saídas aos problemas enfrentados. Este estudo encaminhará à geração futura, maior conhecimento do tema em questão, o que desencadeará uma possível mudança nas ações pedagógicas dos professores, bem como melhoria em suas práticas pedagógicas, e conseqüentemente, uma mudança considerável no conceito de cultura e sua valorização, trazendo para a sociedade de Lage um olhar de cultura desfolclorizada.

A presente pesquisa se apresenta como sendo de natureza qualitativa e tendo como viés de abordagem e de análise, a pesquisa participante, e como definição, um processo de pesquisa de educação, apontada por Brandão, (1988), que mostrou algumas iniciativas metodológicas desta pesquisa citando a autenticidade e compromisso. A pesquisa exploratória se faz presente, assim como a análise do conteúdo que também está inserida nesta metodologia como estratégia de estudo dos dados obtidos.

Em decorrência de sua relevância e complexidade, trazendo a ação-reflexão-ação, coletiva como prática de investigação nesta comunidade quilombola, argumentando sobre a grande necessidade de ações escolares que influenciem para melhorar a vida dos indivíduos. Alunos e professores passam uma grande parte de seu tempo no ambiente escolar, e este deve se fazer mais do que acolhedor, tendo como responsabilidade o empoderamento daqueles que ali frequentam. É de responsabilidade da escola, cuidar para que este ambiente educativo não se mantenha longe da realidade dos educandos, colaborando para o seu desenvolvimento integral, este lugar, precisa estar dotado de ações que se vinculem ao contexto e vivências culturais dos educandos. Principalmente em se tratando de um lugar quilombola, repleto de alegria, coragem, fé, cultura, história e marcas de uma sociedade escravocrata.

Vincular o ensino escolar, bem como seus conteúdos curriculares à realidade dos alunos não significa deixar de ensinar as disciplinas afins, mas, perfazer o caminho da valorização do conhecimento que o aluno já traz, em seus diferentes

espaços, as experiências, os conhecimentos, as culturas, os conceitos próprios e as histórias de vida.

Para conseguir atingir o objetivo principal, propõem-se os seguintes objetivos específicos: Diagnosticar nos documentos oficiais da Escola, a presença ou não das culturas e manifestações culturais da comunidade de Lage dos Negros; Descobrir se as práticas se coadunam com as informações trazidas nos documentos; revelar como se dão as práticas dos professores que lecionam na Escola Quilombola de Lage dos Negros; Oportunizar a articulação entre os docentes da Escola Rural Quilombola de Lage, pela realização de uma Tertúlia Dialógica Cultural, com a finalidade de levantamento das demandas de formação dos professores da escola, sobre a história e cultura afro-brasileira em Lage; Potencializar outras Tertúlias Dialógicas Culturais na Escola Quilombola, a partir das demandas de formação levantadas na primeira tertúlia para uma possibilidade futura de, construir coletivamente um “Acervo Histórico Cultural” do lugar, para ser usado pelos professores da escola sendo amplamente divulgado e conhecido por todos da comunidade, e por aqueles que visitam Lage dos Negros.

No decorrer da pesquisa, os docentes receberam a proposta e se colocaram à inteira disposição para o trabalho, permitindo que a pesquisa fluísse em um clima de parceria, confiança e efetividade. Este acolhimento também partiu das representantes da Associação dos Quilombolas, que demonstraram interesse pelo tema e fizeram questão de mencionar a preocupação com o distanciamento das escolas em relação à cultura do lugar, seus anseios, dificuldades, sonhos e lutas. Neste trabalho, o caminho representou a pesquisa, os fios, às ações desenvolvidas, as metodologias e a teia representam o trabalho concluso, a arte, tudo que foi realizado.

A cada caminhada, em cada viagem e visita, fios iam sendo construídos e avançados em direção à essa seara, em um contexto de pesquisa participante que foi se desdobrando ao longo do caminho. Aqui, se apresenta a trajetória da autora e o panorama da pesquisa. Um discurso introdutório de todo o trabalho realizado. O primeiro capítulo apresenta-se enriquecido de discussões sobre os teóricos que apoiam esta vertente investigativa. Com o título: **Alargando o caminho e ampliando o olhar: conjectura teórica**. Este traz as discussões estabelecidas pelos autores que fundamentam a pesquisa e as categorias firmadas neste contexto para o fortalecimento e embasamento do tema apresentado. São elas: Identidade

cultural discutida por: Hall (2011), Munanga (2001), Bhabha (1998), Williams (1979) e Geertz (2008) que contemplam os estudos de cultura e identidade para a construção social e histórica do homem em seu meio.

O segundo capítulo traz como título **Práticas docentes: fios condutores de uma educação para a diversidade**, trazendo o contexto das Práticas Docentes: mediado por Candau (2003), (2011), (2012); Moita (2002); Cavalcante (2015), Bauman (2007), Franco (2012), Gatti (2010), como aportes discursivos acerca das práticas dos docentes e o seu desempenho em sala de aula, no discurso aponta-se a Educação do Campo, discutida por Caldart (2003), Arroyo (1992), Freire (1987), Rios (2015); Preconceito: articulado por: Silva (2004), Munanga (2008), Santos (1984) e Cunha (1979), apresentando questionamentos e argumentos contra o preconceito e as discussões das práticas docentes.

O terceiro capítulo se apresenta como: **Fio a fio, construindo teias: metodologia da pesquisa**: discutido por Triviños (1987), Bardin (1977), (2009), Gatti (2006), Brandão (1988), Bogdan e Biklen (1994), Creswel (2010) estes, fomentam a pesquisa como prática de conhecimento fundamentam toda a estrutura e tipo de pesquisa, metodologia, estratégias de tabulação de dados, entrevistas, observações e análises dos objetos encontrado, bem como seus resultados.

Chamado de: **Construindo teias. Tertúlia dialógica cultural: a ação esperada**. Este capítulo se configura como o produto da pesquisa. O objeto de intervenção no lócus. Fundamentado por: Mello (2004), Freire (1996), Soler (2001), Veiga Neto (2003). Estes autores reforçam a metodologia utilizada na intervenção, perpassando as discussões tecidas ao longo da realização do produto. Mediando as discussões, intervenções e resultados obtidos. Por fim, as considerações finais da pesquisa.

Na última parte deste trabalho, são evidenciadas as **Considerações finais** da pesquisa e o desejo de novas possibilidades a partir das intervenções realizadas, a possibilidade de uma continuidade no produto de pesquisa e outras intervenções como fios condutores de uma educação que se perpetua. No final do texto encontram-se alguns anexos e apêndices, como documentos que foram utilizados neste trabalho.

Entendendo a comunidade quilombola como celeiro de identidade, cultura e diversidade, pressupõe-se a escola enquanto “instituição de poder interligada com o meio social dos alunos”, como espaço que necessita estar envolvido nesta

realidade, o que torna as categorias interligadas. Apresentando o cenário da educação do campo, a relevância dessa realidade e a necessidade do entendimento deste contexto para o fortalecimento das escolas e da garantia de um ensino de qualidade para os educandos deste meio.

Assim, o presente estudo vem discutir sobre as práticas dos docentes da Escola Quilombola, trazer conhecimento sobre a realidade da Comunidade quilombola de Lage dos Negros e refletir sobre as condições dessa comunidade Negra Rural que, como muitas outras, ainda permanece à margem de uma sociedade que desvaloriza essas riquezas que fazem parte da história de todos nós. Um povo que não perde a esperança e o desejo de sempre lutar e buscar outras saídas para os problemas que cercam o cotidiano, sempre mostrando coragem e determinação no decorrer da história. Para início de leitura é necessário um convite a caminhar e tecer novos conhecimentos, junto ao contexto desta Pesquisa. Pés na estrada!

1. TECENDO O CAMINHO E AMPLIANDO O OLHAR: CONJECTURA TEÓRICA.

*Lá vem a força, lá vem a magia, que me incendeia o corpo de alegria
Lá vem a santa maldita euforia que me alucina, me joga e me rodopia
Lá vem o canto, o berro de fera, lá vem a voz de qualquer primavera. Lá vem a unha
rasgando a garganta, a fome, a fúria, o sangue que já se levanta
De onde vem essa coisa tão minha, que me aquece e me faz carinho?
De onde vem essa coisa tão crua, que me acorda e me põe no meio da rua?
É um lamento, um canto mais puro que me ilumina a casa escura
É minha força, é nossa energia, que vem de longe pra nos fazer companhia
É Clementina cantando bonito, as aventuras do seu povo aflito
É Seu Francisco, boné e cachimbo, me ensinando que a luta é mesmo comigo...*

Milton Nascimento²

O trecho da música acima relata o sentimento de quem se reconhece como parte de um povo que tem consciência de sua história e identidade. A música evidencia muita alegria e também, a vontade de reagir ao lamento, ao conhecimento e a necessidade de indignação de muitos que, contribuíram bastante para uma sociedade marcada pela luta, pelo sofrimento, direito, cultura, identidade e diversidade. É nesta sagacidade do autor que se firmam as questões de empoderamento, no qual se pode evidenciar a africanidade nos brasileiros.

Emitir sobre assuntos, julgamentos e conceitos epistemologicamente construídos, garante a veracidade do que podem ser chamados de estudos, diálogos e mediações científicas para a construção do conhecimento, por parte de autores que dedicaram ou dedicam suas vidas em prol da busca científica, com a finalidade de respaldar suas falas.

Os autores europeus e Americanos viram uma África “de fora”, um olhar externo que não lhes permitiu enxergar a África em sua essência. Nas últimas décadas, há uma produção de estudos sobre o continente africano elaboradas por africanos, que com um “olhar de dentro” não somente discutindo sobre o contexto histórico, mas, a literatura, cultura, e outras áreas. Destas pesquisas mais contextualizadas, muito se descobriu, inclusive ao curioso fato da dificuldade com que os escravizados lidavam com a organização das formas de resistência. Como declara Genari (2011, p.29):

²**Milton Nascimento** - apelidado "**Bituca**", é um cantor e compositor brasileiro reconhecido mundialmente como um dos mais influentes e talentosos cantores e compositores da Música Popular Brasileira. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org>. Acessado em 19/072017.

As coisas se tornam difíceis, também em função da constante renovação do contingente de escravos que ocorre, ora para expandir as atividades produtivas, ora para substituir os que já não rendem o desejado pelos senhores. O fato de não ter vínculo com os que se encontram no plantel e, às vezes de não falar a mesma língua, cultura e crença religiosa, fazendo com que, muitas vezes, a divisão prevaleça sobre a união.

Este fato explica o longo período em que a escravidão perdurou. A falta de entrosamento, desunião e o diálogo por parte de alguns, dificultava a organização de grupos de resistência. Ainda mais pelo distanciamento destes grupos, fosse de uma plantação à outra, ou de uma fazenda à outra.

Nas escolas, a escravidão é sempre lembrada de forma superficial, meramente apontando como uma necessidade de fazer conhecer uma época vivida pela história brasileira, enfatizando a princesa Izabel como uma mulher doce e generosa que tirou os escravizados do grande sofrimento. Uma história que escondia o contexto histórico da escravidão de um povo que ao longo dos séculos criaram várias formas de resistência.

A Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu Art. 216, diz que os quilombos constituem patrimônio cultural brasileiro, porque são portadores de referências à identidade e à memória de um dos grupos formadores da nossa sociedade. As grandes pressões dos movimentos populares, que lutavam por valorização dos grupos étnicos, que historicamente eram invisibilizados e discriminados social, político e economicamente marcaram o início dos anos 2000. Estas pressões organizadas e realizadas pelos movimentos populares viraram a marcha que emergiu com e dos grupos negros, desencadeando sérias discussões e ações que trouxeram visibilidade a todos que se fizeram ouvir os gritos de muito clamor por reconhecimento e igualdade de direitos entre os membros sociais do contexto ao qual fazem parte todos os brasileiros.

A história brasileira foi marcada por um grande acontecimento: especificamente no dia 09 de janeiro de 2003 a Lei 10. 639/03 foi promulgada alterando a Lei 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, incluindo a seguinte redação:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

§ 3º (VETADO)

Art. 79-A. (VETADO)

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

Por conta de discussões para ampliar o contexto e incluir também a História e Cultura dos povos Indígenas, em 2008, a Lei 9.394 de 1996 sofre mais uma alteração em seu texto e em 10 de março de 2008 a Lei 11.645/08 surge trazendo:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura Afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura Afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira.

Em regime de colaboração, é dever do estado desenvolver projetos de desenvolvimento social e educativo destas comunidades que, na maioria das vezes permanecem esquecidas, à margem da sociedade, em situação de pobreza. Com o

objetivo de instituir o Sistema Nacional de Cultura, é que essa Emenda Constitucional criada, pela Câmara dos Deputados e posteriormente publicada no dia 12 de novembro de 2012, oferecia:

Art. 216-A. O Sistema Nacional de Cultura, organizado em regime de colaboração, de forma descentralizada e participativa, institui um processo de gestão e promoção conjunta de políticas públicas de cultura, democráticas e permanentes, pactuadas entre os entes da Federação e a sociedade, tendo por objetivo promover o desenvolvimento humano, social e econômico com pleno exercício dos direitos culturais.

Assim, explica-se de maneira curta e clara a descentralização do desenvolvimento humano, social, econômico e cultural. A Câmara dos Deputados e o Senado Federal priorizaram essa premissa e recorrem aos municípios também, para se fazer cumprir a Lei, que favorece os quilombolas. A carência destas comunidades locais, não se caracteriza e nem pode ser encarada por apenas exteriorização dos direitos às propriedades do campo.

1.1 As comunidades quilombolas

Após a Abolição, os escravizados foram deixados à mercê de toda e qualquer discriminação, sem política de acolhimento nem emprego, sem nenhum projeto que desse suporte a esta população que saía da escravidão. Na época do Brasil Colônia, assim como no Império, surgiram os quilombos que foram contrários a escravidão, uma forma de organização dos negros ou outras pessoas que viviam na opressão, e resolviam fugir para se organizar e formar comunidades, uma forma de resistência. Estas por sua vez, serviam de válvula de escape para outros fugitivos, por serem sempre em áreas desabitadas, de difícil acesso. O lugar quilombola apresenta-se como um espaço multicultural por não se restringir apenas aos descendentes, de escravos que organizaram essas comunidades que estavam saindo da abolição.

Miranda, (2009, p.19) traz a seguinte consideração sobre o quilombo: “pode-se afirmar que este tem passado atualmente por vários questionamentos, diferindo da ideia de rebeldia de fuga e de enfrentamento”. Atualmente, muitas destas comunidades ganharam voz e vez, vivem na busca crescente de aceitação e respeito. Dentro desta perspectiva, Moura (2007, p.12) sugere:

Hoje, os quilombolas buscam superar a prática da cultura de subsistência e acreditam na possibilidade de sobreviver respeitando os costumes do passado e os valores ancestrais, procurando estratégias de desenvolvimento sustentável, na perspectiva de garantia de vida digna. Há avanços nas políticas públicas para as áreas de comunidades remanescentes de quilombos, como, por exemplo, o Decreto n. 4.887/2003 que “Regulamenta o procedimento para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias”. Este Decreto apresenta um novo caráter fundiário, dando ênfase à cultura, à memória, à história e à territorialidade, uma inovação no Brasil, que é o reconhecimento do Direito Étnico. O estudo da história dos quilombos contemporâneos é de suma importância na afirmação da identidade do povo brasileiro e a sua inclusão no currículo da Educação Básica é fundamental para a formação da nacionalidade.

Negar o contexto cultural de uma comunidade é negar sua própria história, devido ao processo de crescimento, descobertas e construção de conhecimento ao longo do tempo. Apreciar estas vivências oportuniza o fortalecimento da identidade do povo brasileiro em sua diversidade.

De acordo com a Fundação Cultural Palmares, os quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantêm suas tradições culturais, e religiosas ao longo dos séculos.

Nesta perspectiva entende-se que, a comunidade quilombola apresenta-se como um espaço multicultural por não se restringir apenas aos descendentes de escravos que organizaram essas comunidades, construídas com muita coragem e determinação que resistem há vários séculos. Dentro desta discussão e por um viés africano, Munanga (2001, p. 25), traz a seguinte definição de quilombola:

A palavra quilombola tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens e os integravam como co-guerreiros num regimento de super-homens invulneráveis às armas de inimigos.

Assim, os quilombos foram se formando no Brasil, estes locais marcaram a história por força e determinação, mas, também por lutas e mortes em defesa de liberdade e vida digna. Estas lutas não cessaram, os dados estão aí para mostrar que muitas destas comunidades quilombolas ainda estão em busca de

reconhecimento, de dignidade e igualdade de direitos. Na figura do mapa brasileiro elas podem ser quantificadas e visualizadas de acordo com sua região.

Figura 1 – Comunidades quilombolas com processos abertos para regularização dos seus territórios



Fonte: Dados do INCRA (2017).³

O mapa evidencia nitidamente a quantidade de processos de reconhecimentos no período de 2005 a 2006. Neste panorama a região Nordeste se destaca na busca deste reconhecimento de territorialidade. Afunilando esses conhecimentos para a atualidade, é possível constatar através da tabela de processos que o caminho percorrido por estas comunidades que almejam a regularização ainda é longo, burocrático e por muitas vezes complexo.

Quadro 1 - Processos territoriais quilombolas no Brasil Bahia.

Processos Especificados	Quantidades
Portarias	121
Decretos	82
RTID (Relatório Técnico de identificação definição)	213
Títulos	86
Total	502

Fonte: A própria autora a partir de dados do INCRA 2017.

³Mapa construído pela autora com informações colhidas no site do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA: Disponível em: <http://www.incra.gov.br/quilombola>. Com acesso em: 27/05/2017.

O Quadro1 mostra que, dos 502 processos encaminhados ao INCRA, no período de onze anos apenas oitenta e seis receberam o título. Este é um dado marcante para a pesquisa já que a construção de identidade cultural perpassa um caminho longo até à certificação. De acordo com as certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQS) atualizadas até a portaria nº 146/2017, publicada no D.O. de 25/04/2017⁴, o município de Campo Formoso já conquistou a soma de 21 comunidades que receberam este título. Pouco a pouco, lutas e lutas travadas e muitas vitórias sendo concretizadas. A Fundação Cultural Palmares divulga que, até 25 de abril de 2017, são 2.958 comunidades com certidões expedidas. Esta Fundação tem crescido muito e vem sempre defendendo que os quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantêm suas tradições culturais, ao longo do tempo de subsistência e religiosas ao longo dos séculos, como afirma Miranda (2009, p. 33).

Em diferentes espaços o escravo fez-se presente com o seu trabalho, seus costumes e sua religiosidade, desempenhando desde os primeiros momentos da colonização papel fundamental na formação étnico/cultural. Nesse processo, o africano escravizado foi encontrando meios de superar as adversidades em uma nova sociedade, tornando mais suportáveis seu cotidiano e sua convivência. O africano escravizado, com exceção de inúmeros suicídios cometidos por homens e mulheres, procurava alternativa de sobrevivência fugindo ou criando táticas de defesa para dissimular sua difícil condição.

A autora retrata várias situações como estas que, caracterizam as comunidades quilombolas em sua maioria, por se tratar de fatos históricos pontuais que desencadearam uma busca incessante pela liberdade e igualdade de direitos. São situações que merecem destaque no estudo da história que desencadeou o surgimento dos quilombos que ainda lutam para manter vivos suas tradições culturais, e o fortalecimento das associações para as conquistas de seus espaços, leis e direitos.

Dentre estes quilombos se encontra Lage dos Negros, uma comunidade negra rural, situada no Norte da Bahia, distrito da Cidade de Campo Formoso. De acordo com o Plano Municipal de Educação PME, 2014 a cidade era habitada pelos índios Sapoíás, Paiaiás, Tocós, Secaquerinhéns, todos pertencentes ao grupo dos

⁴Comunidades certificadas. Disponível em <http://www.palmares.gov.br>. Acessado em 27/05/2017

Quiriris, formando a grande nação dos Tapuias. Pode-se visualizar claramente nos mapas abaixo, a localização da cidade de Campo Formoso e da comunidade quilombola ao norte da Bahia: No primeiro em vermelho a cidade de Campo Formoso, enquanto que no segundo, Lage dos Negros aparece em ponto vermelho e preto.

Figura 2 - Mapas da localização de Campo Formoso e Lage dos Negros na Bahia.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

Lage, fica distante 100km de Campo Formoso. Sua história assemelha-se à construção histórica de outras comunidades quilombolas. Segundo Miranda (2009, p.41), pode-se perceber uma semelhança nas atitudes dos escravizados.

Figura 3 - Mapa satélite da comunidade de Lage dos Negros.



Fonte: Digital Globo, Dados do mapa ©2017 Google.

Eles romperam os desencantos e driblaram as dificuldades saindo em busca de novas terras, lugares que lhes permitissem uma vida melhor. Formaram comunidades, com o suor de seus rostos, tiraram da terra o sustento, com jeito de liberdade conservaram sua cultura, sua alegria e suas esperanças.

Todas as comunidades quilombolas resistiram a tantas e tantas dificuldades que marcaram seus trajetos na história, mas não conseguiram apagar a força da persistência para conseguir um lugar na sociedade que é de todos por direito e mesmo assim, lhe foram negados por longas décadas. Atentando, de acordo com Prince (2000, p. 249), a:

O que essas comunidades de diversas origens têm em comum, além da cor da pele de seus habitantes, é uma resistência cultural de longas décadas, em um território explorado geralmente pela caça, pesca e agricultura de subsistência, sem subdivisões e escritura oficial.

Desta forma, pode-se afirmar que, de lutas e desafios assim também, os antepassados de Lage, se fincaram naquele lugar com o desejo de liberdade e a cultura que marcaram a história de vida do povo quilombola desta comunidade. Situada no interior do Município de Campo Formoso, Lage se identifica como uma comunidade remanescente de quilombo.

2 IDENTIDADE QUILOMBOLA

"Sou negro que fugiu do cativoiro,
Deixei meus grilhões lá na senzala.
Sou negro que lutou a vida inteira,
sou livre, sou feliz sou capoeira!
Sou, sou quilombola, eu sou.
Sou, sou quilombola, eu também sou!
Descendente do povo de Angola,
Sou, eu sou, sou quilombola.
Laiê, ilaiê, lalaliê."
Cantiga de roda de jongo⁵

A cantiga de roda de jongo traz fortemente o sentimento de pertencimento quilombola e a identidade que suscita no indivíduo a necessidade de viver e referenciar suas raízes, sua história e suas lutas e vitórias numa construção individual e ao mesmo tempo coletiva. Partindo deste contexto entende-se que é preciso entender identidade como algo importante para o fortalecimento da personalidade de cada pessoa e se caracteriza como um grande passo para o reconhecimento da necessidade desta construção identitária. Hall (2014, p.109), discute identidade, como algo construído dentro do discurso que precisa ser compreendido por todos, para que sejam produzidas por meio das diferenças e não ao contrário. Ainda nesta obra, mais precisamente, Hall (2014, p.109) ainda discute que:

As identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do outro e que, assim, elas não podem nunca ser ajustadas – idênticas - aos processos de sujeitos que são nelas investidos.

O mais importante é que todos percebam que as identidades provocam discussões devido a sua multifacetada significação. São as várias identidades individuais do sujeito que formam o rosto do lugar. No quilombo é possível identificar a complexidade de lidar com a aceitação e valorização da identidade do lugar. É na escola que se pode identificar os percalços que permeiam esta discussão. Dentro do

⁵Rodas de jongo saideiras na Festa da Cultura Negra, no Quilombo São José da Serra (Santa Isabel do Rio Preto, distrito de Valença-RJ) disponível em <https://www.youtube.com> com acesso em: 04/09/2017.

aporte de construção das identidades quilombolas torna-se válido trazer o depoimento da professora quilombola P6:

As mães, elas têm aquela vergonha de ver os seus filhos com aquele cabelinho duro, né? E elas querem passar alguma coisa pra alisar e não diz pra eles que ali, é uma cultura de nosso lugar e a gente tem que se aceitar como agente é, né?(entrevistada pela autora no dia 24/07/2017, em sua residência)

A fala da professora acima demonstra que a mesma conceitua identidade de maneira imutável e tradicional. Neste depoimento, a professora vivencia o fato das mães de seus alunos não se aceitarem como quilombola e negarem a identidade dos filhos. Assim, é importante argumentar que independente da postura dos pais, Moita (2002, p.38) diz que a escola pode desempenhar um papel muito importante na vida dos indivíduos, quando estes se depararem com outras práticas discursivas, e suas identidades forem reexperienciadas ou reposicionadas. Bhabha, (1998, p. 9) faz uma reflexão muito importante sobre a identidade:

A imagem é apenas e sempre um acessório da autoridade e da identidade; ela não deve nunca ser lida mimeticamente como a aparência de uma realidade. O acesso à imagem da identidade só o possível na negação de qualquer idéia de originalidade ou plenitude; o processo de deslocamento e diferenciação (ausência/presença, representação/repetição) torna-a uma realidade liminar. A imagem é a um só tempo uma substituição metafórica, uma ilusão de presença, e, justamente por isso, uma metonímia, um signo de sua ausência e perda.

Então, diante desta afirmação vê-se a necessidade do conhecimento, e discussões sobre a imagem, já que a mesma pode se apresentar como um acessório da identidade. O que se apresenta diante de cada visão configura algo diferente, pois não há verdades absolutas, apenas opiniões diferentes. E as discussões é que devem perpassar os ambientes, para que os pontos de vistas sejam conhecidos e discutidos, para a construção de identidades.

A pós-modernidade traz encadeamentos na questão da identidade, mostrando que as culturas em que nascemos tornam-se a fonte de identidade. Infelizmente criou-se uma identidade nacional que se pode dizer também que contribuiu para o processo de homogeneização também cultural, surgiu um padrão para tudo e a igualdade fincou-se como linearidade para todos sem distinção. Resta

saber de que maneira o hibridismo cultural é encarado pelos educadores, em relação ao reconhecimento e construção de identidade dos educandos. Já que é pelo processo de experiência, contar, narrar e ouvir histórias, que as identidades vão sendo construídas como afirma Moita (2006, p. 30):

Em outras palavras, os participantes em sala de aula estão (re-) construindo suas identidades sociais nas histórias que lêem, escrevem, contam e ouvem nesse contexto. Esse potencial das narrativas só pode ser compreendido ou explorado pedagogicamente se o professor conceber identidade e discurso como construções sociais.

Nestas instâncias, fazer valer esse pensamento, nos remete a enxergar a escola como um espaço de democracia, um lugar de respeito às diversidades e construção de conhecimentos, onde professores, alunos e pais arquitetam significados e identidades, apontadas pelo reconhecimento da sociedade e da cultura local no seu dia a dia, sempre marcado por tempo e espaço.

Todas estas questões podem ser trazidas para dentro da instituição escolar, pois a identidade permeia a escola de significados. Lembrando que a identidade está intrinsicamente ligada à diversidade. Enquanto instituição de produção de saber e espaço de força e poder o ambiente escolar oportuniza o labor de conviver com todas estas diversidades que também são identitárias. Aqueles que assumem sua identidade e a evidenciam através da aparência muitas vezes criticam os que assim não agem. Acreditam que a consciência negra também perpassa a estética. Isto é observado na expressão da presidente da associação de Lage dos Negros quando diz:

Hoje tudo é mais fácil, mas, algum tempo atrás, eu ia para Juazeiro para trançar meus cabelos e quando eu chegava, muita gente dizia que eu tava era doida, com os cabelos daquela forma. Me olhavam de um jeito... parecia que estavam vendo ... (Depoimento colhido no dia 27/06/2017 na Tertúlia dialógica)

Num sentimento de grandes descobertas os quilombolas se enxergam dentro desta complexidade, mas, não é tão fácil assim, por isso fala-se em complexidade. É atribuído a esse fato, a inerência das transformações sociais ao longo do tempo, o que infere sobre a identidade pela globalização e modernidade. Se apegando ao discurso de Moita (2006) e Hall (2006) pode-se afirmar que estas identidades estão

sempre em um processo dinâmico de novos conceitos ações e pensamentos, assim como suas reflexões, sejam elas individuais ou coletivas.

O processo de valorização, construção e reconstrução de identidade tem se tornado alvo de muita atenção, devido a sua grande importância no processo de socialização do indivíduo. Hall (2011) fala sobre o processo de identidade como uma ocupação do sujeito no mundo social e cultural chamando de “Crise de identidade”. Munanga (2005, p. 9) enfatiza a importância da educação para todos falando do lugar de um pesquisador que vivencia o cotidiano de comunidades quilombolas que, lutam incessantemente por educação e educação de qualidade, o autor afirma que:

A educação é um direito de todos, e o Brasil de hoje, graças aos esforços realizados nos últimos anos, já está muito próximo de ter todas as suas crianças na escola. Isso é essencial para a construção de um Brasil mais justo. Mas não é suficiente. É preciso, ainda, que a educação tenha qualidade, que sirva para abrir os espíritos, não para fechá-los, que respeite e promova o respeito às diferenças culturais, que ajude a fortalecer nos corações e mentes de todos os brasileiros o ideal da igualdade de oportunidades.

Estes termos reforçam de maneira interessante o papel da escola e estas construções de identidades e outros autores também defendem este pensamento, como é o caso de Moita (2002, p.59): argumentando também sobre a escola e sua importância na construção das identidades sociais, onde cada saber construído agregado às reflexões, discursos e significados exteriores formam também o que somos e a cultura da qual também participamos.

Pode-se dizer então que, a escola se fundamenta como uma grande aliada na construção, e reconstrução da valorização destas identidades quilombolas, bem como sua legitimação, formando cidadãos conscientes de seus deveres, críticos na busca de seus direitos, cientes de suas histórias, construções e mudanças para a dignidade de seus direitos. A instituição escolar que não se configura com a prática de agregar valor às histórias vividas e a realidade cultural de seus educandos, pode se tornar alheia à realidade de seus alunos com uma visão fragmentada do contexto de formação social, pessoal e cultural.

2.1 Do conceito de cultura a cultura no quilombo

Compreender a cultura como estruturas de significado socialmente estabelecido, promoverá a ideia de que o conceito de cultura não se apresenta apenas nas expressões culturais, como trazemos em nosso conhecimento colegial que muitas vezes é transmitido na escola na sociedade e nos movimentos populares. É algo grandioso que permeia o social, o psicológico, o comportamental e as atitudes habituais construídas coletivamente, como evidencia categoricamente Cavalcante (2014, p.9):

Os agentes sociais são produtos da história, da história do campo social e de experiência acumulada na trajetória. Nesse sentido, falamos de campo pedagógico que, em relação à estrutura social mais ampla, se faz subcampo que, por sua vez, influencia tal estrutura. De outra forma, os agentes determinam ativamente, por intermédio de categorias de percepção, de apreciação, social e historicamente constituídas, a situação que os determina. Podemos dizer que os agentes sociais são determinados na medida em que se determinam, havendo, pois, a reciprocidade.

Desta forma, é que a cultura se expande a ponto de erigir uma teia de ações cotidianas, histórias, estruturas sociais, comportamentos, construções identitárias e muito mais. Não se pode deixar de mencionar a visão de que o Brasil se apresenta como país de múltiplas culturas, que se misturam e mesmo de maneira específica interagem-se mutuamente, contribuindo para os processos identitários. Um país formado e marcado pelas contribuições de europeus, asiáticos, índios e negros. Como especifica Munanga (2008, p. 107).

Estamos de acordo que o Brasil é uma nova civilização, feita das contribuições de negros, índios, europeus e asiáticos que aqui se encontraram [...] Nessa nova cultura, que não chegou, a meu ver, a se configurar como sincrética, mas que eu qualificaria como uma cultura de pluralidades, partilhadas por todos, é identificável a contribuição do índio, do negro, do europeu de origem italiana, portuguesa, alemã, do asiático, etc. Por exemplo, a música baiana (axé music) é cantada e dançada em todos os cantos do Brasil. Na sua estrutura pode haver elementos de outras procedências (jamaicanos, americanos, etc...) que dariam a ela certo conteúdo sincrético. Mas em termos de identidade que não é sinônimo de pureza, trata-se de uma música afro-baiana, apesar de ser cantada por todos os brasileiros sem discriminação racial.

Em um contexto ético e científico, o autor, enfatiza a diversidade e a mistura de culturas que o Brasil irradia. Em outras palavras trata-se de uma infinidade de

ações humanas que demandam essa mistura cultural. Então, em se tratando dessas diversas ações humanas que se inter-relacionam e se misturam, a cultura se põe além das manifestações culturais: ritos, arte, música, culinária, religião, arquitetura, símbolos, literatura, tradição e histórias.

O autor traz uma reflexão quanto à etnografia, que a cultura apresenta tão complexa e minuciosa que nem etnograficamente ela se aparece completamente evidente.

Durante muito tempo o conceito de cultura esteve acirradamente imbricado ao fato de que a mudança da sociedade estava ligada à economia.

A teoria marxista era cientificamente taxativa e trazia a cultura em um contexto fechado. Mas, em meados do século XX, os historiadores ingleses se colocaram à frente de uma reflexão que fortemente sacudia as teorias tradicionais que defendiam este paradigma, quebrava e rompia com o materialismo histórico, protagonizando a cultura como fonte de mudança da sociedade. Trazendo assim, um conceito de cultura como experiências de vida somadas, numa proporção de histórias individuais que se inter cruzam num movimento social. Um movimento que desenvolve o processo civilizatório, trazendo uma visão de sociedade civil, como diz Williams (1979, p.20).

As duas reações decisivas de um tipo moderno foram, primeiro, a ideia de cultura, oferecendo um senso diferente de crescimento e desenvolvimento humano e, segundo, a ideia de socialismo, oferecendo uma crítica social e histórica da “civilização” e “sociedade civil”, e uma alternativa a elas, como condições fixas e realizadas. As ampliações, transferências e sobreposições entre todos esses conceitos modernos e modeladores, e entre eles e os conceitos residuais de tipos muito mais velhos, foram excepcionalmente complexos.

Williams (1979, p.23) continua a se apresentar mostrando essa realidade complexa:

A complexibilidade do conceito de “cultura” é, portanto, notável. Tornou-se um nome do processo “íntimo”, especializado em suas supostas agências de “vida intelectual” e “nas artes”. Tornou-se também um nome de processo geral, especializado em configurações de “modos de vida totais”. Teve um papel crucial em definições de “artes” e “humanidades”, a partir do primeiro sentido. Desempenhou papel igualmente importante nas definições das “Ciências Humanas” e “Ciências Sociais”, no segundo sentido. Cada

tendência se inclina a negar o uso do conceito à outra, apesar de muitas tentativas de reconciliação.

Assim, tal fala relaciona a cultura como algo a mais para os estudiosos da área, que dentro da realidade científica apresenta o termo como pertencente a toda a sociedade, como forma de representar identidades, formas de vida, construções coletivas e mudanças de uma comunidade ao longo do tempo.

O lugar das discussões sobre cultura problematiza reflexões sobre o caminhar dos indivíduos na sociedade, na comunidade e em outros grupos sociais mais específicos, por estes irem se fazendo nas relações estabelecidas neste contexto social. São essas vivências que permitem ao homem construir suas ideias, produzir seus conhecimentos e história, se tornando indivíduo com uma bagagem cultural individual que interage com outros seres de seu grupo social, em posição de auto reconhecimento de individualidade e coletividade.

Merecendo conhecer os caminhos percorridos para se chegar a este presente ou a um futuro próximo, entendendo como foi formada a comunidade, os grupos, as pessoas. Foram quase três séculos sem discussões específicas sobre cultura, esta era discutida, mas sem questionamentos sérios sobre seus conceitos. Veiga-Neto, (2003, p.7) faz uma análise do processo histórico do conceito de cultura quando esta designava o conjunto de tudo que a humanidade havia produzido de melhor em termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos ou literários. Um pensamento único e universal que durou anos. A cultura era caracterizada como status e a educação era entendida como um meio para adquiri-la. Muitas pessoas ainda compreendem a cultura nestes termos, conferindo a algumas pessoas o termo de culto por ter um nível acadêmico mais elevado. Dividindo os povos em cultos e não cultos. Apenas no século passado, ampliaram-se as discussões na dimensão de estudos culturais, pluralizando o termo. Veiga-neto (2003, p. 110) afirma que:

Mais recentemente, a política e especialmente os Estudos Culturais foram particularmente eficientes no sentido de desconstruir-ou, às vezes, no sentido de até detonar- o conceito moderno e nos mostrar a produtividade de entendermos que é melhor falarmos de culturas em vez de cultura.

Na singularidade e contexto específico de cada lugar, de cada caso, de cada grupo, de cada sociedade, de cada história, de cada comunidade, de cada sujeito, a

cultura se apresenta diversificadamente distinta e única. Geertz, (2008, p. 20) traz o seguinte desfecho sobre análise cultural:

A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta. Mas essa é que é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas.

Neste trecho, o autor explica sobre o grande desafio de interpretar a cultura, como vista de apenas uma proposição, devido a sua complexidade e densidade, mesmo no campo da etnografia. Assim, a cultura quilombola se diferencia em todos os sentidos pelo fato de cada uma ter sua história, seu contexto, suas aspirações, desejos e especificidades. Laraia (2009, p.64) destaca novamente a impossibilidade de precisar de modo fechado o conceito de cultura como pronto e acabado, reforçando a ideia de que a discussão sobre cultura, não promove um fim em si mesma, que “a compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana” reforçando assim, o diálogo com os outros autores.

Tomando como foco esta discussão, torna-se quase impossível pensar que todas as comunidades quilombolas têm a mesma cultura, só porque são surgidas do quilombo. O fato de Lage dos Negros se tratar de uma comunidade quilombola, não lhe caracterizará como uma comunidade igual a outras. Estas especificidades é que oportunizam a construção das identidades de seu povo e a diferenciá-la de outras comunidades, para o fortalecimento de seu coletivo na política de crescimento em educação, desenvolvimento social e humano daquela comunidade. O povo quilombola de Lage tem consciência disso, este fato se edifica no discurso da professora quilombola P1, quando diz:

Eu sou campo-formosense de coração, morava em Campo Formoso, e acho que tem quatro anos que estou morando aqui com meus filhos. Sou professora efetiva. Nossa cultura para mim é tudo! O que o povo tem, suas crenças, suas religiões, seus modos de vida, suas receitas... principalmente as daqui, que a gente tem mais apego, aprende mais com a cultura do lugar, a gente vê pelo modo das pessoas andarem nas casas dos parentes, lá em Campo Formoso a gente vê a diferença. Você vai a casa de alguém, a porta tá trancada. Aqui não! A porta tá aberta, você não tem o costume de ficar abrindo,

“você já abre a porta e a pessoa já lhe atende com o sorriso, né? Festa também é muito diferente, eles convidam você com aquela vontade de ver você na festa. Na cidade já é diferente, tem uma lista de convidados e aqui não. Eles gostam de quanto mais gente melhor, então a gente vê a diferença da cultura de um lugar com o outro, né, e eu acho que cultura é isso, é tudo o que o povo vive. São suas crenças suas religiões seus modos de vida, né, aqui a gente tem catolicismo, tem candomblé, tem o pessoal da igreja evangélica, todo mundo no seu lugar, né, respeitando. (Entrevistada pela autora no dia 24/07/2017 na escola)

Mesmo não sendo da comunidade a professora se sente do lugar e não esconde a admiração pelo modo de viver da comunidade. O sabor de conviver com o povo quilombola se afirma, quando ela se coloca como parte do lugar. Contextualizando a cultura com os modos de viver e conviver em um espaço de confiança e acolhimento.

Todos estes fatores aqui discutidos tendem a favorecer as discussões de Veiga-Neto (2003) quando ele fala de cultura e culturas, mostrando que esta, pluraliza-se em um jogo do dito e do vivido que se configura como diverso, capaz de serem entendidos e desenvolvidos por práticas discursivas.

2.2 Escola e quilombo: teias ou fiapos?

Entendendo a educação como um ato universal de instrução de todas as sociedades elabora-se um diálogo partindo da educação em si para a educação escolar, e posteriormente a relação desta educação escolar a as vivências diárias dos alunos da comunidade quilombola. A educação quilombola, entendida como uma educação de liberdade marcada pela subjetividade história, marcas de um povo, em seu sentido maior e a educação escolar, protagonizada por um tradicionalismo um sistema de ensino alheio ao sujeito. Ferreira e Castilho, (2014, p. 12), assim as autoras reforçam:

Educação Quilombola é aquela própria de um povo, diversa e vinculada a uma especificidade cultural. Embora com algumas semelhanças entre comunidades, em suas maneiras de estabelecer processos educativos, cada uma tem sua dinâmica influenciada pelas formas tradicionais de organização social. Na maioria destas comunidades, a socialização dos conhecimentos, das tradições, do “ser quilombola”, se dá a partir da convivência e observação dos

mais velhos, tendo a tradição oral como o mais importante meio de transmissão do conhecimento.

Diante destes conceitos das autoras, pensa-se então no fato da escola ser ou não ser quilombola. Muitas instituições estão inseridas dentro de uma comunidade de quilombo, mas, não realiza um trabalho voltado para a educação quilombola. Não consegue se desprender do trabalho tradicional orientado por um sistema educacional que durante anos reprimiu e segregou.

O ensino de História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares, ainda se trata de um grande desafio para os educadores, a escola, ainda não consegue deixar de tratar o ensino como homogêneo com sistema único. Muitas das escolas de quilombo não conseguem conciliar o currículo com a realidade da comunidade e as vivências dos seus educandos. Maria, uma jovem aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Manancial da comunidade quilombola de Lage dos Negros, em Janeiro de 2015 reforçou esta afirmação quando expressou: “Faço pedagogia para ensinar na minha comunidade e ajudar a manter os nossos costumes, a nossa cultura que está se perdendo, pois as escolas não valorizam nossa realidade.”(grifo da autora). As escolas de quilombo muitas vezes, seguem trabalhando uma educação à parte, como se os educandos pudessem dividir seu cotidiano: a escola como uma coisa e a comunidade como outra.

É difícil pensar que, na maioria das vezes o aluno entra na escola e, é como se este deixasse do lado de fora toda sua realidade para viver outra, que é transmitida dentro da escola. A educação que deveria permear as ações em mediar e tecer conhecimentos, acabam se tornando fiapos de uma lei que muitas vezes não sai do papel, acaba guardada em uma gaveta qualquer.

A escola como espaço cultural e histórico tem como premissa oportunizar o estudo da História e cultura Afro-brasileira, e é a sua responsabilidade que se torna ainda maior, quando está inserida numa comunidade quilombola. Trazendo novamente para esta discussão a Lei 10.639/2003, faz-se ampliar a visão de que a Lei veio para firmar o compromisso da educação com as ações pedagógicas que a contempla. Segundo as Diretrizes Curriculares, Brasil, (2005, p. 32):

§3º O ensino sistemático de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10.639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

Art. 4º Os sistemas e os estabelecimentos de ensino poderão estabelecer canais de comunicação com grupos de Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições formadoras de professores, núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos e projetos de ensino.

É importante destacar que nem sempre isto acontece, as escolas acabam por pautar o seu ensino de forma regular e mantém o seu currículo ainda como grade, engessada e morta, desprezando a matriz que mesmo com outra nomenclatura continua influenciando como uma verdadeira grade, que impede a maleabilidade, dificultando o caminho para a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, como pode ser visto na fala da professora quilombola P2 quando questionada sobre o trabalho da escola e a educação quilombola.

Não. É bem pouco trabalhado, acho que oitenta por cento não. É, se fala, mas não se aplica como deveria ser aplicado, porque se a secretaria de educação eles criasse um departamento diretamente para as comunidades quilombolas seria mais fácil ser trabalhado.(Entrevistada no dia 24/07/2017 em sua residência)

Assim, fica claro que a professora tem entendimento que as orientações e ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais em sua maioria não saem do papel. Apresentam-se como apenas mais um documento que não tem vida dentro da Escola Quilombola, e aponta uma dificuldade que se pode chamar de falta de estudo ou falta de formação.

É sabível que os alunos até têm acesso a algumas dessas informações, desde a Educação Infantil, mesmo sendo a partir de textos informativos e de forma folclórica, mas o que não se pode esquecer, é que as barreiras encontradas ainda são largas, parecendo teimosamente insistir em manter vivos os cruéis quadros de discriminação, segregação e abandono de um passado que durante tantos anos insiste em não desaparecer. Os alunos da comunidade quilombola carecem de uma escola em que seus direitos e sua cultura sejam respeitados. A escola é um espaço de socialização e esta ação não possui um fim em si mesmo, como pontua Moura, (2005, p. 75):

A escola, enquanto instituição socializadora, tem também o dever de propiciar uma ampliação de seu horizonte de experiência, com base em valores hoje inquestionáveis, como o respeito aos direitos humanos e os ideais democráticos, que orientam – ou devem orientar – o desenvolvimento da sociedade brasileira. A escola tem ainda o dever, a partir dos valores especificamente pedagógicos que orientam sua prática, de ampliar e aprofundar no aluno o seu processo de aquisição de conhecimentos, como compete à educação formal.

Portanto, as amarras entre a teoria e a prática podem se tornar mais visíveis e reconhecidas, a partir das contextualizações vividas e idealizadas. A construção das teias no ensino das escolas quilombolas, não pode ser tecida de maneira confusa e fragilizada. O universo das experiências que os alunos tendem a interagir no interior da escola e fora dela precisa ser respeitado e aproveitado pelos educadores no dia-a-dia da sala de aula, explorando na sequência didática, onde as práticas docentes são registradas em toda a sua estrutura, como continua a autora Moura, (2005, p. 69):

Nós, professores temos, portanto, um desafio grandioso à frente, que é o de “desenvolver, na escola, novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro, por meio de um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens e a se reconhecer como brasileiro”.

Desta forma, a escola pode oferecer possíveis garantias de colaboração para desvelar uma educação pautada na ética, respeito mútuo e cidadania, principalmente no tocante a favorecer e valorizar os marcos históricos da formação do povo brasileiro, e mais precisamente da comunidade onde os alunos estão inseridos, levando em consideração a colaboração de cada uma destas etnias: seus costumes, suas vivências, seus desejos, alegrias lutas e desafios por extensas décadas.

Segregar a cultura e o modo como as pessoas se comportam em uma sociedade, é escravizar os indivíduos, tornando-os reféns de suas vidas, desejos e alegrias. Se a escola nada faz para alavancar discussões sobre respeito às diversidade, culturas e identidade, acaba por se tornar inerte, refém de sua própria falta de competência em colaborar com o crescimento de sua comunidade e sucesso dos seus alunos. Assim como afirmam Ferreira e Castilho, (2014, p. 5):

Apesar dos avanços, as pesquisas apontam que a escola vem sendo implementada nas comunidades quilombolas considerando pouco ou quase nada das suas especificidades. Continua com suas características predominantemente excludentes, onde seus currículos se baseiam no modo de vida urbano, de classe média e “branca” [...] para que a escola cumpra seu papel de intermediadora dos conhecimentos nestas comunidades, é imprescindível um novo olhar sobre a inserção do povo negro, considerando-o como fazedor do conhecimento, na sua tendência natural de sujeito da construção de saberes, respeitando sua história e suas práticas culturais. É pressuposto fundamental para uma educação anti-racista, e além, que esta, reafirme a importância de se garantir a criação e recriação física e cultural de comunidades que passaram séculos relegados às margens da sociedade nacional e que ainda hoje enfrentam os efeitos deste período.

Diante destas afirmações torna-se válido dizer que, a educação do quilombo também se apresenta como fiapos de um passado cruel e preconceituoso quando em suas escolas os alunos chegam a negar sua identidade. Nas entrelinhas, estas discussões ajustam as opiniões de que, ainda há muito que se falar do assunto, discutir, partilhar, trocar ideias experiências e práticas eficientes, dentro da escola e fora dela. Discutir ações que priorizam o ensino cultural, sempre ajudará a fortalecer os movimentos sociais na comunidade, ampliar o conhecimento para com a história do povo brasileiro e da formação da comunidade quilombola e suas culturas, corroborando para a melhoria do ensino nas escolas, mesmo que não sejam de quilombo.

2.3. Escola Rural quilombola e Identidade, as interfaces para uma Educação do Campo

Durante muito tempo fomentou-se o paradigma de que todas as escolas do campo precisariam atuar de maneira igual às escolas urbanas para ter uma educação de qualidade. Foram anos vivendo esta realidade que, suscitaram em muitos pesquisadores o desejo de estudar sobre esta demanda. Época de plantio, as crianças e adolescentes deixavam de ir para a escola para ajudar os adultos nos campos. Para desencadear o diálogo sobre educação do campo e escola rural quilombola, é necessário entender a conjuntura desta educação, como sendo não apenas na escola. A educação do campo está para além do ambiente escolar. Moreira e Oliveira (2013, p.35) vêm informar que:

A educação do campo como política pública implica o reconhecimento do campo como lugar, espaço do acontecer solidário, construído a partir da luta camponesa, com toda sua especificidade, singularidade, mas também com sua diversidade e suas tensões [...] movimentos sociais vêm fazendo uma longa e tensa caminhada para colocar o campo na agenda pública. O estado, e mais particularmente, os municípios percebem que a gestão da chamada educação Rural está a exigir uma definição profunda. [...] Reconhecer a urgência de colocar a educação para o povo brasileiro que trabalha e vive no campo como política pública significa implantar melhoria nas condições de vida dessa população, bem como sua reafirmação enquanto sujeito do campo.

Os estudos realizados, dentro desta temática mostram o crescimento da preocupação com a educação do campo e sua valorização. Certamente a Resolução do Conselho Nacional de Educação e Conselho Nacional de Educação - CNE, de 03 de abril de 2002 institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo para o reconhecimento e valorização do modo de vida próprio das pessoas que residem neste espaço social. Com a preocupação de cumprir os Termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e da Lei 10.172 de 9 de Janeiro de 2001 traz a aprovação do Plano Nacional de Educação – PNE, que depois de homologado traz um novo olhar legal para o ensino da educação do campo. Princípios, procedimentos, valorização, justiça social, solidariedade, cidadania, direito de igualdade e diversidade se apresentam como apenas algumas das prioridades para o ensino do campo. Assim, Brasil, (2002, p. 2) se mostra categórico:

Art. 7º É de responsabilidade dos respectivos sistemas de ensino, através de seus órgãos normativos, regulamentar as estratégias específicas de atendimento escolar do campo e fazer a flexibilização da organização do calendário escolar, salvaguardando, nos diversos espaços pedagógicos e tempos de aprendizagem, os princípios da política de igualdade.

§ 1º O ano letivo, observado o disposto nos artigos 23, 24 e 28 da LDB, poderá ser estruturado independente do ano civil.

§ 2º As atividades constantes das propostas pedagógicas das escolas, preservadas as finalidades de cada etapa da educação básica e da modalidade de ensino prevista, poderão ser organizadas e desenvolvidas em diferentes espaços pedagógicos, sempre que o exercício do direito à educação escolar e o desenvolvimento da capacidade dos alunos de aprender e de continuar aprendendo assim o exigirem.

Trabalhar adequando os conteúdos à realidade social e cultural com articulação de propostas pedagógicas é ponto crucial para que os alunos destas regiões se sintam mais seguros e engajados em sua comunidade num processo democrático de contextos de estímulos, efetivos para o respeito à diversidade.

A LDBEN evidencia um dos artigos do parecer que se propõe a valorizar a organização do ensino e respeito a diversidade cultural, pelo processo de gestão democrática. As diretrizes de formação contemplam também a Educação de Jovens e Adultos EJA o ensino para as pessoas que não tiveram condições de continuar os estudos na idade própria. Em se tratando de uma escola rural quilombola, já que existem escolas quilombolas urbanas, os preceitos e direitos são os mesmos, mais ainda ténue, perante as riquezas culturais e o processo histórico da comunidade.

Assim, como todas as escolas do campo as escolas quilombolas rurais também foram cuidadas apenas com políticas compensatórias, de maneira que sempre que houvesse um projeto desenvolvido em uma gestão, só teria continuidade se por ventura o gestor continuasse: muda-se o gestor municipal mudam-se os projetos, como enfatiza Brasil (2006, p.6):

Ao longo da nossa História as escolas do campo sempre foram tratadas com políticas compensatórias: projetos e programas que começavam e terminavam com os mandatos dos governos, e nunca e nunca com políticas que pensassem uma escola adequada à realidade dessa população o que nos deixou uma herança entre outras coisas: um quadro de analfabetismo, da inexistência de escolas em todos os níveis no campo ou de escolas que trabalham conteúdo fora da realidade do campo.

Muitos autores defendem a realidade do aluno, como sendo uma das principais formas de conseguir o interesse e o gosto pelo estudo, isso devido à valorização das ações do cotidiano, as lutas travadas ao longo da história do povo da comunidade e as mudanças sociais sofridas neste itinerário. Pode-se lembrar então de algumas situações vividas pelos alunos que estudavam em escolas do campo: estudar a letra “C” no livro didático, que vinham com uma figura grande e colorida ostentando um caqui. E as crianças não faziam ideia como seria e que gosto teria aquela fruta. Mesmo assim o “C” seria de Caqui ou de campo e não de caju ou de castanha, frutas nativas do Nordeste, conhecida por todos.

Refletir sobre os fundamentos teóricos que originaram a concretização de diretrizes para estas escolas do campo permite-se contemplar a necessidade de um ensino prioritário para este público alvo.

Permite-se assim, de uma forma mais simples velar pela necessidade do respeito e apreciação da vida real dos educandos e a grande bagagem vivencial que eles trazem quando ancoram à porta da escola. Ao desnudar-se de sua realidade o aluno começa a esquecer sua história, suas vivências, sua cultura e identidade, como se pode ver em Moura (2005, p. 6).

Quando se constata a riqueza das vivências dos moradores das comunidades remanescentes de quilombos, principalmente dos mais velhos, no que diz respeito ao uso das ervas medicinais, ao modo de trabalhar a terra, de tirar dela seu sustento, nas linguagens gestuais, na música, nas festas, no modo de se divertir, de cantar, dançar e rezar vê-se a importância de ter acesso a esse conhecimento. É esse conhecimento que constitui o contexto onde se tecem as teias de significados que recriam incessantemente a cultura desses grupos e sua identidade contrastiva, isto é, a afirmação da diferença. Nas práticas dos moradores das comunidades quilombolas, há um forte apelo ao reconhecimento dessa identidade.

Diante das ideias da autora, pode-se dizer que, importa-se partilhar as experiências, o modo de viver e o respeito à diversidade, tanto com quem é do campo, quanto de quem chega ao lugar. Por isso, torna-se mais do que preciso esclarecer que este trabalho de pesquisa se justifica pelo seu potencial em trazer à tona a necessidade de uma reflexão a cerca de um ensino de qualidade para a educação básica e principalmente para aquelas escolas longínquas no seio de uma comunidade específica em seu jeito de viver. Não se pode enaltecer apenas esta ou aquela comunidade ou desdenhar da cultura universal, é importante conhecê-las e estudá-las, porém é preciso valorizar a “prata da casa” tudo que está ao redor, dentro do indivíduo e no contexto escolar. Veiga Neto (2003, p.5) prioriza este contexto quando diz:

Assiste-se atualmente a um crescente interesse pelas questões culturais, seja nas esferas acadêmicas, seja nas esferas políticas ou da vida cotidiana. Em qualquer caso, parece crescer a centralidade da cultura para pensar o mundo. Mas tal centralidade não significa necessariamente tomar a cultura como uma instância epistemologicamente superior às demais instâncias sociais como a política, a econômica, a educacional; significa, sim, tomá-la como atravessando tudo aquilo que é do social.

A tarefa não é tão simples, mas o importante é desencadear possíveis reboliços a cerca desta temática, para que os educadores se pré-disponham a formar e formar-se num movimento contínuo de estudo, para que o diálogo e as discussões oportunizem para todos, novos conhecimentos, novas práticas, novos saberes e novas contextualidades. Com merecimento pela necessidade de autoconhecimento, reconhecimento e valorização das questões culturais locais como prática no dia-a-dia da sala de aula, no chão da escola. De acordo com Caldart, (2001, p. 24-27), já existem muitas escolas que desenvolvem gestão nestas práticas de humanização e que muitos educadores já conseguem perceber que algo diferente pode se caracterizar como uma alternativa em nosso horizonte de trabalhador da educação, de ser humano. A autora continua sua reflexão afirmando:

Nesta trajetória de tentar construir uma escola diferente, o que era (e continua sendo) um direito, passou a ser também um dever. Se quisermos novas relações de produção no campo, se queremos um país mais justo e com mais dignidade para todos, então também precisamos nos preocupar em transformar instituições históricas como a escola em lugares que ajudem a formar os sujeitos destas transformações.

A escola ainda existe como espaço de dominação ideológica e cultural, pois quando encarece o currículo como único, e inviolável enfraquece o processo dinâmico do ensino. A escola é um lugar onde o conhecimento se apresenta inesgotável ultrapassando os muros da escola, fazendo do projeto político pedagógico um documento em constante movimento, completamente ativo, com lições vivas e ágeis em todos os espaços, não tão somente da escola como também da comunidade de maneiras transversalizadas. Neste contexto, as ações educativas criadas pela escola permanecem vivas e suas iniciativas respeitadas pelos alunos, professores, e todos da comunidade que notam a presença viva da escola em suas realidades sociais. Caldart (2008, p. 3) ainda ilustra esta discussão.

Isto quer dizer que se trata de pensar a educação (política e pedagogia) desde os interesses sociais, políticos, culturais de um determinado grupo social; ou trata-se de pensar a educação (que é um processo universal) desde uma particularidade, ou seja, desde sujeitos concretos que se movimentam dentro de determinadas condições sociais de existência em um dado tempo histórico.

Assim, fundamenta-se teoricamente a necessidade do estudo deste contexto de práticas docentes e diversidade na escola quilombola, como possível reflexão da realidade desta instituição que desempenha um importante lugar na comunidade: espaço de construção de conhecimentos sociais, marcos históricos, conquistas coletivas e movimentos sociais que promovem ações de melhoria para todos da comunidade sem esquecer que por vezes este lugar pode se apresentar como lugar de desafios, crise ou até conflitos.

Bhabha (1998, p. 106), lembra que reconhecer o estereótipo como forma ambivalente de conhecimento e poder exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas de aceitar a relação com discurso e política. Isso leva a crer que é nesse espaço de trocas e construções, de formação e conflito que as identidades culturais vão se formando. A escola se insere neste universo contingente e não pode sentir, nem agir como se estivesse fora dele.

Sabe-se que todas as escolas inseridas dentro de uma comunidade de quilombo, são escolas quilombolas, porém atualmente, muitas comunidades estão sendo beneficiadas com a construção de uma escola quilombola específica. As Secretarias de Educação dos municípios, estados e do Distrito Federal apresentam as demandas por meio do Plano de Ações Articuladas – PAR. Estas escolas quilombolas geralmente são construídas dentro do projeto arquitetônico do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, obedecendo a padrões específicos que podem ser vistos nos quadros abaixo:

Quadro 2 - Padrão arquitetônico de construção de escola quilombola.

PROJETO PADRÃO FNDE PAR 2011 – 2014				
TIPOLOGIAS	TERRENO (Dimensões mínimas)	ÁREA CONSTRUÍDA	DEMANDA ATENDIDA	OBSERVAÇÕES
Escola 1 sala de aula *1	35m x 50m	111,03 m ²	36 alunos por turno	-
Escola 2 salas de aula	35m x 50m	204,06 m ²	72 alunos por turno	-
Escola 4 salas de aula	60m x 80m	785,54 m ²	144 alunos por turno	-
Escola 6 salas de aula	60m x 80m	851,63 m ²	216 alunos por turno	-
Escola 12 salas de aula *2	80m x 100m	-	432 alunos por turno	-
Quadra coberta com vestiário	30m x 41m	985,56 m ²	-	Dimensão da projeção da cobertura: 26,73m x 38,20m
Cobertura de quadra pequena	22m x 36m	622,08 m ²	-	Dimensão da projeção da cobertura: 19m x 33m
Cobertura de quadra grande	27m x 35m	772,4 m ²	-	Dimensão da projeção da cobertura: 24m x 32m

*1 Tipologias usadas também para escolas Indígenas e Quilombolas | *2 com quadra coberta

Quadro 3 - Padrão arquitetônico de construção de escola quilombola.

PROJETO PADRÃO FNDE PAR 2015 – 2018				
TIPOLOGIAS	TERRENO (Dimensões mínimas)	ÁREA CONSTRUÍDA	DEMANDA ATENDIDA	OBSERVAÇÕES
Escola 1 sala de aula *1	35m x 25m	113,96 m ²	30 alunos por turno	Declividade máxima do terreno igual a 3%
Escola 2 salas de aula	35m x 25m	208,83 m ²	60 alunos por turno	Declividade máxima do terreno igual a 3%
Escola 4 salas de aula	50m x 80m	740,88 m ²	120 alunos por turno	Declividade máxima do terreno igual a 3%
Escola 4 salas de aula com quadra coberta	50m x 80m	1.208,87 m ²	120 alunos por turno	Declividade máxima do terreno igual a 3%
Escola 6 salas de aula	50m x 80m	867,79 m ²	180 alunos por turno	Declividade máxima do terreno igual a 3%
Escola 6 salas de aula com quadra coberta	50m x 80m	1.323,11 m ²	180 alunos por turno	Declividade máxima do terreno igual a 3%
Escola 12 salas de aula com quadra coberta	80m x 100m	3.228,08 m ²	390 alunos por turno	Permite implantação personalizada

*1 Tipologias usadas também para escolas Indígenas e Quilombolas

Fonte: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Mesmo com este padrão do FNDE, explícitos nos quadros acima, onde mostra claramente uma preocupação com a estrutura do prédio: número de salas, medidas para estas construções, áreas de lazer, demanda para cada área, declividades e dimensões mínimas, a escola quilombola precisa manter um diferencial que deve ir além dos padrões arquitetônicos, oferecer um ensino que potencialize a aprendizagem de seus alunos. A nomenclatura escola quilombola e a preocupação com o espaço físico pode dizer muito, mas, a história do povo quilombola e suas raízes culturais, aliadas a realidade dos educandos e a prática de seus educadores podem anunciar ou denunciar uma moldura representativa deste povo que luta e não perde a esperança de alcançar vitórias. Não irá fazer diferença se a escola tiver um bom nível arquitetônico: estrutura física moderna e bem planejada com salas amplas, arejadas, cozinha, sala de leitura, área de lazer, secretaria, sanitários masculinos e femininos, se seus educadores não conseguirem desencadear ações que transversalizem esta estrutura física dando-lhe voz, vez e vida. A escola Rural quilombola de Lage dos Negros foi construída obedecendo à

maioria dos critérios exigidos pelo padrão arquitetônico, ou seja, sua estrutura física está de acordo às orientações do FNDE.

3. PRÁTICAS DOCENTES: FIOS CONDUTORES DE UMA EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE

O MURO

Eu bato contra o muro duro
esfuro minhas mãos no muro
tento longe o salto e pulo
dou nas paredes do muro duro
não desisto de forçá-lo
hei de encontrar um furo
por onde ultrapassá-lo.

Oliveira Silveira⁶

A epígrafe remete a pensar as práticas humanas em detrimento as persistências e lutas. Neste entorno, o muro duro se apresenta como sendo as complexidades e divergências encontradas, as resistências enfrentadas sobre a diversidade, onde a escola se constitui como espaço da representatividade multicultural da sociedade, em que as diferenças não sejam transformadas em desigualdades, tampouco vistas sob a política celebratória. Nesse contexto, percebe-se o espaço escolar como um celeiro de diversas culturas. Neste capítulo, evidencia-se as práticas docentes que perpassam o currículo, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e a formação destes profissionais de sala de aula. Conceber estas discussões contribui para o fortalecimento das ações contemplatórias das políticas sobre diversidade é fundamental para o aprimoramento do ensino, aprendizagem e qualidade na educação dos alunos.

A escola se identifica como um local social que favorece um cenário multicultural, em que se assume a diversidade como um recurso enriquecedor da sociedade em seu todo, permitindo que a sala de aula se apresente como espaço de desenvolvimento e crescimento nos aspectos pessoais e sociais.

É na firmeza deste espaço que as discussões e iniciativas se solidificam para dar vida a existência da escola. Como endossa a professora quilombola P7:

Ai! Nós estamos na correria aí, desenvolvendo um projeto em cima disso né? Pra está resgatando novamente a parte que tão deixando

⁶**Oliveira Ferreira Silveira:** Poeta brasileiro, formou-se em Letras (Português e Francês) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Militante do Movimento Negro em Porto Alegre, foi um dos fundadores do Grupo Palmares, sendo um dos líderes da campanha pelo reconhecimento do Dia da Consciência Negra em 20 de novembro. Disponível em <https://pt.wikipedia.org>. Com acesso em: 20/06/2017.

morrer, a parte da cultura, a parte da escola mesmo, que a gente tá desenvolvendo no planejamento. Vivenciar mais a cultura da comunidade, de mostrar a realidade pro alunos. Não tá trazendo uma coisa lá de fora, uma coisa que eles não possam conhecer para até mesmo, está bloqueando a mente das crianças. Como é que eu vivo em Lage dos Negros e vou viver a realidade de Campo Formoso? Se eu não sou de lá! Então, eu tenho que viver a realidade, do meu lugar, de acordo a cultura que nós temos, ao clima do lugar né? Isso é o que a escola tem que tá fazendo o papel, tema que foi bem batido na escola na última reunião que tivemos com os professores. (Entrevistada no dia 26/05/2017/ em sua residência)

Esta educadora quilombola considera importante as discussões e formação pedagógica, bem como a necessidade de melhorias e adequações quanto à disponibilização destas formações às necessidades da escola e comunidade.

O Brasil concebe a pluralidade de cultura advinda de uma extensa linha histórica no âmbito político, social econômico e porque não dizer religioso. As contribuições culturais deixadas pela nação africana presente nos escravos que aqui chegaram são muito conhecidas pela população brasileira, mas pouco utilizadas nas escolas. Apesar de contarem com materiais escritos e outros recursos fornecidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), ainda é um tanto desafiador para os professores trabalhar com a diversidade cultural dentro das escolas.

O aproveitamento das experiências culturais, que os professores e alunos vivenciam no dia a dia, da comunidade, bem como, seus perfis, também vinculados aos movimentos de caráter étnicos sociais, partindo do pressuposto de que a prática docente está intimamente ligada à formação humana e sua vivência cultural. Vasconcelos (2011, p. 68) sugere que as relações sociais e culturais são construídas na história a partir da produção da existência e a valorização do universo cultural preparado pelos que nos antecederam.

É preciso resgatar o conceito complexo de atividade, não confundindo com qualquer ação ou iniciativa dos sujeitos. Somos marcados desde o nascimento por algumas programações biológicas elementares e pelo desejo, o que nos coloca em movimento no universo cultural preparado por outros que vieram antes de nós - História – e que, ao produzirem suas existências produziram também o mundo da Cultura. Vamos fazendo-nos na relação com o meio e em especial com os outros.

O autor também chama à atenção para a necessidade da compreensão do sujeito como participante de sua própria história, como um ser ativamente ligado ao

universo cultural, formado coletivamente. É neste ponto que, o professor quilombola pode se enxergar ou se identificar como mediador nesta atividade contínua, a necessidade de compreender quais práticas docentes se estabelecem na escola, para garantir em seus alunos este sentimento de capacidade, identidade, cultura e pertencimento.

Pela ação educativa dos professores em suas práticas, torna-se possível apontar os maiores desafios que estes profissionais encontram no seu dia a dia, nas salas de aula, frente à diversidade cultural e identidade de seus alunos e principalmente dentro do contexto quilombola. Para melhorar as discussões e alavancar o ensino pautado na realidade quilombola, muitas conquistas aconteceram no âmbito dos direitos quilombolas, no dia 21 de novembro de 2012, foi instituído e assinado o documento sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação Quilombola. A iniciativa oportuniza orientações para as práticas pedagógicas nas escolas, no âmbito em que os sistemas de ensino se disponham a reformular os projetos políticos pedagógicos e que se adequem às histórias, vivências, especificidades e realidades quilombolas do Brasil.

As Diretrizes foram aprovadas pelo CNE e a partir daí todas as instituições foram convocadas a caminharem para a validação da Lei. A atenção se volta para o fato de 23,5% dos cidadãos quilombolas cadastrados nos programas sociais se apresentaram como analfabetos, ou seja, não sabem ler nem escrever. Desde 2011, iniciou-se um trabalho na Câmara de Educação Básica (CEB) do CNE para que esse fenômeno pudesse ser estudado e discutido. A iniciativa vem como resultado de grandes lutas, e debates que resultaram na inclusão da educação escolar quilombola como modalidade, ou seja, sua consolidação nacional, seguindo as orientações gerais da Educação Básica, como consolida o Ministério da Educação em Brasil, 2003:

As Diretrizes também devem incluir as orientações do Parecer CNE/CP 3/2004, contido na Resolução CNE/CP 1/2004, sobre a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura Afro-brasileira nos currículos das escolas públicas e privadas da educação básica, como estabelece a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Percebe-se então que a batalha foi intensa mobilizando vários setores da sociedade para as comunidades de quilombo, assim como pesquisadores, educadores, representações sociais e o Governo Federal se fizeram presentes, e

subsidiaram as Diretrizes. Os Estados do Maranhão e da Bahia, e ainda o Distrito Federal sediaram as audiências, devido à alta concentração de comunidades quilombolas. Nas audiências o foco se prendia a uma nova visão e ações da escola dentro desta temática.

Trazendo o contexto de práticas docentes na perspectiva de historicidade não se pode deixar de relatar os avanços que ocorrem pela educação. O espaço escolar é e nunca poderá deixar de ser um espaço fértil de discussão e elaboração de conhecimento. É através da educação e das práticas docentes que emerge a oportunidade de quebrar os paradigmas que fortalecem as ideias, rótulos, discriminação, inferiorização, marginalização, preconceito e violência contra os povos negros, e tantos outros povos que fazem parte da sociedade brasileira: indígenas, ciganos, latinos, asiáticos e tantos outros.

É na escola que acontecem as interações. Por isso, é fundamental aos professores adotarem medidas que promovam situações de diálogo, respeito e estudo entre os docentes e também junto aos alunos. O que não é nada fácil, como exprime a professora quilombola P7:

Um pouco de dificuldade que eu acho mesmo é a questão da interação. Porque igual tem a frase “a união faz a força” se todo mundo se dedicar, ou seja, todo mundo desenvolver o seu trabalho da melhor forma. Se eu me doar um pouco você doando da sua parte, juntando, tem como você procurar a melhor medida, um trabalho melhor para a gente tá vendo um resultado melhor do que o ano passado, porque tem como. Mas, falta esse vínculo. (Entrevistada no dia 26/05/2017/ em sua residência)

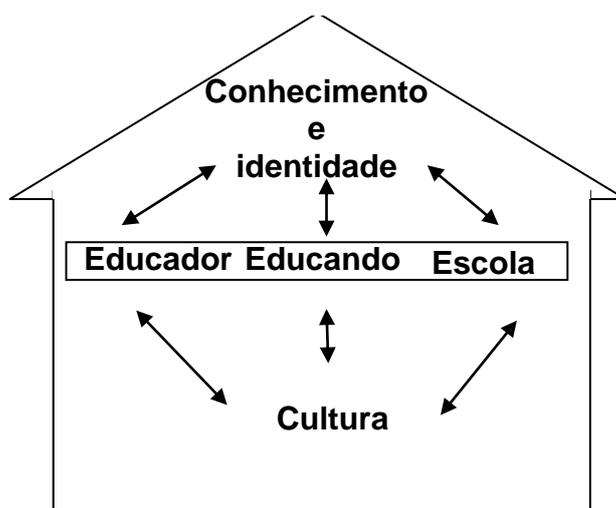
A escassez de momentos de interação, dialeticidade, estudos e reflexões norteadoras destas práticas, podem ocasionar o trabalho solitário, insuficiente dos saberes e fazeres necessários para uma educação, e educação quilombola de qualidade, além de tornar desconexa as Diretrizes para a Educação Quilombola, CEB/CEE – BA, Art. 44, (2013, p.12) que visa:

V – Garantir a utilização de metodologias e estratégias adequadas de ensino no currículo que visem à pesquisa, à inserção e à articulação entre os conhecimentos científicos e conhecimentos tradicionais produzidos pelas comunidades quilombolas em seus contextos sócio-históricos culturais;

Baseando-se nestas discussões, segue abaixo a figura que desenha o quadro de relações do indivíduo em uma conjuntura de aprendizagem e fortalecimento da identidade pessoal e coletiva. A escola está inserida nesta relação que não é simbólica. A partir de suas ações, se apresenta como tangível, possível e concreta.

O mais importante e cabível é que as práticas sejam percebidas como ações que oportunizem aos educandos, pensamentos produtivos, reflexões, construção de conhecimento e partilha de experiências. Esses mundos que se cruzam em suas pluralidades, podem ser representados por diagramas, que perpassam para construir conhecimento e identidade.

Figura 4 - Representação gráfica da escola como espaço plural de construção de conhecimento.



Fonte: A própria autora.

Conceber a escola como um espaço plural de construção de conhecimento e identidade carece de que seus docentes trabalhem para oportunizar um envolvimento inter-relacional, capaz de manter a escola inserida no contexto de cultura. A escola enquanto instituição carece de conceber o educador como parte fundamental e mediadora do processo educativo, o educando como sujeito de sua própria história, que constrói seus conhecimentos partindo de tudo que o rodeia, em sua vivência cotidiana e a partir de suas construções formativas identitárias. O educador, a escola e o educando transpassam-se em conhecimento cultura e conhecimento.

Desde cedo, as crianças se apresentam na sociedade de acordo com o que elas sentem, ou seja, da maneira com que são aceitas afetivamente. Neste entorno a escola precisa reconhecer o seu aluno. Educar as crianças traz um significado especial que é: compreendê-las em suas singularidades em toda a sua amplitude, cultural, étnico racial e corporal. Tal afirmação pode ser afirmada no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) em Brasil (2008, p.17):

A diversidade de práticas pedagógicas que caracterizam o universo da educação infantil reflete diferentes concepções quanto ao sentido e funções atribuídas ao movimento no cotidiano das creches, pré-escolas e instituições afins.

É no movimento de desenvolvimento infantil que a criança vai se fazendo, se construindo no seu dia-a-dia, ao contrário do que muita gente pensa, a criança, consegue compreender e apreender, para desempenhar de forma natural as habilidades e competências adquiridas em casa, na rua e principalmente na escola. Apesar de ser um documento elaborado já há alguns anos e sem reformulação, o RCNEI se caracteriza como um documento norteador para a orientação pedagógica dos docentes e instrui que a instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais e culturais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas.

As práticas pedagógicas irão desempenhar função mediadora para estas construções e aprendizagens, pelas práticas pedagógicas a criança aprenderá e reformulará sentido do que foi aprendido. Isto lhe servirá para toda vida. Nas práticas de saber a criança aprende a conhecer. Observando imitando, construindo e realizando. Daí a importância do professor, na mediação do seu conhecimento.

3.1 Currículo, fonte norteadora de ações constitutivas na escola

Levantar reflexões sobre o currículo desencadeia o pensamento de educação como contexto, possibilitando a visibilidade da instituição escola dentro de um sistema que oportuniza o indivíduo se desenvolver individual e coletivamente. Porém, vale ressaltar que a abrangência deste ensino nem sempre anda por estes caminhos. Menezes (2009) denota que, tanto alunos, quanto professores, enquanto

agentes desta instituição estão sujeitos na prática educativa entre outros fatores, ao currículo e a formação.

A ideia de currículo como dispositivo educacional nasceu nos Estados Unidos no século XIX, inspirado no tecnicismo curricular de Jhon Franklin Bobbitt⁷, que tinha uma visão tecnicista e orientava as indústrias. O autor continua a discussão informando que o currículo esteja imbricado em multicriação implicadas a compromissos educativos. Neste entorno, Macedo (2013), esclarece que conceber o currículo enquanto dispositivo, este, assume o papel de provocar, modificar, gerar protagonismos, incorrer, mobilizar e gerar novos olhares e novas práticas. Nestes termos, desencadeia a discussão sobre currículo que perpassa a conjuntura de prescrição e descrição. Esta vertente impulsiona lembrar o currículo escolar em suas grandes dimensões: compreensão, cultura, intervenção e prática, sem esquecer que, conceituar currículo através da política onde os sujeitos aparecem como históricos e culturais. Macêdo (2013, p.14) reforça:

Que o currículo não seja pensado como uma condenação sociopedagógica ou socioeducacional, mas, como um dispositivo educacional poderoso, como resultante da multicriação implicada de atores sociais, via seus pertencimentos e suas afirmações socialmente referenciadas.

Desencadeando uma discussão de base a estes conceitos, mensura-se a importância da valorização do currículo e sua dinâmica no espaço escolar. Nestas circunstâncias, o currículo oferece ao trabalho docente, caminhos condensadores de ações que irão garantir em reflexo ao Projeto Político pedagógico, práticas docentes mais coerentes com o cotidiano da escola e de seus alunos. Isto se consagra no Parecer CNE/CP (2001, p.20), que diz:

Nenhum professor consegue criar, planejar, realizar, gerir e avaliar situações didáticas eficazes para a aprendizagem e para o desenvolvimento dos alunos, se ele não compreender com razoável profundidade e com a necessária adequação à situação escolar, os conteúdos das áreas do conhecimento que serão objeto de sua atuação didática, os contextos em que se inserem e as temáticas transversais ao currículo escolar.

⁷**Jhon Franklin Bobbitt** – Foi um educador norte-americano, professor universitário e escritor. Representante dos pensadores de mentalidade de eficiência ele se especializou no campo do currículo. Disponível em: <https://en.wikipedia.org>. Com acesso em: 29/062017.

Atualmente, estes fatores se encontram em pauta de discussão, pela sua relevância e necessidade dentro da escola. A autora Menezes (2009) conceitua currículo como conjunto de ações educativas que ocorrem em um determinado contexto, vinculado à identidade da escola, um reflexo no Projeto Político Pedagógico da instituição, influenciando todos os acontecimentos que ocorrem na escola, sejam eles implícitos ou explícitos. Assim Menezes (2009, p. 201) continua:

Currículo é, então, uma noção que precisamos discutir mais de perto: aqui, ele é entendido como o núcleo que corporifica o conjunto de todas as experiências cognitivas e afetivas vividas pelos estudantes no decorrer do processo de educação escolar, o que significa entendê-lo como um espaço conflituoso e ativo de produção cultural... No currículo, confrontam-se diferentes culturas e linguagens, produzidas na escola e, sobretudo, em outras instâncias do social. Nesse sentido, a escola proporciona um espaço narrativo privilegiado para alguns enquanto produz ou reforça a desigualdade e a subordinação de outros.

Fazendo uma ponte com as práticas docentes, percebe-se que, nem sempre a escola apreende o currículo com esta autonomia. Em muitos casos sua matriz é tida como grade, estática sem nenhuma maleabilidade, e a dinâmica de ser aceito como núcleo de conhecimentos adquiridos pela prática da observação, exercícios e avaliação, acaba sendo sucumbida por ações insuficientes para o seu significado. Vale ressaltar que estas observações a cerca do currículo servem para os educadores, que aqui identificam-se como todos que trabalham na escola. E professores ou docentes, que aqui, se caracterizam como pessoas que exercem o magistério, uma vez que estão intrinsecamente ligados à escola e a todos que dela dependem para construir seus processos, de construção de ideias e partilhar conhecimentos. Perpassando o cultural, social e identitário em todos os seguimentos, o currículo norteia a opção de metodologias específicas à singularidade da educação Infantil e séries iniciais, já que os indivíduos desta faixa etária não negam suas variadas formas de aprender.

3.2. Formação e o exercício de práticas docentes: o tear e a teia

Atualmente a formação dos docentes é tema crucial em nosso país para que se fundamente uma melhor qualidade de ensino, como afirma Gatti (2009, p.256): Portanto, a formação e trabalho dos docentes é tema de maior importância na

atualidade brasileira. Sabe-se que muitas políticas públicas são discutidas e muitos programas são desenvolvidos em prol destes alunos que têm sua vida escolar em comunidades remanescentes. Porém, os problemas relacionados a essa questão ainda são imensos, pois os direitos destes cidadãos ainda não são respeitados, e as leis muitas vezes ficam somente no papel. Ainda não se conquistou uma educação de qualidade em nosso país. O tear nesta discussão aparece como o estudo das discussões, e a teia, como ações benfazejas que atendem o potencial das práticas docentes, para garantir o papel da escola no contexto da atualidade.

Devido as grandes discussões estabelecidas no entorno das práticas docentes, se tornou inegável a necessidade de estudos sobre a formação de professor, pois, conceber o espaço escolar como acadêmico, pluricultural e vivo, perpassa as barreiras da homogeneidade e ignorância no sentido de romper o cordão imaginário de isolamento das riquezas culturais que sempre são encontrados nas escolas, carecendo o surgimento de práticas pedagógicas eficientes que garantam ao educando, o seu reconhecimento e a necessidade de uma construção cotidiana de suas identidades, numa perspectiva de valorização dessa diversidade de culturas.

Partindo da vertente de teoria e ações desenvolvidas no âmbito do tema abordado, pode-se salientar que não se faz educação sem conhecimento. Mais uma vez a reflexão volta-se a verter através do estudo, das leituras e dos processos históricos que todos os indivíduos participam no decorrer de suas vidas. Antes de iniciar a discussão sobre formação de professores na atualidade e em exercício, cabe lembrar como se consolidaram as discussões neste quadro. Gatti (2010, p. 3) traz dados significativos sobre esta vertente:

Somente em 2006, depois de muitos debates, o Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução nº01, de 15/05/2006, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para esses cursos, propondo-os como licenciatura e atribuindo a estes a formação de professores para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental [...]essa licenciatura passa a ter amplas atribuições, embora tenha como eixo a formação de docentes para os anos iniciais da escolarização. A complexidade curricular exigida para esse curso é grande, notando-se também, pelas orientações da Resolução citada, a dispersão.

Tais informações se apresentam como grande valia, uma vez que já se passaram alguns anos e a formação docente ainda se apresenta como insuficiente

para a realidade do professor, que sente a necessidade de mais estudo e se mostra alheio quanto a algumas áreas disciplinares. Gatti (2010, p. 3), segue fazendo uma crítica ao sistema de formação das licenciaturas de Pedagogia, que se apresentam como um dos cursos responsáveis pela formação dos professores da educação Infantil e Fundamental da Educação Básica:

De qualquer modo, o que se verifica é que a formação de professores para a educação básica é feita, em todos os tipos de licenciatura, de modo fragmentado entre as áreas disciplinares e níveis de ensino, não contando o Brasil, nas instituições de ensino superior, com uma faculdade ou instituto próprio, formador desses profissionais, com uma base comum formativa, como observado em outros países, onde há centros de formação de professores englobando todas as especialidades, com estudos, pesquisas e extensão relativos à atividade didática e às reflexões e teorias a ela associadas.

Neste plano discursivo, observam-se então algumas rachaduras no processo de formação de professores. Houve aumento de instituições que oferecem curso de nível superior, com este crescimento, segundo Gatti (2009, p.55): “Indaga-se também sobre as condições de funcionamento e de financiamento dos cursos, bem como sobre a qualidade da formação oferecida, certamente o aspecto mais difícil de aferir”. Mesmo nestas instancias os cursos se multiplicaram pelo país a fora.

Sete anos depois, desta pesquisa de Gatti (2010), ainda se consegue enxergar falhas no processo de formação docente, como se observa na narrativa abaixo da professora pedagoga quilombola P3, sobre a Lei 11645/08:

Não tenho bem conhecimento ainda assim, né? É como? Você está falando agora né? A gente ta tendo conhecimento agora que você ta trazendo, e pra mim mesmo, é uma coisa nova, né? Ta chegando agora. A gente ta aprendendo aos poucos. (Entrevistada pela autora no dia 26/07/2018 em sua residência)

Diante deste depoimento é notório que os embates encontrados na formação docente pela pesquisadora Gatti (2010, p.3), ainda persistem nas escolas do Brasil. Evidenciar esta realidade no depoimento da professora quilombola descontextualiza o que garante a Resolução de Nº 68, das Diretrizes Curriculares para a Educação Quilombola:

Art. 44: A formação inicial de professores que atuam na Educação Escolar Quilombola deverá:

I – ser ofertada em cursos de licenciatura aos docentes que atuam em escolas quilombolas e em escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas, podendo ser ampliada para demais professores das redes públicas;

II – propiciar a participação dos graduandos ou normalistas na elaboração, desenvolvimento e avaliação dos currículos e programas, considerando o contexto sociocultural e histórico das comunidades quilombolas;

IV – garantir a produção de materiais didáticos e de apoio pedagógico específicos, de acordo com a realidade quilombola em diálogo com a sociedade;

VI – ter como eixos norteadores do currículo:

a) os conteúdos e organização curricular, próprios da formação de educadores e o estudo da memória, da ancestralidade, da oralidade, da corporeidade, da estética e do etnodesenvolvimento, entendidos como saberes e parte da cosmovisão construídos pelos quilombolas ao longo do seu processo histórico, político, econômico e sociocultural; e

b) a realização de estágio curricular em articulação com a realidade da Educação Escolar Quilombola.

Dentro deste contexto pode-se mencionar a necessidade dos educadores de proporem constantes formações, uma vez que, educação, cultura e sociedade estão fortemente imbrincados neste processo. Os educadores, assim como os alunos, estão inseridos em processos históricos e manifestações culturais que permeiam o entorno educativo. Para essa realidade, necessitam compreender a necessidade de encontrar condições de oferecer respostas e favorecer reflexões a níveis individuais e coletivos, às demandas sociais em que os alunos estão inseridos.

O esforço do educador precisa acontecer de uma maneira que seja possível vencer os desafios que emergem na escola acerca das discussões culturais e identitárias. Conhecendo esses desafios, adentrando esse campo rico e precioso de culturas, poderá oportunizar descobertas que irão corroborar com o bom desenvolvimento educativo e social dos alunos desta comunidade e de outras que comungam os mesmos anseios. Pimenta e Ghedin (2006, p. 24), revigora esta discussão com algumas conotações:

A transformação da prática dos professores deve se dar, pois, numa perspectiva crítica. Assim, deve ser adotada uma postura cautelosa na abordagem da prática reflexiva, evitando que a ênfase no professor não venha a operar, estranhamente, a separação de sua prática do contexto organizacional no qual ocorre. Fica, portanto, evidenciada a necessidade da realização de uma articulação, no

âmbito das investigações sobre prática docente reflexiva, entre práticas cotidianas e contextos mais amplos, considerando o ensino como prática social concreta.

Discutir sobre este contexto influi pensar a educação com reflexões, ações e discussões partindo das investigações elaboradas sobre estas práticas docentes para o melhoramento da educação básica. Emitir sobre assuntos, julgamentos e conceitos epistemologicamente construídos, neste entorno garantem a veracidade do que podemos chamar de estudos, diálogos e mediações científicas para a construção do conhecimento, por parte de autores que dedicaram ou dedicam suas vidas em prol da busca científica, com a finalidade de respaldar suas falas. Souza, (2012 p. 2) aponta que:

A busca pela qualidade de ensino na formação básica voltada para a construção da cidadania, para uma educação sedimentada no aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser e para as novas necessidades do conhecimento, exige necessariamente, repensar a formação inicial de professores, assim como requer um cuidado especial com a formação continuada desse profissional com um olhar crítico e criativo.

Mediante esta reflexão, pauta-se a ideia de que é necessário um olhar para os professores durante o curso de graduação, e que em sua fase inicial de formação se remeta a uma nova roupagem e se estenda em sua formação em atividade, visto que as mudanças acontecem em um curto espaço de tempo e os indivíduos como parte nesta realidade, também se reconhecem como seres em constante transformação. Além de aprenderem cada minuto da vida os seres humanos também ensinam. Schuartz (2016, p.78), faz um recorte das inquietudes pedagógicas das práticas docentes com o intuito de evidenciar alguns instrumentos metodológicos de grande importância para estas ações no cotidiano escolar: a observação, a escuta e o discurso. Estas ações asseguram a necessidade deste exercício de ação reflexiva crítica, auto-avaliação e diálogos para análises. Nessa perspectiva Freire (1996, p. 18), sugere:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente sobre a prática de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu distanciamento epistemológico da

prática enquanto objeto de sua análise, deve dela aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação, tanto mais inteligência ganha da prática e maior comunicabilidade exerce entorno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo as razões de ser de porque estou sendo assim, mas me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar.

Não se trata de um exercício simples, uma vez que, nem sempre o educador foi ensinado a conceber o processo avaliatório como um meio de descobrir se o que foi ensinado foi aprendido, ou se a maneira como foi ensinado foi a melhor maneira de ensinar. Hoje se percebe uma preocupação com a aprendizagem, mas, nem todos os educadores encaram a avaliação como um meio, se prendendo a ela apenas como fim. Isto interfere significativamente nas práticas, docentes, por permear o universo do como planejar e executar as ações e técnicas para o ensino e aprendizagem dos alunos, independentemente de seu segmento: Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II Ensino Médio e Ensino Superior.

Os docentes jamais poderão esquecer que, a educação se torna cumpridora de suas funções, quando opta por saídas e manifestos por práticas docentes, coerentes com a diversidade cultural, em que se inserem e se o professor se encontra preparado para lidar com as demandas exigidas pela escola, seus alunos, pais e comunidades. A partir daí pode-se refletir sobre os desafios e dificuldades enfrentadas pelos educadores no tocante ao contexto de práticas docentes. É preciso entender o conceito de quilombo e qual a importância deste conhecimento para a emancipação dessa gente que tanto contribuiu para o crescimento do país, mas, que ainda sofre preconceitos e discriminação. Assim, Monte Alto, (2012, p. 63), aponta:

O sentimento de pertencimento à região se constitui nas relações vividas nesses espaços e processos de partilha de um modo próprio de vida que é refletido na maneira de se comunicar, na linguagem (pela diferença de sotaque e por expressões regionais), nos simbolismos tirados de sua conduta rude, solidária e cordial. O passado e o presente regional contribuem para reafirmar a identidade [...] e produzir uma unidade regional, mesmo que se notem diferenças significativas entre o rural e o urbano.

Em comum acordo com esta afirmação, Candau (2003, p. 161), reforça, retratando sobre as diferenças culturais e as práticas pedagógicas. De que maneira elas acontecem ou como não acontecem, os desafios e as dificuldades dos educadores em trabalhar nesta vertente. O estudo sobre as identidades e como elas se constroem aparece no estudo de Hall, (2014, p.81), que discute sobre as construções de identidade e suas modificações, o que é de suma importância para o desenrolar da educação formal, que está intimamente ligada à educação informal, que tem seu papel na construção e valorização de uma cultura do local para o global.

Entender como se processa estes diálogos requer estudo e formação, viabiliza um pensar transcendente, que enfatiza a cultura como condição de poder, de democracia, identidade numa condição epistemológica. Um conhecimento que arraigado de raízes consistentes se emaranham e se constroem ao longo do tempo vigorosamente, numa mistura que desencadeia um cotidiano cultural com matriz histórica em constantes transformações, que desemboca na escola. Os alunos adentram o espaço escolar com uma grande bagagem cultural, isto é fato, trata-se de um efeito incontornável, por se tratar de ações produzidas por uma gama de seres pensantes, intrinsecamente vinculados a sociedade. Este movimento vai além de um simples plano de aula.

Um aluno que se apresenta no convívio escolar com sentidos e significados entrelaçados, provocam na escola e em seus educadores sérias reflexões no seu dever. Faz necessário que o educador sempre se sinta apto a conviver com esta realidade cotidiana. Para isso o estudo é o melhor caminho para os educadores. Dentro da perspectiva de formação assim demanda, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasil, (2006, p. 249).

Estas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, à medida que procedem de ditames constitucionais e de marcos legais nacionais, à medida que se referem ao resgate de uma comunidade que povoou e construiu a nação brasileira, atingem o âmago do pacto federativo. Nesse sentido, cabe aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios aclimatar tais diretrizes, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos, a seus respectivos sistemas, dando ênfase à importância de os planejamentos valorizarem, sem omitir outras regiões, a participação

dos afrodescendentes, do período escravista a nossos dias, na medidas urgentes para formação de professores; incentivando o desenvolvimento de pesquisas bem como envolvimento comunitário.

É importante salientar a necessidade destas medidas urgentes sem esquecer do fato de muitos destes professores atuarem em escolas do campo que também são chamadas de rural. Uma vez que, foram criados órgãos para gerir os diálogos com estas escolas, objetivando formar e habilitar estes profissionais de ensino para atuarem na comunidade rural com todas as suas especificidades. Como exemplo, pode-se apontar o PROCAMPO⁸ e Licenciatura em Educação do Campo.

Entendendo a escola do campo também como um espaço de conhecimento e forças coletivas, pode-se dizer que o educador é o autor em evidência, desse campo de conhecimento. Segundo Cavalcante (2014, p.29), algumas questões acerca das práticas pedagógicas do professor, que desencadeia pelos hábitos, como uma nova maneira de desempenhar práticas efetivas com referencia em algumas professoras de escolas municipal, estadual e privada.

A escola como espaço cultural e histórico tem como premissa, oportunizar o estudo da História e Cultura Afro Brasileira, e sua responsabilidade torna-se ainda maior, quando está inserida numa comunidade quilombola. Trazendo para esta discussão a Lei 10.639/2003, Brasil (2005, p.32), amplia a visão sobre firmar o compromisso com as ações pedagógicas que a contempla:

§3º O ensino sistemático de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10.639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

Art. 4º Os sistemas e os estabelecimentos de ensino poderão estabelecer canais de comunicação com grupos de Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições formadoras de professores, núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos e projetos de ensino.

Manter a escola sem os canais de comunicação com os grupos culturais, ignorando ou tratando com superficialidade o ensino de história é teimosamente insistir em manter vivos os cruéis quadros de discriminação, segregação e abandono

⁸PROCAMPO – Programa de apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo.

de um passado que durante tantos anos insiste em não desaparecer. Como fazer para que estes fios das Leis de amparo aos direitos do cidadão Afro Brasileiro, a escola e a cultura deste indivíduo se entrelacem? Os alunos da comunidade quilombola carecem de uma escola em que seus direitos e sua cultura sejam respeitados. A escola é um espaço de socialização e esta ação não possui um fim em si mesmo. Esta responsabilidade se enlarga ainda mais, quando se trata de uma escola quilombola.

Em um contexto de ação educativa os educadores necessitam de realizar o plano formal da educação pautada na vivência cultural em sua realidade plural, essa realidade exige do professor uma necessidade de se perceber como eterno aprendiz e pesquisador de práticas efetivas em seu dia-a-dia junto aos seus alunos, na busca constante de seus direitos de formação, conhecimento no informar, formar e formar-se enquanto sujeito que tece os fios entre teoria e prática, lembrando que o processo formativo deve estar contemplado no Projeto Político Pedagógico da escola.

3.3 Projeto Político Pedagógico; instrumento para uma educação contextualizada

Os sentidos transformadores das ações pedagógicas ganham foco a partir do Projeto Político Pedagógico (PPP) que, trás a necessidade de consolidação da LDBEN no âmbito escolar. O mais natural é que todos os educadores se sintam à vontade para elaborar, estudar e reformular o PPP dentro de cada realidade, dada a importância de sua utilização durante todo o ano letivo.

Dentro desta necessidade o estudo do projeto precisa ser feito por todos os educadores da escola, incluindo pais, e os demais funcionários. Os conhecimentos sobre História e Cultura Afro-brasileira devem estar inseridos no PPP, de modo que sejam abordados de maneira interdisciplinar, em comum acordo com o padrão de uma gestão democrática e o apoio da secretaria de educação. Tudo em prol do reconhecimento e potencialização do rico repertório trazido pelos alunos.

Trabalhar pela coletividade, diálogo e partilha de experiência facilita a aprendizagem, enriquece as práticas e valoriza a escola, assim como os seus educadores e alunos. Estas são algumas das recomendações para implementação

da Lei nº 10.639/2003 nas escolas Segundo o CEAFFRO⁹, (2007, p.73). O CEAFFRO trata-se de um programa de educação para igualdade racial e de gênero do CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais, Unidade de Extensão da UFBA – Universidade Federal da Bahia, em desenvolvimento desde 1995. Este programa tem como compromisso primordial estabelecer um diálogo entre a Universidade Federal da Bahia, a Escola Pública e as Organizações do Movimento Negro da Bahia. Trata-se de um trabalho direto com a sociedade civil negra, organizada através de Blocos Afros, Comunidades de Terreiro, grupos de Mulheres Negras, posses do Movimento Hip Hop e Comunidades Quilombolas.

Torna-se preciso falar da alteração da Lei 10.639/2003 pela Lei 11.645/08, para que sejam reforçados e valorizados o ensino dos diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir dos dois grupos étnicos: o negro e o índio. A relação de partilha, diálogo e troca, favorece a elucidação de problemas que possam surgir no dia-dia: superficialidade no ensino de História, desvalorização da cultura local, enfraquecimento dos movimentos culturais, falta de empoderamento e dificuldade na construção de identidade.

Pais, responsáveis e professores se unem em uma ação proativa e a escola cresce consideravelmente no âmbito de valorização da cultura local, da autoestima de seus alunos e aprendizagem das habilidades e competências, pois desta forma o PPP se torna vivo, pelas práticas desenvolvidas no chão da escola. Esta temática não pode e não deve ficar apenas nas entre linhas de um PPP engavetado. Trata-se de um exercício complexo e difícil, mas nunca impossível, uma vez que, todos poderão contar com a validação da Lei e a necessidade que a escola tem de abarcar a todos que chegam a ela em sua diversidade e pluralidade cultural.

O texto emitido Pelo Conselho Nacional, Câmara da Educação Básica, referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, Brasil (2011, p. 27), faz uma reflexão relevante:

Ao se analisar a realidade educacional dos quilombolas, observa-se que só o fato de uma instituição escolar estar localizada em uma comunidade remanescente de quilombos ou atender a crianças, adolescentes, jovens e adultos residentes nesses territórios não assegura que o ensino por ela ministrado, seu currículo e Projeto Político-Pedagógico dialoguem com a realidade quilombola local nem

9 CEAFFRO: Educação para igualdade racial e de gênero -. Disponível em: <http://www.cefro.ufba.br>. Acesso em: 21/06/2017

tampouco que tenha conhecimento dos avanços e dos desafios da luta antirracista e dos povos quilombolas no Brasil. É preciso também reconhecer que estudantes quilombolas, principalmente aqueles que estudam nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, frequentam escolas públicas e privadas fora das suas comunidades de origem. Nesse sentido, a Educação Escolar Quilombola possui abrangência maior. Além de focalizar a realidade de escolas enraizadas em territórios quilombolas e no seu entorno, ela se preocupa com a inserção dos conhecimentos sobre a realidade dos quilombos no Brasil em todas as escolas da Educação Básica.

Para tanto, torna-se essencial que a escola, os educadores e gestores, busquem fazer cumprir a lei e executar ações que emergem da realidade dos alunos, dentro do PPP, para que possam surgir diferentes formas de construção do conhecimento e práticas educativas culturais que sejam capazes de valorizar a capacidade humana e o bem comum. Práticas que valorizem a cultura e identidade desses grupos étnicos que formaram a população do Brasil e principalmente a quilombola, nas comunidades que representam a resistência e conquistas na história brasileira, para que a escola seja capaz de gerar novos tempos de enfrentamento ao racismo, discriminação e exclusão.

Assim como qualquer documento da escola, o PPP não deve ficar na gaveta, ou em lugar de difícil acesso. Ele se caracteriza pelo documento gerador da escola e de todas as ações propostas, portanto deve se manter atualizado e anualmente estudado pelos professores que de forma coletiva poderão estar fazendo as possíveis alterações coletivamente. Em Brasil (2010, p.07), acentua-se a importância do projeto político como sendo a “instância de construção coletiva que respeita os sujeitos das aprendizagens, entendidos como cidadãos com direitos à proteção e à participação social”. O projeto Político Pedagógico de uma escola tem um cunho de alta importância, pelo papel que desencadeia dentro dela. Por isso, deve ser elaborado e revisado coletivamente, desta forma ele tem cunho identitário. A realização do estudo do PPP bem como sua reelaboração, fortalece o sentido de necessidades epistemológicas em Helvig (2015, p.12):

A postura de sujeição e a-criticidade reflete uma incapacidade de responder, como educadores, aos processos de mudanças e as interfaces entre o saber e o ser, na construção de conhecimentos que se fazem coletivos.

É através da realização deste estudo e reelaboração do PPP que os educadores vão compreendendo a necessidade de formar-se e informar-se pois, começam a se entender como parte do processo formativo e instrucional da escola. Num movimento de interlocução se configuram como mediadores do conhecimento teórico, crítico e prático, capaz de perceber as dualidades, negações e elos entre este importante documento e a realidade de sua escola. Estas ações, percepções e agir metodológico entre os docentes, gestores e demais educadores da instituição, possibilitaram ao PPP se tornar um documento efetivo na construção do conhecimento de seus alunos e a reação de pertencimento que é cabível a qualquer indivíduo que se enxergue como parte integrante daquela instituição escolar: docentes, gestores, educadores, alunos e pais. Obtendo assim, subsídios para a implementação da Lei n. 11.645/08, no que se refere à História e Cultura Afro-brasileira.

3.4 Entre o respeito e o preconceito: fios que se desprendem

Compreender a escola como um espaço de democracia, lugar de construção de conhecimentos, e partilha, pressupõe tê-la como um lugar onde professores e alunos arquitetam significados e identidades, marcadas pelo reconhecimento da sociedade e diversidade cultural no seu dia a dia. Este reconhecimento se compõe pelo papel de uma instituição escolar que se preocupa em dignificar o seu ensino, pautando-se nas mais necessárias ações, como propõe Brasil (1997, p.121), sobre educação e diversidade étnica e cultural:

[...] explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira, compreender suas relações, marcadas por desigualdade socioeconômicas e apontar transformações necessárias, oferecendo elementos para a compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas, respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação.

Lançar um olhar para estas questões, significa antes de qualquer outra coisa se despir de todo e qualquer preconceito, respirar ares de justiça, dignidade e humanização, sem esperar trezentos e sessenta e quatro dias para poder discutir,

trabalhar, e apresentar algumas manifestações, como é o caso de muitas escolas que só trabalham e discutem racismo no dia da consciência negra.

Como ato de dignidade, se carece de humanização e respeito durante todos os dias do ano, traçando metas e desenvolvendo oportunidade de um pensar coletivo e individual sobre o tema, numa ligeira oportunidade de cultivo à valorização do ser humano, independentemente de sua cor, raça ou religião. Respeitar a diferenças está imbricado no respeito e igualdade de relações, o que é muito difícil numa sociedade que ainda não conseguiu se livrar da ideologia de escravidão. Silva (2004, p. 33), aponta que desde a chegada do negro no Brasil o “colonizador” tenta justificar a escravidão. No século XIX algumas teorias científicas foram responsáveis por disseminar a ideologias que inferiorizavam e denegriam a imagem do negro na sociedade. Ideologias inferiorizantes divulgadas por cientistas estrangeiros e intelectuais brasileiros, procuraram internalizar no próprio negro e na sociedade em geral a noção de inferioridade “natural” do negro, segundo Silva (2004, p. 34). Infelizmente estes “ranços” se estenderam lentamente ao longo dos anos na história do nosso país. Mesmo aqueles que se diziam contra o regime de escravidão, se deixavam vencer pelas teorias racistas, como é o caso de Euclides da Cunha (1979, p.7), que era contrário à escravidão, mas, escreveu:

Intentamos esboçar palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexo de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliadas às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeros destinado a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensivas das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra.

O fato do autor ser contra o regime escravocrata não o inibiu de se mostrar racista em sua obra, a ponto de enaltecer a política de discriminação que permeia a sociedade brasileira até os dias de hoje. A ideologia do branqueamento¹⁰ não poderia deixar de ser citada neste capítulo devido a sua contribuição para a desvalorização do negro, que passou a ser e se sentir inferiorizado. Ainda no século

¹⁰**Ideologia do Branqueamento** - O branqueamento ora é visto como a interiorização dos modelos culturais brancos pelo segmento negro, implicando a perda do seu ethos de matriz africana, ora é definido pelos autores como o processo de “clareamento” da população brasileira, registra do pelos censos oficiais e previsões estatísticas do final do século XIX e início do XX. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aaa/v24n3/a06v24n3.pdf>. Com acesso em 25/06/2017.

XIX decretos proibiam a entrada de negros, amarelos e indianos em nosso país, para garantir o enfraquecimento da mistura de raças e o enaltecimento da elite dominante, que muito se privilegiou com esta ideologia do branqueamento. Esta vertente ocasionou o enfraquecimento dos grupos de auto-desvalorização do negro e a negação do racismo, termo que segundo Santos (1984, p. 40), não faz parte da “natureza humana,” que talvez tenha sido criado da necessidade de defender o seu espaço, se concebendo como uma ação irracional de prolongada duração.

O fato de se aceitar a existência do racismo ratifica a necessidade de acabar com ele ao invés de negá-lo pois, quando isso é acontece, dificulta-se esta luta. Por isso é válido sentir o autor Munanga (2008, p.119):

[...] entre as características do racismo brasileiro, a ambiguidade é uma delas. Talvez, digo eu, a mais importante. Ela permeia tanto a reflexão do estudioso do tema como o próprio viver das pessoas que, cotidianamente ou institucionalmente, enfrentam a pluralidade étnica brasileira.

Ainda neste contexto, torna-se eficaz o estudo e discussão sobre a questão da discriminação e o preconceito, que tem conceito em Gomes (2007, p.54), como um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Discriminar vem significar “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito, ainda em Gomes (2007, p. 54). Estes conceitos se apresentam como sendo de grande importância para o entendimento dos conflitos que permeiam a nossa sociedade. E como já era de se esperar nesta discussão, a escola aparece também como detentora destes conflitos que sempre se fazem presentes, sejam no espaço de sala de aula, nos discursos de seus educadores, nas brincadeiras no pátio e nas relações entre pais, gestores, professores e alunos.

É válido falar também sobre a ideologia de inferiorização trazida mais uma vez por Silva (2004, p. 37). Onde ela explica a não aceitação do outro e a Auto-rejeição que ainda se faz presente em muitas pessoas.

Assim, nesta pesquisa a escola continua a ter um lugar de destaque por se caracterizar por um espaço de diversidade, relações e construção de aprendizagens. Durante anos a escola colaborou com a ideologia da inferiorização do Negro, tratando-o como coitadinho. Em seu livro: “A discriminação do negro no livro

didático, Silva (2004, p. 37), afirma que 82 livros de Língua Portuguesa foram analisados e que em todas as ideologias de inferiorização e branqueamento foram dominantes. A imagem do negro sempre se apresenta de forma negativa.

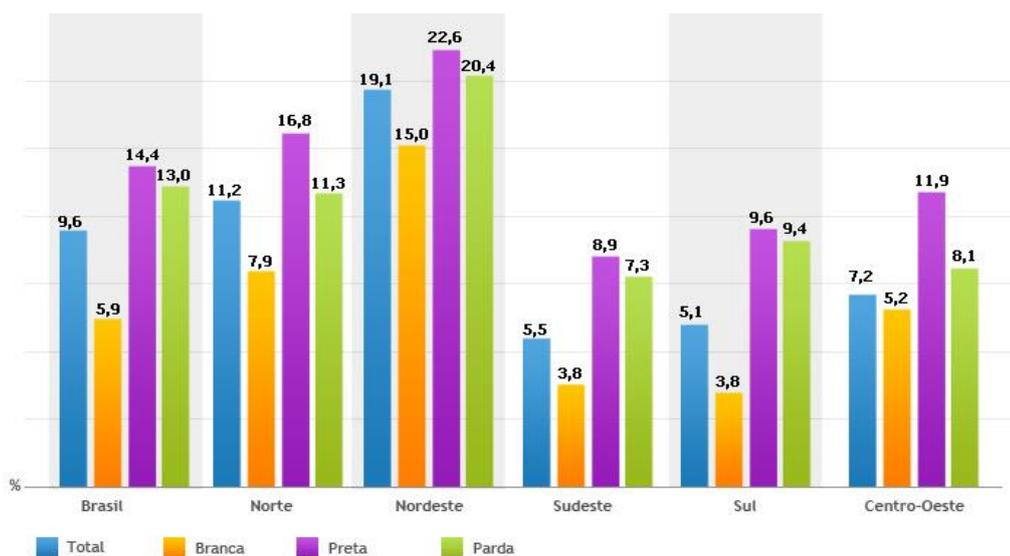
A Constituição de 1824 garantia que os ingênuos e libertos teriam o título de cidadãos brasileiros, com direito a educação pública e gratuita, mas estes não votavam por não terem este direito. Fato que, evidenciava insuficiência nesta cidadania. A pedagogia tradicional tinha por objetivo a transmissão de conteúdo, em livros que só reforçavam a imagem do negro como subalterno. Os livros de literatura mostravam as princesas e personagens principais com a pele branca. Desta forma, as crianças iam desvalorizando a imagem do negro e internalizando a figura do branco.

Os marcos legais e as diretrizes, que já foram discutidas ao longo deste trabalho, deram um grande salto quanto as mudanças na educação em favor do povo afro-brasileiro, mas, jamais pode-se esquecer que todas estas conquistas se devem a força e a garra de muitos que se dedicaram e outros que ainda se dedicam, se organizaram em associações, nas lutas pela liberdade e direitos, em anos de resistência. Assim, Brasil (2011, p. 80) lembra:

O racismo, que deveria ser tratado como um tema a ser trabalhado em diversas áreas, somente é discutido quando ocorre algum caso de discriminação, e muitas vezes é considerado um problema que diz respeito apenas aos negros e indígenas ou a organizações de defesa dos direitos destas populações.

Esta situação ainda permeiam as instituições escolares, e por mais incrível que pareça, também marca o cotidiano das escolas regulares e as escolas quilombolas. Desafios que nunca cessam. Os dados do IBGE, (2010) mostram a situação educacional do Brasil em relação ao analfabetismo por cor ou raça das principais regiões do Brasil.

Gráfico 1 – Taxa de analfabetismo por cor ou raça, considerando pessoas com mais de 15 anos das principais regiões do Brasil.



Fonte: IBGE, senso demográfico 2010.

No gráfico, a população negra está liderando o analfabetismo em todas as regiões. E no Nordeste o índice ainda é maior. O que leva a crer que a educação ainda não é para todos e que o preconceito pode está aí imbricado.

Atualmente, na escola quilombola de Lage dos Negros os professores convivem com o preconceito que jorra dentro da escola. Como se pode ver no depoimento da professora quilombola P 3: “Tem deles (meninos) que ainda não se aceita “eu não sou negro, eu não sou negro” aí a gente fica explicando para ele que todos nós somos negros. Mas, ainda eles não querem se aceitar”. Assim, pode-se afirmar que atualmente muitos educadores preocupados com a questão do respeito à diversidade e o desafio do preconceito, ainda seguem, na complexidade de educar para a cidadania, igualdade, respeito às diferenças e fortalecimento das identidades.

Observando a tabela do IBGE do ano 2000, percebe que a população branca se situa em 55,67 brancos estão empregados enquanto apenas 6,68 negros trabalham esta liderança se sobressai em todas as posições pesquisadas. Os pardos, alcançam seus 36,7, mas, não consegue superar os brancos no mercado de trabalho, os amarelos superam os indígenas e os indígenas ficam em último lugar, com 0,40.

Figura 5- Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por posição na ocupação do trabalho principal, segundo cor ou raça. Brasil – 2000.

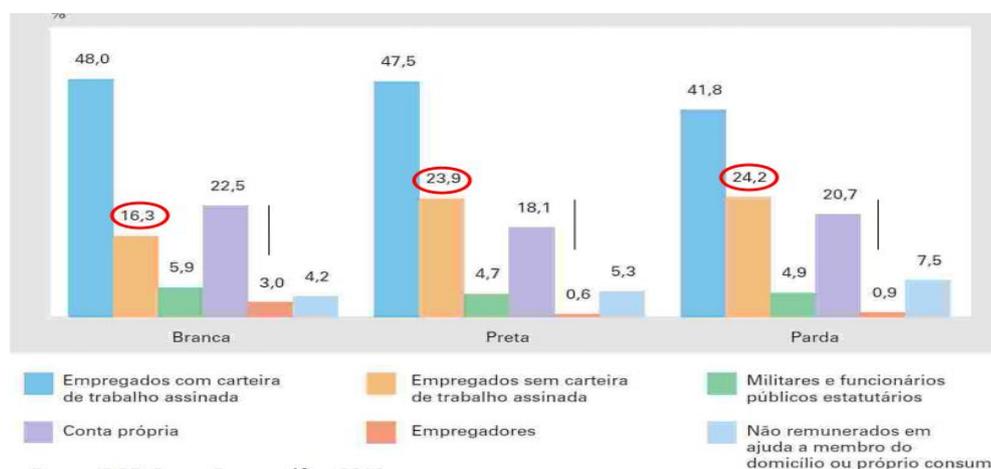
Posição na ocupação no trabalho principal e classes de tamanho da população dos municípios	Cor ou raça				
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Total.....	55,67	6,68	0,51	36,17	0,40
Empregados.....	55,64	7,21	0,42	35,85	0,31
Empregadores.....	79,84	1,67	2,18	15,74	0,18
Conta-própria.....	56,62	5,85	0,64	35,89	0,43
Não remunerado em ajuda a manter o domicílio.....	50,80	5,11	0,44	42,40	0,60
Trabalhador na produção para o próprio consumo.....	32,70	8,34	0,17	56,20	1,89

Fonte: IBGE, censo demográfico, 2000.

Em todos os campos a população negra aparece em déficit comparando a população branca e a diferença ainda se apresenta gritante. Esta informação mostra a superação dos brancos sobre os negros, amarelos pardos e indígenas. São poucos os que ainda trabalham por conta própria, continuam poucos os que são empregadores, e também são superados na quantidade de brancos empregados.

Observando o segundo gráfico (Figura 6), vê-se os avanços e as conquistas dos negros e pardos, na questão trabalhista, mas, ainda é possível perceber que, prevalece os brancos no topo das prioridades e inclusive o direito de carteira assinada.

Figura 6 - Gráfico das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por posição na ocupação do trabalho principal, segundo cor ou raça. Brasil – 2010.



Fonte: IBGE, Senso demográfico 2010.

Observando as informações do Senso, percebe-se que a população negra, muito conquistou, mas, ainda necessita de políticas públicas para eliminar o preconceito e ter igualdade de direitos.

A falta de respeito, a falta de ações concretas do sistema educativo no Brasil, e algumas iniciativas dentro da escola acabam contribuindo para que alguns fios permaneçam soltos. Os fios da cidadania, igualdade de direitos e uma educação de qualidade numa escola que acolha a todos sem distinção de cor raça e religião. Que de acordo com o gráfico, ainda se trata de condições não concretizadas.

4. FIO A FIO, CONSTRUINDO TEIAS: METODOLOGIA DA PESQUISA

*A minha pele de ébano é...
 A minha alma nua
 Espalhando a luz do sol
 Espelhando a luz da lua
 Tem a plumagem da noite
 E a liberdade da rua
 Minha pele é linguagem
 E a leitura é toda sua
 Será que você não viu
 Não entendeu o meu toque
 No coração da América eu sou o jazz, sou o rock
 Eu sou parte de você, mesmo que você me negue.
 Na beleza do afoxé ou do balanço do reggae.*

(Lazzo Mattumbi)¹¹

Mais uma vez a epígrafe chama à atenção para a garra e a coragem do povo negro, que discute sobre o significado e o valor de sua identidade. A condição humana e social do negro em nosso país, por muito tempo mediu forças com o preconceito, o racismo e a segregação. Neste trecho da música, o autor expressa contra o preconceito e a negação da identidade negra, exultando a cultura e a diversidade negra, o que está em evidência neste capítulo. As tessituras desta pesquisa permeiam esta sensibilidade.

A pesquisa em educação vem crescendo consideravelmente no país e, se caracteriza pela preocupação em construir e produzir conhecimento na perspectiva de métodos e técnicas adequados para interpretação de dados. Assim, é pertinente falar sobre as pesquisas nos Mestrados Profissionais que, tem como marco uma preocupação especial em produzir conhecimentos e trazer resultados para a comunidade ou local de realização do trabalho de pesquisa.

Não basta levantar informações, coletar dados e expor resultados, é marco legal do Mestrado Profissional realizar ações que tragam desenvolvimento e atitudes positivas para o grupo pesquisado. Acontece como produção e orientação para pesquisa aplicada, o aperfeiçoamento e estratégias de intervenção que ocasionem possíveis saídas para as soluções de problemas.

¹¹**Lazzo Mattumbi**, é um cantor e compositor brasileiro. Interpretou "Rose" em uma homenagem a Ederaldo Gentil, no disco *Pérolas Finas* em 1999.^[1] Lazzo, tem suas influências pela música negra, África e culturas da Bahia. Em 2015 participou do concerto "Pérolas Mistas", convidado de Carlinhos Brown com participação de Ellen Oléria e Mariene de Castro.

As ações políticas voltadas para a pesquisa em educação, mostram-se como um necessário empreendimento em prol da melhoria da educação nos últimos tempos. Porém, mesmo sendo bombardeada de discussões acirradas no século XX, a pesquisa em educação emerge de possibilidades e seriedade assim, como esclarece Gatti (2006, p.1):

De muita importância é pontuar que a educação enquanto campo de pesquisa foi alvo de debates acirrados em meados do século XX, com grupos defendendo a experimentação científica como possível de ser conduzida nesse campo e, grupos se opondo a isso debatendo a impossibilidade dos objetos desse campo serem sujeitos a processos experimentais. Estudos empíricos, como base para a discussão educacional, ou são rejeitados ou são defendidos sob várias óticas por diferentes autores nesse período, consolidando-se, no entanto, no tempo, o uso de investigações com base na empiria para subsidiar a compreensão dos problemas educacionais.

Nestas condições, a autora vem afirmar que, promover pesquisa em educação implica, estabelecer a necessidade de fundamentar, organizar, construir e refletir sobre essa prática sem correr o risco de desvincular da empiria, para que seja pautada na realidade dos fatos e em condições reais, com seriedade e compromisso. A autora continua revelando as consequências das pesquisas, bem como, seu papel para os estudos daqueles que estudam, e as utilizam, ainda segundo Gatti (2006, p. 2):

Elas, sem dúvida, deixam marcos no espaço e na cultura onde são produzidas, pelo menos no sentido dos grupos e instituições envolvidas, integrando um processo formativo que, mesmo limitado em sua abrangência imediata, alcança o social e outros âmbitos institucionais regionais pelas sucessivas turmas de educandos que as portam e transportam para outras situações. Neste âmbito elas têm um papel.

Portanto, a pesquisa requer tão necessariamente metodologias que garantam colher dados necessários para sua utilização em âmbitos diversos e de acordo com a sua necessidade, de maneira clara e verídica para que não seja questionada por informações duvidosas ou refutada. Construir conhecimentos perpassa os saberes científicos que, se concretiza pela pesquisa e sua contextualização capaz de modificar realidades. Nestas condições brotam as informações sobre a realização deste trabalho e os seus resultados.

4.1 Tipo de pesquisa

Pode-se dizer que pesquisar é percorrer um caminho de práxis em coletividade, com objetividade e maturação para a transformação positiva das relações sociais. Esta pesquisa apresenta-se como de natureza qualitativa e tem como viés de abordagem e de análise, a pesquisa participante, e como definição um processo de pesquisa de educação. Brandão (1988) apresentou algumas iniciativas metodológicas desta pesquisa participante, dentre elas a inserção do pesquisador no local da investigação, e a participação dos envolvidos na pesquisa no processo de investigação, onde o pesquisador usará de autenticidade e compromisso. Autenticidade como fim de produzir um saber que parte do saber do seu sujeito-objeto, que é formado na prática comunitária, demonstrando com transparência e honestidade um compromisso com o saber a ser construído, contribuindo com os princípios específicos da ciência, sem a necessidade do disfarce como sujeito de origem da área delimitada para o estudo. Dentre os contextos de pesquisa participante em nosso país pode-se trazer Streck e Adams (2012, p.4).

No Brasil, uma das experiências pioneiras em pesquisa participante é o projeto de alfabetização conduzido por Paulo Freire (1979) na cidade de Angicos, em 1960. Os temas e as palavras geradoras a serem aprendidas não mais viriam de outras realidades culturais, mas deveriam ser investigados por uma equipe interdisciplinar e pela própria população a ser alfabetizada. A investigação, que já era parte do processo educativo, deveria permitir a apreensão dos temas geradores, bem como a tomada de consciência das circunstâncias e condições históricas, políticas e culturais em que estavam inseridos.

Apreender ações com esta natureza perfaz o caminho da partilha da dialogicidade e crescimento construtivo de uma educação construída na coletividade, uma pesquisa comum aos seus partícipes.

Voltando a falar da natureza qualitativa, na obra de Creswell (2010, p. 34), encontra-se uma discussão sobre a pesquisa qualitativa, considerando-a como uma abordagem diferenciada, onde a investigação emprega diferentes concepções filosóficas. O referido autor explica uma abertura para o campo de investigação onde:

A escolha de métodos por um pesquisador depende de seu objetivo: especificar o tipo de informação a ser coletada antes do estudo ou

permitir que ela surja dos participantes do projeto. Além disso, o tipo de dados pode ser o de informações numéricas reunidas em escalas de instrumentos ou informações de texto, que registram e relatam a voz dos participantes. Em algumas formas de coleta de dados, coleta-se tanto dados quantitativos como qualitativos. Os instrumentos de coleta de dados podem ser aumentados com observações abertas, ou os dados censitários podem ser seguidos por entrevistas exploratórias em profundidade.

As informações coletadas e tabuladas nas formas quantitativas e qualitativas permitirá uma melhor compreensão dos fatos apresentados na pesquisa, que se apresentará de maneira mais clara. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa apresenta as seguintes características: a) A fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador e o instrumento principal; b) A investigação qualitativa é descritiva; c) Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos; d) Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; e) O significado é de importância vital, na abordagem qualitativa pois, é através dele que o conhecimento será construído. Assim sendo, o endosso desta pesquisa se compõe na abordagem crítico-dialética (Sánchez Gamboa, 2007, p. 116), onde ele afirma que este tipo de pesquisa é tanto cultural, quanto social.

A pesquisa participante foi produzida e construída pelo antropólogo Bronislaw Malinowski, que para conhecer os moradores das Ilhas Trobriand, e a dinâmica da cultura dos seus habitantes, ele passou a conviver na ilha, conhecendo o cotidiano, as ações e as experiências vivenciadas pela população. Rompendo com a sociedade ocidental, montava sua tenda nas aldeias que desejava estudar, aprendia suas línguas e observava sua vida cotidiana. Haguette (1999) define esse tipo de pesquisa como um processo de: investigação, educação e organização. Os princípios fundamentais da pesquisa participativa segundo o autor são:

a) a possibilidade lógica e política de sujeitos e grupos populares serem os produtores diretos ou associados do próprio saber que mesmo popular não deixa de ser científico; b) o poder de determinação de uso e do destino político do saber produzido pela pesquisa, com ou sem a participação de sujeitos populares em suas etapas; c) o lugar e as formas de participação do conhecimento científico erudito e de seu agente profissional do saber, no 'trabalho com o povo' que gera a necessidade da pesquisa, e na própria pesquisa que gera a necessidade da sua participação.

Streck e Adams (2012, p. 3), apontam a pesquisa participante no Brasil, fazendo referência ao grande pesquisador educador Paulo Freire:

No Brasil, uma das experiências pioneiras em pesquisa participante é o projeto de alfabetização conduzido por Paulo Freire (1979) na cidade de Angicos, em 1960. Os temas e as palavras geradoras a serem aprendidas não mais viriam de outras realidades culturais, mas deveriam ser investigados por uma equipe interdisciplinar e pela própria população a ser alfabetizada. A investigação, que já era parte do processo educativo, deveria permitir a apreensão dos temas geradores, bem como a tomada de consciência das circunstâncias e condições históricas, políticas e culturais em que estavam inseridos.

Assim, pode-se compreender mais nitidamente, como se processa a pesquisa participante. Lembrando que esta se difere das demais pela dialogicidade, as reflexões e a partilha, que acontecem na investigação. Segundo Gatti (2006, p.1):

Os conhecimentos científicos são produzidos em uma sociedade e esta produção e sua veiculação/socialização está interligada às formas como certas relações sociais e de poder se estruturam, tanto em nível mais geral, como nos pequenos grupos ou em nichos institucionais. Isto dá suporte a crenças e representações específicas sobre a construção de conhecimentos científicos, da busca da verdade.

Com esta preocupação, a presente pesquisa se desenvolveu a partir da utilização de um conjunto de atos (administração de instrumentos; análise de documentos; materiais e artefatos, observação, entrevistas e a primeira Tertúlia dialógica cultural). Estes atos serviram de base técnica e científica para incitar e apurar todas as informações necessárias para a construção de dados. Toda essa ação demandou para a obtenção de informações fidedignas acerca dos atores sociais, adequando-as para a devida compreensão do contexto estudado. Tais discussões possibilitaram a geração de novos olhares, e atitudes pertinentes que contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento básico e específico da pesquisa. Assim, é preciso que o trabalho de interpretação se apresente como nítido, claro e conciso. Para tanto, foi usada para esta pesquisa a análise de conteúdo, muito aplicada pelas ciências humanas no intuito de uma melhor compreensão e visão do caso estudado, como explica Bardin (1977, p. 29):

Apelar para estes instrumentos de investigação laboriosa de documentos, é situar-se ao lado daqueles que, de Durkheim a P. Bourdieu passando por Bachelard, querem dizer não «à ilusão da transparência» dos factos sociais, recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea. 'É igualmente «tornar-se desconfiado» relativamente aos pressupostos, lutar contra a evidência do saber subjectivo, destruir a intuição em proveito do «construído», rejeitar a tentação da sociologia ingênua, que acredita poder apreender intuitivamente as significações dos protagonistas sociais, mas que somente atinge a projecção da sua própria subjectividade. Esta atitude de «Vigilância crítica», exige o rodeio metodológico e o emprego de «técnicas de ruptura» e afigura-se tanto mais útil para o especialista das ciências humanas, quanto mais ele tenha sempre uma impressão de familiaridade face ao seu objecto de análise.

Então, a análise de conteúdos reajusta ações pontuadas no rigor científico, que direciona na busca de compreensão madura e não espontânea do pesquisador. Uma análise criteriosa, sondagem desprovida de “intuicismo” e pretensão do pesquisador. O mais importante é que ela seja vista como adaptável às comunicações, um campo muito vasto de conhecimentos. Bardin (1977, p. 9), define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Esta técnica se refere não só ao estudo dos conteúdos, mas também de figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, tão quanto manifestos, como especifica CAMPOS (2004). Dispondo da análise de conteúdo, ainda se pode elencar as fases pontuadas por Bardin: Pré-análise, exploração do material, e tratamento dos resultados.

Na Pré-análise, pode-se visualizar a escolha dos documentos expostos à análise, assim como a formulação de hipóteses na elaboração de indicadores para a interpretação minuciosa. “A análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial” Bardin, (2009, p.123). Nestes termos rigorosidade ética faz muita diferença, pois é preciso mostrar o que realmente foi visto, no tangente, fatos verdadeiros oportunizarão categoricamente evidenciar a realidade, fora de imaginário e de suposições.

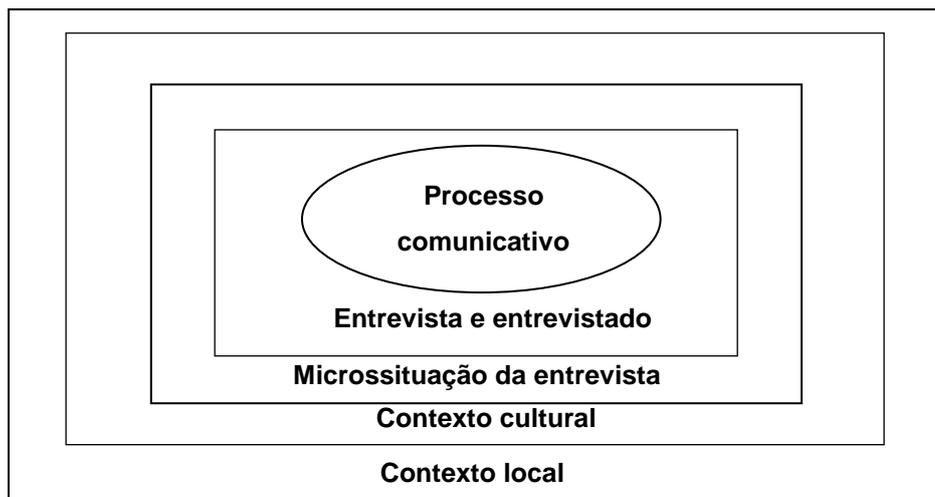
A exploração do material traz definição de categorias, ou seja, trata-se da administração sistemática das decisões tomadas e uma etapa muito importante, porque irá possibilitar ou não a riqueza das interpretações e inferências. O tratamento dos resultados e interpretações permitem estabelecer quadros de resultados, sintetizar e selecionar conteúdos que pela inferência evidenciam a interpretação. E partindo daí, utilizar estes resultados com fins teóricos ou pragmáticos. As possíveis técnicas usadas na análise de conteúdo de acordo com Bardin (1977) que as decorre em toda a sua obra, são: análise categorial, análise de avaliação, análise da enunciação, análise da expressão, análise das relações e análise do discurso.

A entrevista representa um instrumento muito importante no ato de pesquisar e é muito utilizada por pesquisadores de toda a área do conhecimento. As entrevistas semiestruturadas trazem em minúcias fatos e informações peculiares, a grandiosidade desta investigação, de acordo com Triviños (1987, p. 146):

Tem como característica, questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes.

De acordo com o autor, este paralelo fundamenta a pesquisa tornando-a consistente, para que se evidencie novas descobertas com fundamentos precisos do que foi colhido. A análise precisa ser analisada cientificamente para que seus achados sejam fortemente fundamentados de forma crítica, em um movimento que perpassa o ato reflexivo e construtivo, como mostra a Figura 7:

Figura 7 - Processo explicativo e comunicação entre entrevista e entrevistado. Fluxograma macro e microssituação, para a realização da entrevista.



Fonte: Rosa e Arnoldi(2006,p.61).

A partir do fluxograma percebe-se que, o processo comunicativo estabelecido como foco informativo entre o entrevistador e o entrevistado, se insere na microssituação da entrevista dentro do contexto local. E este por sua vez, no contexto social e cultural, numa gama de busca do achado científico para a caracterização da pesquisa. A entrevista semiestruturada, foi elaborada, possibilitando aos entrevistados expressarem sobre seus pensamentos, disposição natural e ideias. Portanto, questões mais aprofundadas e subjetivas, dando referência e estabelecendo valia de crenças, atitudes, sentimentos, e comportamentos relacionados. Rosa: Arnoldi (2006, p. 61), ainda exige que se componha um roteiro de tópicos. As questões seguiram em uma formulação flexível. As sequências e minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que aconteceu naturalmente, e as transcrições devem ser lidas repetidas vezes até a exaustão.

4.2 Pesquisa exploratória

Foi realizada com o auxílio do diário de bordo, observações das práticas docentes e análises dos documentos da escola: Projeto Político Pedagógico - PPP, e outros projetos realizados pela escola, tomando como referência o tema da pesquisa e suas considerações. Como a pesquisa se apresentou como participante, houve uma exploração para que o próprio lócus oportunizasse as pistas para a entrevista, para que esta se firmasse de maneira espontânea.

- ✚ Observações dos espaços escolares e educativos;
- ✚ Análise dos projetos realizados pela escola;
- ✚ Análise do Projeto Político Pedagógico - PPP;
- ✚ Conversas informais com os gestores (diretor e coordenador) e outras pessoas que trabalham na escola;
- ✚ Reconstrução da entrevista semiestruturada para recolhimento de informações e futura análise de conteúdo;
- ✚ Análise do conteúdo das entrevistas e das falas dos educadores no cotidiano, com o intuito de compreender criticamente o conteúdo com o olhar compreensivo e interpretativo para o enriquecimento da pesquisa através dos fatos evidenciados;
- ✚ Análise da concepção dos docentes, sobre o tema: Educação para as Relações Étnico-Raciais, elencando as práticas docentes, suas dificuldades e anseios;
- ✚ Escuta sensível das observações feitas pelos educadores da escola em relação a educação quilombola;
- ✚ Comparação de dados e objetos coletados.

Todas as ações foram desenvolvidas dentro da valorização de cada detalhe observado, durante todo o tempo que estivemos na comunidade, conversando com as pessoas, participando de eventos, visitando alguns locais públicos, como: bares, restaurantes, feira, lojas, por várias vezes a escola, conversando com os alunos e funcionários da escola quilombola e da Faculdade Manancial. Estas ações ocorreram de forma saudável e amigável, dando sempre significados aos instrumentos essenciais do trabalho de investigação: anotações no diário de campo, gravação das entrevistas, registro dos documentos produzidos pelos docentes da Escola Quilombola e suas histórias, o projeto de pesquisa como técnicas adequadas ao paradigma qualitativo, observação e análise documental como citado anteriormente. Nestas condições a pesquisa se firmou dentro da ética e do respeito a todos os envolvidos. Perfazendo o caminhar mediado pelo desejo de conhecer a realidade tal como se apresenta, identificando nas entrelinhas as informações valiosas para o enriquecimento de todas as descobertas e construções.

A presente pesquisa ainda traz como **produto final** a realização **da I Tertúlia Dialógica Cultural de Lage dos Negros**, numa dinâmica coletiva e dialógica de estudos. Como formação e auto-formação. Em parceria com representantes de associações, representantes do Instituto Manancial Quilombola de Lage, diretores e coordenadores da escola Rural Quilombola e Escolas isoladas.

4.3. Tomando a via da pesquisa: da cidade das esmeraldas, à Lage dos Negros, terra do quilombo

Campo Formoso é uma cidade localizada ao norte da Bahia e foi povoada pelos índios pataxós, mas muitos falam também dos índios tapuias. Estes dados podem ser encontrados no Plano Municipal de Campo Formoso PME (2014). Segundo o IBGE, os jesuítas chegaram às aldeias indígenas no século XVII, então se formou o povoado Santo Antônio da Jacobina e, em 1682, criou-se a freguesia que, mais tarde teve seu nome mudado. De acordo com o PME Campo Formoso se destacou historicamente na Campanha de Canudos, em 1897, como um dos principais fornecedores de víveres para os combatentes. Pelo Decreto Estadual nº 10.724, de 30 de março de 1938, a Sede Municipal elevou-se a cidade, com a denominação de Campo Formoso. Esta cidade é muito visitada por turistas, que vem dos Estados Unidos, Alemanha e principalmente da Índia em busca de pedras preciosas, que são extraídas do conhecido Garimpo do Socotó e Serra da Carnaíba para serem comercializadas no centro de Campo Formoso, na conhecida Feira do Rato.

Hoje, a cidade se destaca como a terra das esmeraldas e outras pedras preciosas: cristal de rocha, citrino, ametista e esmeralda. É conhecida também, como cidade das grutas, tendo uma delas, a Toca da Barriguda, como a maior do Hemisfério Sul e são mapeadas pelo grupo Bambuí, o que atrai muitos turistas para contemplar estas criações da natureza. As grutas fazem parte da região quilombola de Lage dos Negros, distrito do Município de Campo Formoso – BA, cidade que fica a 400 km de Salvador, o acesso é feito pela BR-324 até Senhor do Bonfim, daí 24 km através de pista asfáltica que liga as duas cidades. Campo Formoso faz parte do polígono das secas ao Norte do Estado da Bahia, região do Vale do São Francisco, microrregião de Senhor do Bonfim. Apesar de sua proximidade com a caatinga, a

cidade possui clima ameno, com noites arejadas pelos ventos alísios, canalizados através da cadeia de serras que circundam toda a região.

4.4. Tecendo o caminho: percurso e memória

Em direção ao centro da caatinga, perpassando uma vegetação seca e ao longe, os sinais da tecnologia e modernidade, aparecem as torres de energia eólica. Finalizando a estrada asfáltica, sol e poeira, não permitem dizer o quanto ainda resta caminhar para conhecer com outros olhares a comunidade quilombola. Lugar histórico que como muitos outros pelo Brasil, por meio de muita luta, coragem e determinação são símbolos de resistência, das pessoas negras, que tanto contribuíram para a formação do povo brasileiro.

Figura 8 - Foto da entrada do distrito Lage dos Negros, Campo Formoso – 2016.



Fonte: A própria autora¹²

Segundo narrativas, de Farias, (2007) Lage foi fundada por um negro liberto, chamado Luizinho, o lugar é cercado por muitas belezas naturais. Nos arredores do Rio Campestre, que fica a poucos quilômetros do centro do povoado podem ser encontradas algumas pinturas rupestres e grutas.

O início histórico de Lage é conhecido por todos como a partir de Luizinho, que era escravo de Nezife Barros, um fazendeiro que residia em Bananeiras dos Pretos, próximo a cidade de Antônio Gonçalves. Os relatos e análise de documentos já elaborados acerca da história desse lugar, falam que quando Nezife

¹²Entrada do distrito de Lage dos Negros e proximidades da Escola Rural Quilombola de Lage. Em 25/05/2017.

encontrava-se com idade avançada, se mudou com todas as suas posses, inclusive seu escravo Luizinho para Campo Formoso, com a finalidade de ficar ao lado de sua família. As pesquisas realizadas em Lage, revelam que frei João Sannig¹³, este contou que Luizinho teve 11 filhos com Maria Lage, filha de Pedro F. Lage. Os registros de batismo mostram que o primeiro filho de Luizinho nasceu em 1848, o que leva a crer que eles já estivessem na região de Lage nesse período. (FARIAS, 2007).

O local de Lage era chamado de Boa Intenção Neste mesmo documento a autora, afirma que provavelmente, foi no final da década de 1850 para o início da década de 1860 que, Luizinho comprou as terras de Lage dos Negros. Na procura de uma terra para comprar, Luizinho se direcionou ao Riacho do Inferno ou Salôbo, quando encontrou Francisco Sales, um negro fugido, advindo do Salitre, e João Malaquias que disse estar perdido na mata. Ambos acompanharam Luizinho e após a compra da terra Sales se instalou em alagadiço e João no Pacuí. Essa estratégia talvez tenha a ver com a garantia de posse das terras. Já que se assemelha com atitudes de posse de terra de outras comunidades remanescentes de quilombo Farias (2007). As informações trazidas pela comissão Pró-índio de São Paulo não aponta a extensão territorial.

Quadro 4 - Resumo Territorial de Lage dos Negros – Campo Formoso – BA.

Ficha Resumo do Território	
Nome da Terra	Lage dos Negros
Nome da (s) Comunidade(s)	Lage dos Negros
Município	Campo Formoso
Unidade da Federação	Bahia
População	1010 famílias
Dimensão Territorial	-
Etapa do processo de titulação	Certidão Fundação Cultural Palmares
Superintendência Responsável	SR 05 Bahia
Data da Última Atualização	16/07/2013

Fonte: CPISP – 2013(Comissão Pró-Índio de São Paulo).

¹³ Frei João Sanning: Padre da Ordem Franciscana menor. Foi Vigário de Campo Formoso e atualmente reside na província franciscana de Santo Antonio do Brasil. Canindé – CE. Fonte: A própria autora que conviveu com o padre e <http://www.ofmsantoantonio.org>. Com acesso em:13/07/2017.

Segundo as narrativas, Lage traz as marcas de um regime escravocrata e racista, estas marcas podem ser trazidas na fala de sua moradora e também professora quilombola P7 quando afirma:

Eu fui fazer estágio e era muito humilhada, o pessoal não me aceitava na sala de aula por conta até mesmo de racismo, preconceito, e não aceitar a realidade, de achar que eu não tinha capacidade. Mesmo eu tendo estudado em Campo Formoso, mas não aceitava. Assim... a maioria deles valoriza o que vem de fora, do que o que tem dentro do lugar. As vezes tem uma bagagem até melhor, mas, não aceita. Até mesmo de tá desfazendo do conhecimento da pessoa.

O depoimento da professora deixa claro que ainda acontece este tipo de fato, quando seu texto sai do passado e finaliza no presente. Mesmo que sutilmente. Muitas vezes este tipo de situação se manifesta de forma velada, até mesmo entre os próprios moradores do lugar. A comunidade é de baixa renda, a comercialização da fibra de sisal é feita sem o beneficiamento, resultando em baixa rentabilidade, e é preciso registrar que essa cultura provoca muitas mutilações nos produtores rurais. As mulheres trabalham com a palha do licuri, planta nativa da região, produzindo chapéus, vassouras e esteiras, a fim de garantir uma renda mínima para sua sobrevivência (CODEVASF, 2017).

Através das associações, a comunidade mantém uma luta constante pela aquisição de políticas públicas voltadas para melhorias na educação, saúde, moradia e saneamento básico pois, além de existir apenas duas escolas no centro, muitas casas são de taipa. O índice de crianças com deficiência intelectual ainda é grande. É muito comum o casamento entre parentes próximos.

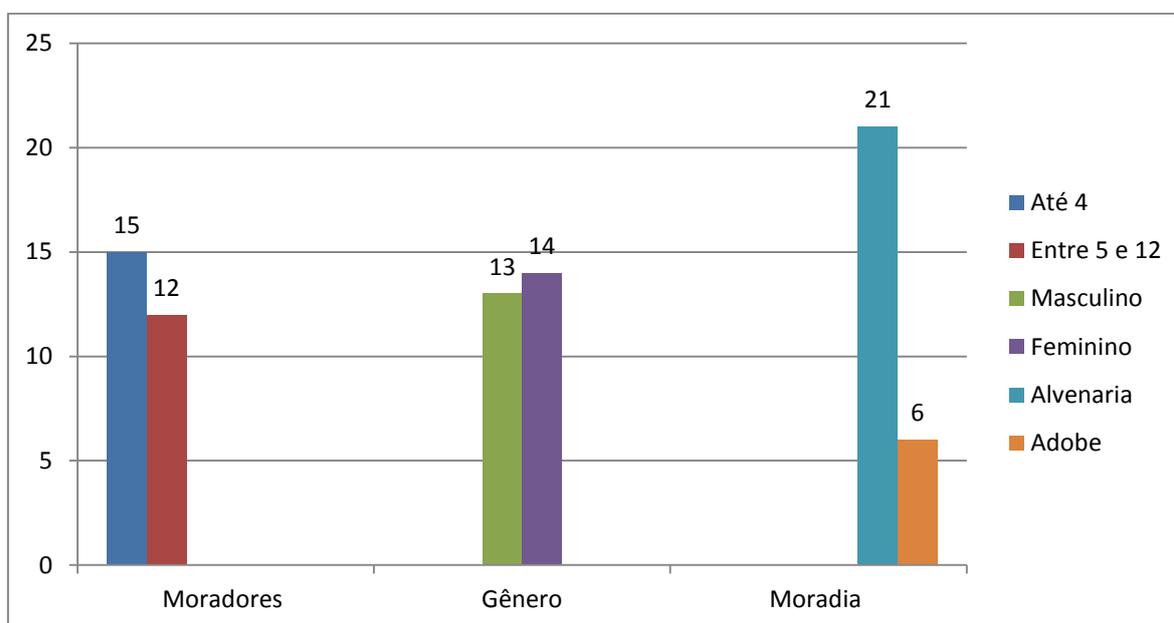
Não há pavimentação nas ruas e nem saneamento básico, é comum presenciar os esgotos correndo a céu aberto. Segundo (Barbosa, 2015, p. 92).

Lage dos Negros tem sua história marcada por conflitos políticos, étnicos, culturais e sociais, devido à ausência de políticas públicas. Isso provocou o isolamento para essa população que reside em territórios afastados do meio social, o que torna dificultoso o acesso dos serviços, causando a exclusão dessa população. Diante dessa realidade, o CRAS Quilombola foi implantado na comunidade de Lage dos Negros no dia 29 de outubro de 2008, para atender as famílias quilombolas que se encontravam em situações de vulnerabilidades e riscos sociais.

Percebe-se então, que falta na comunidade uma infra-estrutura, tanto que só recentemente chegou o sinal de telefonia móvel. O recente sinal de telefonia móvel foi implantado por meio de uma parceria entre a Secretaria de infraestrutura do Estado (Seinfra), tendo a Oi como operadora. Essa conquista também se deu pelo grande empenho dos membros das Associações que, enfrentam uma luta diária em buscar melhorias de vida para os moradores e possíveis soluções para as dificuldades que vão surgindo na comunidade.

Em uma pesquisa feita em 2015, com as famílias da Escola quilombola, alguns dados podem exemplificar a condição de baixa renda da comunidade.

Gráfico 2 - Perfil da comunidade / famílias Escola Rural.



FONTE: Pesquisa realizada por uma moradora de Lage. Barbosa, (2015, p. 84).

Os dados apresentados no gráfico apontam que 55% das famílias da Escola Rural Quilombola de Lage possuem até quatro moradores por residência 45% têm entre 5 a 12 moradores; destes, 52% são mulheres e 48%, homens; contando que 78% das casas são construídas de alvenaria e 22% em adobe¹⁴

4.5 Cultura e fé da comunidade de Lage dos Negros

¹⁴ **Adobe:** bloco feito de argila, de forma artesanal pelos próprios moradores.

A comunidade se apresenta como muito carente e necessitada de políticas públicas voltadas para sua infra-estrutura, como está pontuado no gráfico. Uma das questões que acarretam a população é a água, ou melhor, a falta dela e sua qualidade, pois é salobra. E muitos moradores não conseguem ingeri-la e aqueles que têm uma certa posse, termina consumindo água mineral, outros consomem esta água, mesmo sendo salobra. Apenas há poucos meses, Lage recebeu sistema integrado de abastecimento de água que, segundo o site do Governo Estadual beneficia toda a comunidade. Este investimento se deu pelos recursos disponibilizados por meio do Fundo de Combate e Erradicação à Pobreza - Funcep, (2016).

A feira livre acontece aos domingos e é tida como uma oportunidade de encontros, diversão, negócios e paqueras entre jovens, adultos e crianças. Os encontros acontecem na feira, tal atividade mostra-se como uma prática cultural. O domingo é sagrado ir à feira, alguns gestores tentaram mudar o dia e o povo foi contra e lutou para que a feira permanecesse do domingo.

Figura 9 - Imagens do centro do Distrito de Lage dos Negros.



Fonte: A própria autora em 25/06/2017.

Os moradores de Lage não apagaram a vontade e a luta de manter viva as suas manifestações culturais, presentes nas diversas formas da comunidade, enaltecer sua identidade. Essa fé é contada num livro popular, escrito por uma das moradoras de Lage: Hilda Costa Araújo.

No referido livro a autora narra, que durante todo o ano os moradores de Lage se envolvem com manifestações religiosas. Mas, no mês de junho, que essas manifestações culturais ficam mais evidentes: as homenagens são feitas ao

padroeiro Santo Antônio nos treze primeiros dias do mês, onde todos se mostram imbuídos de devoção, alegria e fé. Segundo os moradores, as manifestações culturais religiosas surgiram em meados de 1865. Rozendo, filho de Luizinho, sensibilizado com suas irmãs, que não podiam participar das celebrações, junto com as filhas dos patrões, por serem negras, modelavam bonecos de barro com pedaços de madeira para simbolizar seus santos de devoção.

Rozendo, filho do fundador de Lage, em uma de suas viagens à Freguesia da Jacobina Velha (atual cidade de Campo Formoso), trouxe para suas irmãs uma pequena imagem de Santo Antônio, mais ou menos de cinco centímetros. E, a partir daí a mistura de ritmos adereços, no som do tambor africano, passou a embalar as ladainhas e rezas em latim, com queima de fogos de artifício, que antes eram feitos artesanalmente com minério extraído das cavernas da região.

Figura 10 - Imagem da igreja de Santo Antônio de Lage dos Negros.



Fonte: Arquivo pessoal da própria autora em 16/10/2016

As ladainhas em latim ainda são rezadas por algumas senhoras mais velhas do lugar. Neste período de festa, geralmente acontece também, a festa profana. O livro de Araújo, (s/d), ainda relata sobre esta festa na comunidade:

No dia 15 de maio um mastro é erguido na porta da Igreja (um tronco de árvore) com uma bandeira branca e fitas coloridas. Assim, toda a comunidade fica avisada da grande festa. Essa prática ainda é vivenciada até hoje por um grupo de pessoas incentivadas por Dona

Flor, Florzinha ou Mamainha como é chamada pelos netos, bisnetos e outras pessoas da comunidade. Aos 88 anos, ela pede ao povo que não deixem os costumes acabarem. Hora na língua portuguesa, hora em latim, as noites são animadas pelas rezas e leilões. Mesmo sendo festa religiosa, ninguém dispensa um bom chamego à base de um forró pé de serra, esquentando com alguns goles de cachaça, para enfrentar o fiozinho que sempre surge nesta época do ano.

Atualmente a comunidade de Lage se encontra dividida em termos religiosos. A maioria do povo se diz católico, outra parte é formada de pessoas que são evangélicas, e poucos assumem a religião de matriz africana. As igrejas evangélicas, uma vez por ano, realizam em um espaço da comunidade chamado "Campinho", o evento: Lage para Cristo¹⁵, onde cantores e pastores de outros lugares se juntam para show e culto. Na comunidade pouco se fala a respeito de candomblé ou outro tipo de religiosidade que não seja catolicismo e protestantismo. As pessoas não querem falar no assunto e quando perguntadas, dizem nada saber. Algumas dizem ouvir o som do tambor no mês de setembro, mais precisamente no dia de Cosme e Damião, mas, que “não se trata de culto aos Orixás não”, é a homenagem aos dois santos pelo Caruru. Fala-se de um terreiro que existiu na localidade de Barrocas, próximo a Lage mas, que acabou devido a dona do terreiro ter falecido.

As manifestações culturais de Lage estão presentes no Reisado,¹⁶ na Roda de São Gonçalo, nas rezas em latim, na hora da morte de alguém da comunidade. Apenas algumas senhoras mais velhas da comunidade, realizam esta prática. Segundo a professora quilombolas P2: “A reza em latim mesmo, está morrendo porque os mais novos não querem aprender, ou não se interessam”. A P7 confirma: "Tem a reza em latim, mas, só umas velhinhas sabem rezar. Quando elas rezam ninguém consegue entender o que elas dizem. Nossa cultura está se perdendo”.

Outra manifestação cultural das mais marcantes é o Samba de Pé Arrastado. Ao som do violão, cavaquinho e pandeiro o samba se inicia sem hora para terminar. “Seguimos com nosso samba até quando Deus quiser!” Assim, dizem os moradores do lugar que muitas vezes tocam e cantam samba durante todo o dia, tomando uma

¹⁵ Evento anual de cunho religioso protestante, organizado pela Igreja Assembléia de Deus Manancial.

¹⁶ **Reisado**, ou Festa de Santos Reis é uma manifestação cultural religiosa festiva e classificada, no Brasil, como folclore. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Folia_de_Reis. Acesso: 28/06/2017.

cachacinha. O "amassa barro" é outra manifestação cultural presente em Lage, que segundo alguns moradores, está diminuindo, por conta de que as pessoas não constroem mais as casas de taipa, as casas agora são construídas de tijolos. Mas os mutirões de ajuda nestas construções ainda permanecem fortes.

Apesar de muitos negarem a sua identidade, na população de Lage existem muitas pessoas que tem a preocupação, de nunca deixar morrer estas manifestações culturais, e procuram passar esta lição para filhos e netos. O **Quilombart**, Grupo de teatro, representa as expressões artísticas dos jovens quilombolas de Lage dos Negros. As expressões corporais, em teatro e coreografias marcam a garra e a força, o gingado e mais precisamente a história deste povo pioneiro, que se refletem na arte da nova geração quilombola de Lage dos Negros. Suas apresentações focam a cultura, a identidade e a história quilombola.

Figura 11 - Grupo Teatral Quilombart, apresentando-se na cidade de Salvador.



Fonte:Rodrigo Vicente para youtube em 26/11/2013¹⁷

O **Grupo Teatral Quilombart** é conhecido em toda a região e se apresenta em vários lugares, inclusive na capital baiana, Salvador. Politicamente Lage dos Negros se apresenta como um lugar bastante povoado, o que suscitou nos representantes das várias associações o desejo de buscar sua emancipação política, uma ação sem êxito. Porém, os representantes da comunidade não perdem a esperança e a vontade de continuar lutando pela melhoria do lugar e por melhores condições de vida.

¹⁷Grupo Teatral Quilombart apresentando-se na 11ª Tarde Cultural da Casa do Sol, em Cajazeiras V - Salvador, Bahia. Disponível em: <https://www.youtube.com>, acesso em 18 de maio de 2017.

4.6 O Lócus: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros

A escola quilombola foi fundada em 2012 e foi construída com o intuito de atender do Ensino Fundamental nas séries iniciais. Anos depois passou a trabalhar com alunos do Ensino Fundamental em ciclo (1º ao 3º ano) e Educação Infantil (com estudantes a partir dos 3 anos de idade), com um total de 274 (duzentos e setenta e quatro alunos) destes, 115 (cento e quinze) alunos na Educação Infantil e 159 (cento e cinquenta e nove) alunos no Ensino Fundamental, 01(um) Diretor e 01(uma) Coordenadora. Com o crescimento da comunidade a oferta de matrícula também cresceu. Hoje a escola trabalha com o seguinte quadro:

Quadro 5 - Atendimento escolar às crianças quilombolas no ano de 2017 em quantidades.

SEGUIMENTO	TURNO MATUTINO	TURNO VESPERTINO	TOTAL
Educação Infantil	71	64	135
Fundamental I	73	94	167
Programa Mais educação	<ul style="list-style-type: none"> • Teatro • Música • Educação Patrimonial 		130

Fonte: A própria autora em 29/05/2017.

A partir do quadro percebe-se nitidamente o crescimento do público alvo. A escola foi contemplada este ano com o **Programa Mais Educação**¹⁸, lembrando que este programa já funciona no município a mais de 3 anos.

Também fazem parte do quadro da escola 10 auxiliares de professoras, 02 auxiliares administrativos, 08 auxiliares de serviços gerais e merendeiras, 04 vigias e porteiros. Do total de professores, 04(quatro) efetivos, 01 (um) em regime de REDA e 3 atuantes em sistema de contratos temporários. A localização da escola é de fácil acesso, fica situada na entrada do vilarejo, um pouco distante do centro da

¹⁸ **O Programa Mais Educação** - criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 29 junho 2017.

comunidade. Desta forma as crianças e os professores tem a necessidade de utilizar o transporte escolar para chegar e sair da escola.

Figura 12 - Fotografia da parte externa da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.



Fonte: A própria autora em 25/06/2017.

A escola funciona das 07h e 30min às 11h e 30min, no turno matutino, e das 13h e 30min às 17h e 30min, no turno vespertino. Foi inaugurada no dia 19 de outubro de 2012 e atende crianças da comunidade rural quilombola em classes seriadas. Esse fato diferencia a escola das isoladas, onde os alunos estudam em classes multisseriadas. Os gestores da Escola Rural Quilombola, são responsáveis também pelas escolas isoladas o que justifica os planejamentos serem realizados quinzenalmente em parceria. Lembrando que as escolas isoladas são conhecidas por esse nome, por ficarem mais longe do centro da comunidade.

Apesar do Ministério da Educação, ter disponibilizado para as escolas um grande número de livros de literatura infantil, com enfoque na educação étnico racial, a escola dispõe de um acervo bibliográfico reduzido, com poucos livros que fazem referência a cultura africana. Ninguém sabe dos livros que sumiram. Assim, a escola necessita de mais material para discutir sobre a referida temática.

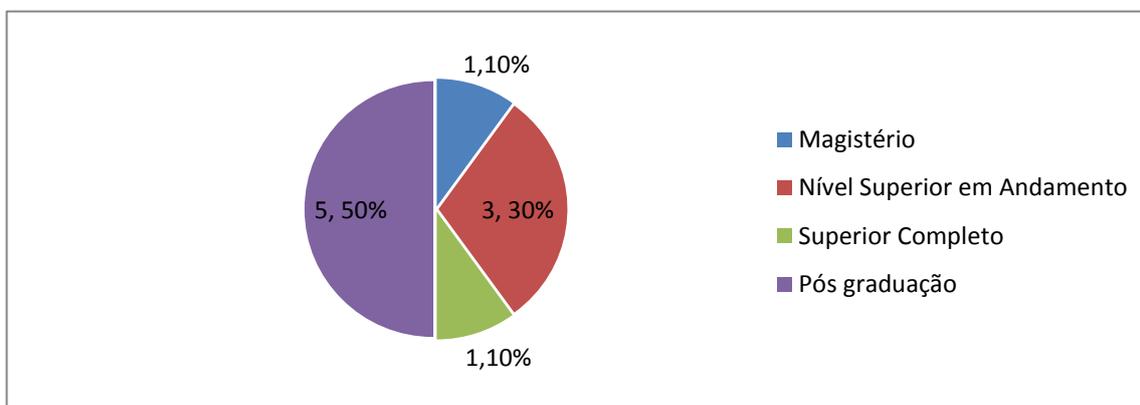
4.7. Os sujeitos da pesquisa

Pautado na análise de ações desenvolvidas, o presente trabalho visualiza como participantes da pesquisa, os docentes que atuam na Escola Rural Quilombola, efetivos e contratados, perpassando mesmo que de maneira secundária os gestores, (Direção e Coordenação) da instituição de ensino. Por estarem

diretamente ligados às ações práticas-pedagógicas do contexto da escola quilombola, convivendo com a comunidade escolar de forma ativa e participativa se inserem.

Trabalhar com a pesquisa participante favorece o entendimento como, um instrumento que permite compreender, intervir e transformar a realidade ao que cada indivíduo se caracteriza como uma fonte original de saber. É importante frisar que a pesquisa ocorreu tendo como foco principal, os docentes da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros. A formação destes professores se apresenta da seguinte forma:

Gráfico 3 - Panorama da Formação dos professores da Escola Rural quilombola.



Fonte: A própria autora.

Assim, analisando o gráfico acima, observa-se que metade dos professores possuem Graduação e Especialização. O que garante dizer que estes professores quilombolas percebem a necessidade de buscar conhecimento. Pois aqueles que ainda não possuem nível superior completo, estão com o Curso de Pedagogia em andamento.

4.8 Fios tecidos: Organização e análise dos objetos encontrados na escola

Falando da pesquisa em educação em um Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), torna-se de praxe salientar o referencial que representa este Ensino de Pós-Graduação, uma vez que, convalida toda a questão pesquisada trazendo à tona a proposta de contribuir de forma direta, no ambiente

educativo e colaborar com a melhoria da qualidade em educação e de uma maior reflexão acerca dos problemas levantados.

A reflexão do educador, suas possíveis saídas e a provocação de uma ação – reflexão - ação para que as mudanças e melhorias partam do chão da escola à comunidade, e vice-versa numa ação de movimento contínuo. Sendo assim, pode-se explicar de maneira mais clara ponto a ponto as ações planejadas que permitiram percorrer o caminho dessa pesquisa.

4.8.1 Pontos firmados na Pesquisa exploratória

A ação abaixo narrada foi de grande importância para o primeiro momento da pesquisa. A partir desse momento, as relações dialógicas tiveram início. Cheguei à escola, me apresentei aos funcionários e professores que me escutaram na apresentação do Projeto de Pesquisa, falei do Curso de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade e a diferença deste para um Mestrado Acadêmico. Expliquei como tudo se realizaria, toda a metodologia utilizada: as observações, o desenrolar das ações, as questões éticas, as entrevistas e o produto final. Enquanto, apresentava a proposta, perguntas eram feitas e dúvidas eram esclarecidas. O momento se tornou oportuno para os professores se expressarem e afirmarem que algumas pesquisas não trazem retorno para a escola. Na minha explanação sobre o Mestrado Profissional, os docentes se admiraram com a sua dinâmica, todos concordaram com o trabalho e se disponibilizaram a colaborar.

Após o primeiro encontro, foi realizada a observação dos espaços escolares e educativos. Estes espaços permitiram a colheita de muitos dados significantes: análise dos projetos realizados pela escola: onde pude ver que no início de sua fundação a escola quilombola era mais atuante; A escola realizava um projeto que era desenvolvido por todos os docentes, intitulado: “Projeto Pedagógico anual sobre a Cultura Afro-brasileira”. Este projeto se detinha a reforçar práticas de valorização da cultura quilombola nas datas comemorativas do calendário afro-brasileiro. Não foram encontrados na escola registros escritos pelos professores, sobre este projeto, mas algumas fotografias registraram as ações desenvolvidas na escola no período em que este projeto foi colocado em prática.

Quadro 6 - Datas comemorativas do Projeto pedagógico anual sobre a cultura Afro-brasileira.

MAIO	13 - Dia dos Pretos Velhos 13 - Abolição da escravatura no Brasil / 1888
JUNHO	21 - Nascimento de Luís Gama - jornalista, poeta e um dos gigantes da causa abolicionista / 1830 21 - Nascimento de Machado de Assis / 1839 24 - Nascimento de João Cândido, o "Almirante Negro", líder da Revolta da Chibata
JULHO	03 - Aprovada a Lei Afonso Arinos, colocando a discriminação racial como contravenção penal / 1951 07 - Leitura, em frente ao Teatro Municipal, de carta aberta à nação contra o racismo, inaugurando o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (depois MNU) / 1978 18 - Nascimento do líder sul-africano Nelson Mandela / 1918 25 - Dia da Mulher Afro-latino-americana e Caribenha
AGOSTO	08 - Em Lagos (atual Nigéria) é registrado o primeiro ato de escravidão, por Portugal / 1444 10 - Morre o padre Batista, um dos fundadores do Instituto do Negro e dos Agentes de Pastoral Negros / 1991 12 - É publicado o manifesto dos conjurados baianos da Revolta dos Alfaiates, protestando contra os impostos, a escravidão dos negros e exigindo independência e liberdade / 1798 24 - Primeiro Congresso de Cultura Negra das Américas, na Colômbia / 1977 28 - Primeira Marcha de Negros sobre Washington, em favor dos direitos civis, EUA / 1963
SETEMBRO	04 - Promulgação da lei Euzébio de Queiroz, extinguindo o tráfico de escravos no Brasil / 1850 07 - Criação do Grupo União e Consciência Negra do Brasil / 1981 14 - É fundado o jornal O Homem de Cor, o primeiro da imprensa negra brasileira / 1833 16 - Fundação da Frente Negra Brasileira, maior entidade da primeira metade do século, primeiro partido político de afrodescendentes/ 1931 27 - Dia dos Idosos 28 - Aprovada a Lei do Ventre Livre / 1871 e Assinada a Lei do Sexagenário / 1885
OUTUBRO	01 - Fundação, na PUC, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros –NEAFRO 07 - Dia de Nossa Senhora do Rosário, patrona dos negros 12 - Começa a devoção a Nossa Senhora Aparecida, quilombola negra, padroeira do Brasil, a partir de 17 16 - Wole Soyinka torna-se o primeiro africano a receber o Prêmio Nobel de Literatura / 1986 26 - Dia Nacional da Juventude
NOVEMBRO	01 - É criado o Bloco Afro Ilê Ayiê, Salvador, BA/ 1974 01 - Morte do escritor Lima Barreto / 1922 04 - O MNU declara o 20 de novembro Dia Nacional da Consciência Negra / 1978 10 - O governo Médici proíbe em toda a imprensa notícias sobre índios, esquadrão da morte, guerrilha, movimento negro e discriminação racial / 1969 19 - Nascimento de Paulo Lauro - primeiro prefeito negro de São Paulo, SP / 1907 19 - Publicação de despacho de Rui Barbosa ordenando a queima de livros e documentos referentes à escravidão negra no Brasil 19 - Lançamento do primeiro volume de Cadernos Negros /1978 20 - Morte de Zumbi, líder do quilombo dos Palmares /1695 20 - Dia Nacional da Consciência Negra 24 - Nascimento, em Santa Catarina, de Cruz e Souza, o maior poeta simbolista brasileiro / 1861 24 - Criação, em São Paulo, da Feira Preta (2002)
DEZEMBRO	02 - Dia Nacional do Samba 08 - Dia de Oxum 10 - Comemoração da Declaração Universal dos Direitos Humanos

Fonte: <https://escolaruralquilombola.blogspot.com.br>¹⁹

Segundo os professores, o projeto iniciava no mês de maio, devido as demandas do calendário escolar e os ajustes da equipe técnica e pedagógica. Outro projeto que funcionava anualmente, considerado como fórum de discussão sobre políticas quilombolas e resgate identitário. O Gestor e os docentes, informaram que este também não foi realizado em 2016. Ao que consta como justificativa, foi a falta de apoio dos gestores municipais: falta de recursos. O projeto tem por objetivo: avaliar a implantação das políticas públicas e os direitos dos povos quilombolas, bem como, valorizar, preservar e resgatar as raízes afro-descendentes.

¹⁹ escolaruralquilombola.blogspot.com.br – Blog oficial da escola. Acesso em: 27 de junho de 2017.

Não se deve negar que a iniciativa é louvável, e o projeto se mostra bastante significativo. Lembrar dos acontecimentos históricos é mais do que necessário, porém, o que os gestores e docentes jamais podem esquecer é que, de acordo com Brasil (2007, p. 5):

É obrigação da escola a transmissão da história dos quilombos contemporâneos e de sua situação atual. Difundir os saberes dessas populações entre todas as crianças brasileiras é pertinente, como um meio de compreensão e de afirmação de nossa identidade multiétnica e pluricultural, em que se deve basear a defesa consciente dos valores da cidadania. De uma forma mais abrangente, para a sociedade brasileira como um todo também é importante esse conhecimento.

Então, trabalhar as questões étnico-raciais vão muito além, um projeto pedagógico, que apenas trabalhe com as datas comemorativas é incapaz de dar conta da demanda da referida temática, é preciso que haja uma ampliação da discussão e que se trabalhe com temática sobre as relações étnico-raciais, para que os alunos se vejam no material didático e cultura não se torne folclorizada. A comunidade quilombola de Lage dos Negros, conta com uma equipe de educadores que na preocupação com a cultura e valorização do lugar e das vivências do povo que forma o distrito quilombola, idealizou o Fórum de discussão sobre políticas quilombolas e o resgate identitário de Lage dos Negros. Existe uma página na Internet onde consta todas as informações e ficha de inscrição. Os inscritos podem participar de todo o circuito de atividades, que são itinerantes em cada uma das localidades quilombolas. O Fórum acontece todos os anos, desde que foi idealizado e abrange os quilombos do Norte do Itapicuru: Senhor do Bonfim, Antônio Gonçalves e Campo Formoso. Assim, o diretor é um dos idealizadores do Fórum da região quilombola de Campo Formoso e aponta:

O fórum tem como finalidade discutir propostas que visa a melhoria do território de maneira plena, elaborando propostas onde, estas são destinadas às diversas partes dos governos (Municipal, Estadual e Federal). É realizado anualmente e conta com a participação tanto de educadores como representantes da sociedade civil organizada. E a cada edição do Fórum é trabalhado um eixo temático. (VICENTE, 2017)

Este depoimento vem confirmar o desejo por parte de alguns representantes da comunidade de discutir, se articular e construir ideias e gerar conhecimento a partir dos fóruns. As articulações de nível estadual para este Fórum, são realizadas na capital – Salvador.

Quadro 7 - Datas dos Fóruns sobre os quilombos de Campo Formoso.

Datas dos Fóruns	Comunidades quilombolas
15/07/2017	Pacuí
16/09/2017	Gameleira
21/10/2017	São Tomé
18/11/2017	Lage dos Negros
20/11/2017	Concentração no espaço público de cada comunidade
24/11/2017	Encerramento na praça de Lage dos Negros

Fonte: A própria autora.

Cada um dos eventos nestas comunidades é marcado por palestras com pesquisadores ou professores que apóiam os movimentos, discussões, estudos, manifestações culturais da comunidade que sedia, e a presença quilombolas da região. Ônibus são disponibilizados gratuitamente para que todos possam participar. A programação, dispõe também de um tema gerador das discussões, que variam de comunidade para comunidade, dependendo da realidade e livre escolha de cada uma delas. A organização deste evento, bem como as reuniões que são realizadas para a preparação do mesmo, e a comissão organizadora, conta com a presença de representantes de associações, diretores, coordenadores e professores da escola quilombola, de outras escolas e Secretaria Municipal de Educação. Os anseios e as ideias de luta, coragem e determinação permanecem vivas nestas comunidades.

Figura 13 - Comissão para realização do VI Fórum de discussões sobre Políticas Públicas Quilombolas



Fonte: <https://escolaruralquilombola.blogspot.com.br>.

A imagem mostra a comissão de organização do Fórum e suas representações reunidas para discussões e planos de ação.

Partindo da pesquisa exploratória se tornou possível entender de que maneira seria melhor realizar as intervenções: quantidade de visitas e direcionamento das conversas. O *lôcus* mostrou como deveriam ser feitas as entrevistas, individuais e coletivas. Esta primeira etapa da pesquisa oportunizou uma melhor reelaboração do projeto para uma efetiva ação que evidenciasse a realidade de maneira natural. Pela observação do campo de estudo, pôde-se perceber que a escola se remete de fato a uma escola quilombola, por se enquadrar nos pressupostos reais de uma escola do quilombo: está situada na zona rural, atendendo alunos quilombolas.

O quadro a seguir apresenta a análise documental feita na escola. Cada ponto foi descrito e analisado levando em consideração a efetiva importância de sua existência para o contexto da escola pesquisada.

Quadro 8- Análise de documentos da Escola Quilombola de Lage dos Negros – Campo Formoso-BA.

TIPO DE DOCUMENTO ANALISADO	INFORMAÇÕES RELEVANTES	OBSERVAÇÕES IMPORTANTES
Projeto Político Pedagógico PPP	<ul style="list-style-type: none"> O PPP não se encontra impresso na secretaria escolar. Documento disponível apenas no e-mail da escola. A escola não trabalha com salas multisseriadas e este fato encontra-se explícito no PPP. 	Se apresenta como desatualizado; Apresentação, exprime a realidade da escola; Fundamentação Teórica insuficiente, para respaldar a magnitude de uma escola rural quilombola. Baseia-se apenas na LDB, Leis de implementação, caderno de orientação e uma referência Bibliográfica para contemplar a pedagogia histórica-crítica.
Matriz curricular	<ul style="list-style-type: none"> Conteúdos sobre liderança, grupos e equipe e a doção de vivências práticas auto organizativas e participativas no espaço intra e extra escolar possibilitam tanto a formação de líderes como o desenvolvimento da autonomia. Contemplação do projeto mais Educação. Fórum quilombola (parceria com a secretaria do Estado) 	A Educação Quilombola do Campo apresenta, portanto, como estratégia educacional que se integra ao projeto de emancipação política, cultural, econômica e social dos povos do campo. Na educação do campo educar também é ensinar a importância de participar e de pensar o campo como parte da unidade que é o país, em que campo e cidade se completam sem se excluírem. Alguns professores não têm acesso a matriz curricular. Organização e participação de professores, pais alunos e comunidade
Planos de aula	<ul style="list-style-type: none"> Bem esquematizados 	Falta de informações sobre práticas de valorização à cultura, diversidade e educação quilombola. As ações encontradas se sobressaem apenas em datas comemorativas. Percebe-se nas metodologias, uma grande preocupação com a aprendizagem dos alunos. As práticas apresentam criatividade e dedicação (apenas conteúdos tradicionais).
Acervo Histórico cultural de cultura afro brasileira (uso do professor).	<ul style="list-style-type: none"> Foram encontrados alguns livros de literatura infantil 	Alguns professores desconheciam a existência dos livros.

Fonte: A própria autora²⁰

Analisando o quadro, começando pelo Projeto Político Pedagógico, verifica-se a necessidade de uma reestruturação e atualização para o estudo por todos os professores, que compõem o quadro da escola quilombola. Este estudo dinamiza o

²⁰Quadro elaborado pela autora a partir da escolha de pesquisa exploratória, para melhor sistematizar e analisar os objetos encontrados a partir da observação e análise dos documentos da escola.

documento, como reformulação coletiva, onde todos irão contribuir com o seu enriquecimento e vivacidade. Uma vez assim realizado, o PPP adquire uma roupagem de ações políticas compensatórias. Planos de ação para sanar as dificuldades. O Projeto Político Pedagógico, por não se apresentar impresso, mas, de forma online no blog da escola, facilita o seu acesso, pela publicação. O que não impede que futuramente seja disponibilizado por impressão gráfica. De acordo com este documento, a escola, é denominada: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, os alunos do meio rural podem aprender à sua maneira, ou seja, o currículo vivo do seu cotidiano constrói a identidade de uma escola que lhes acolha. O PPP indica que os alunos podem ir a uma escola não mais estranha ao seu cotidiano e que ali eles se identificam, dialogam, conhecem outras pessoas e se auto-reconhecem como quilombolas.

As informações colhidas, abarcam os desejos enunciados no PPP da escola, fortalecendo-as, segundo Helvig (2015, p. 5):

Corroborando com essa expectativa, clarifica-se na Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, que define diretrizes para a Educação Básica, a perspectiva de pensar o Projeto Político como articulador das responsabilidades dos entes federados no tocante a educação. Como é exposto do Art. 43, parágrafo 2º “cabe à escola, considerada a sua identidade e a de seus sujeitos, articular a formulação do projeto político-pedagógico com os planos de educação – nacional, estadual, municipal -, o contexto em que as escolas se situam e as necessidades locais e de seus estudantes”.

Diante do exposto acima, ocorrem discrepâncias quanto a aceitação de si mesmo e dos outros, pois este discurso representa a construção da identidade quilombola, uma categoria complexa no trabalho pedagógico da escola, como se pode comprovar na fala da professora quilombola P1, que afirma trabalhar os conteúdos de acordo com a realidade dos alunos, mas, confessa que não trabalha de acordo com a Lei 11645/08: “A gente fica preocupada, então certos tipos de assuntos como essa Lei, que já deveria estar incluída aqui no nosso planejamento e não está tão incluso, né?”

O objetivo legal do PPP traz o estudo da identidade como um marco pertinente para a organização comunitária que, sabendo quem é também saberá o que quer. O texto enfatiza que um grupo que tem a voz de suas reivindicações estará apto a assumir sua autonomia e que, no caso das comunidades rurais, tornar-

se notório sua dependência mais direta com as reações da natureza. Esta proposta de escola objetiva algumas ações para que seja de fato reconhecida como Escola Rural Quilombola: Aproximação do ensino com a realidade dos estudantes; valorização dos saberes dos ancestrais; uso de espaços alternativos de ensino, como as plantações locais; aprofundamento dos conhecimentos, relacionando-os com os produzidos fora do contexto rural; abertura da escola para a participação ativa da comunidade; contato com outras escolas quilombolas e rurais para a troca de experiências; Promover a valorização do negro no ontem no hoje e também no futuro. Frente a este achado pode-se trazer o depoimento da professora quilombola P1 que mostra ter consciência do lugar do PPP em sua prática, declarando:

Aqui mesmo é uma comunidade quilombola, e a gente vê que é muito carente. Então, a gente faz, eu vejo mesmo pela vivência dos alunos. Tanto que eu vivo aqui, e eu sei né? Das dificuldades que eles têm. Então tudo, todo assunto que a gente vai fazer colocar no plano de aula, no plano de unidade no plano de curso a gente pesquisa muito saber sobre a vida do aluno, porque a gente sabe que os pais dos alunos, trabalham e aquele aluno vai ficar com o avô. Muitos desses alunos moram com os avós, com algum tio, ficam em casa até com a irmã mais velha então, a gente tem que pensar muito sobre o conteúdo que a gente vai passar. Tentando fazer o aluno vivenciar o que ele já viu né? A rotina dele. Aqui, além de ser quilombola é uma zona rural! (Entrevistada pela autora no dia 25/07/2017 em sua residência)

É importante refletir sobre esta declaração para perceber a afetividade expressada nas entrelinhas deste discurso. A professora se preocupa sim, com a aprendizagem dos alunos. Mesmo não se colocando como membro da comunidade, a professora mostra que sua prática, dentro do possível, tenta se aproximar da realidade, do cotidiano e das vivências dos alunos quilombolas. Levando em consideração uma educação do campo em suas especificidades. Já a professora quilombola P2: “Não é trabalhado. Se é trabalhado, só no dia 20 mesmo que a gente fala da consciência negra, já que a gente é quilombola, né, a gente tinha que trabalhar sempre. No dia a dia”.

Desta forma observa-se uma certa discrepância nas falas das professoras entrevistadas, algumas dizem não ter acesso à matriz curricular da escola, outras afirmam que sim. Então, fazendo um comparativo do PPP com a realidade que foi observada, a escola não se apresenta como uma escola quilombola, se mostra tal qual uma escola convencional. Nas paredes externas nada remete à cultura

quilombola ou ao tema diversidade e relações étnico-raciais ou referência à cultura quilombola, a não ser o escudo que se apresenta logo na entrada do portão. A observação das salas aponta um dado muito importante 90% dos alunos são negros, mas poucas salas contêm algum cartaz valorizando esta realidade.

4.9 Espaços escolares: o que mostram?

Todas as salas de aula da escola quilombola são organizadas com criatividade e ilustradas por bonecos em sua grande maioria loiros. Os trabalhos dos alunos que se mostram expostos, quase não dizem nada a respeito da cultura e identidade quilombola. Apenas duas salas mostraram um trabalho em que continha uma frase falando do negro e sua vivência.

Os textos colados nas paredes não remetem a cultura negra. Toda a escola realizava um projeto de literatura que estava a evidenciar autores que não falavam da cultura quilombola ou sobre a diversidade. As salas observadas trabalharam um projeto de leitura com base nos autores: Monteiro Lobato, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles e outros autores da literatura brasileira. Mas, nenhum dos textos encontrados apresenta ou fizeram referência a realidade quilombola, diversidade, respeito às diferenças culturais ou educação Afro-brasileira. O que chamou à atenção, já que apenas há alguns meses uma jovem da comunidade recebeu um prêmio em um concurso de poesia dentro da temática quilombola. Estas observações se convalidam na fala da professora quilombola - P1, quando continua na sua entrevista:

A gente fica muito focado mais em passar o conteúdo do que eles tem que aprender para futuramente, né, o que eles vão precisar, do que ficar relacionando diretamente com o que ele tem direito: aprendizagem sobre a cultura dele, a gente faz o possível né de introduzir, complicado fazer o cruzamento, eu mesmo me preocupo demais em colocar eles pra aprenderem o alfabeto porque tem pais que cobram isso. Os pais cobram muito que o filho já tem que chegar em casa, já sabendo o nome completo, mesmo que o aluno não tenha aquela certa idade. Tem que entender que a criança tem a sua fase, mas o pai quer que ele já chegue em casa com o nome completo, sabendo o nome do pai e da mãe. E não é assim, cada criança tem o seu tempo e a gente fica preocupada, então certos tipos de assuntos como essa Lei que já deveria estar incluída aqui no nosso planejamento não está tão incluso, né? (Entrevistada pela autora no dia 24/07/2017, na escola)

Observando este depoimento e comparando-o com o outro apresentado anteriormente, pela mesma professora, é possível perceber que ela acaba se contradizendo quando, ora diz que faz e hora diz focar apenas no conteúdo e ter dificuldade em trabalhar a questão interdisciplinar na escola. Ela entende que se for para ensinar a temática étnico-racial no cotidiano, as crianças não irão desenvolver as habilidades e competências que deveriam desenvolver. Assim, pincelam as temáticas que remetem a realidade dos alunos e acabam trabalhando de forma insuficiente o que está disposto nas Leis 10.639/03 e 11.645/08. A professora deixa transparecer sua dificuldade em fazer relação entre o conteúdo e a realidade cotidiana de seus alunos. Os docentes ainda não compreendem que o fato de trabalhar educação- étnico- racial e se fazer realizar as Leis, não quer dizer que se deixem de trabalhar o conteúdo, mas, inseri-lo nas temáticas da realidade cultural dos quilombolas na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Tal fato nos remete a pensar na complexidade que representa para esta educadora conciliar o que está previsto nas Leis 10639/03: que garantem o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira; a 11645/08: incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”; e a 12.288/210: O Estatuto de igualdade racial que vem garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica. Desta forma, as falas dos docentes trazem lembranças de práticas que marcaram a trajetória da escola, mas, que foram sendo esquecidas ao longo de um ano. Na entrevista da professora quilombola P2, evidencia-se uma certa falta de autonomia da escola, quando a mesma afirma que, a coordenadora observa se o projeto está sendo trabalhado ou não, quando anteriormente diz que, os professores decidem se trabalham ou não o projeto enviado pela Secretaria Municipal de Educação.

O diretor atual quando era coordenador da escola, fez um projeto que contemplava todas as datas comemorativas relacionada a cultura africana, porém, no ano de 2016 não foi trabalhado não. A nossa coordenadora como ela participa muito do grupo de coordenação em Campo Formoso ela elabora o projeto junto as coordenadoras lá em Campo Formoso, quando chega aqui ela nos fala o que foi conversado lá sobre o tema e fica a nosso critério se a

gente vai trabalhar esse projeto ou a gente pode mudar o projeto, por exemplo ela chegou essa semana com o projeto de cartas só que o mês de setembro foi muito agitado, porque teve paralisação teve alguns problemas aqui na escola e parou as aulas daí nós incluímos alguns outros projetos que é o do trânsito, da primavera... então ela nos passa a ideia do projeto que o município quer que a gente trabalhe mas quando nós vamos ver que pode trabalhar ou incluir outros projetos ela nos deixa livre pra colocar também, né nem que seja poucos dias pra falar do outro projeto que a gente quer mas ela deixa em aberto pra gente escolher, ela fica também de olho pra ver se o projeto que o município escolheu tá sendo passado para os alunos, né? (Entrevistada pela autora no dia 24/05/2017, em sua residência)

Assim, pode-se perceber também que há projetos sendo trabalhados na escola, porém, estes fazem pouca referência à realidade dos alunos quilombolas. O espaço físico ainda não mostra as vivências quilombolas. Só foi percebida a diversidade e realidade de escola quilombola no espaço físico durante o recreio. As crianças naquele pátio fizeram toda a diferença, brincaram livremente, de várias brincadeiras tradicionais e com muita alegria adaptavam os brinquedos à sua realidade. O que me chamou muito à atenção. Não identifiquei nenhuma forma de preconceito ali. Há uma dificuldade de coletividade nas ações pedagógicas realizadas pelos professores. Segundo a professora quilombola P1:

Aqui tem muita cultura, aqui a zona é rural, mas é um povo que tem muita coisa para passar para a gente ainda, a região é conhecida também porque tem muitas grutas eu não conheço quase nenhuma gruta. Eu acho que o professor deveria ter uma assim, mais participação do município, da prefeitura para nos mostrar, para explorar para passar pros alunos também, tem alunos que não conhece a cultura que consta para o povoado. Eu percebo que eles conhecem mais Juazeiro que a própria sede do município deles se a gente for perguntar se eles já andaram em tal praça em Campo Formoso eles vão dizer que não. Aí se perguntar de Juazeiro, eles vão dizer praticamente quase tudo, a família passeia mais em Juazeiro... eles não conhecem a riqueza que têm. Eu sinto muita falta de conhecer as grutas... acho que os alunos, para eles seria bom também, serem conhecedores das riquezas. (Entrevistada pela autora no dia 26/05/2017, na escola)

A professora se refere ao fato do contato da comunidade ser mais direcionada à cidade de Juazeiro. Isto se deve a cidade de Juazeiro ter mais recursos para compras, saúde e até condição de emprego do que a cidade de campo Formoso. Então eles viajam muito para lá.

O trabalho em equipe com certeza é um dos meios para se concretizar os ideais do quilombo, assim como em muitas outras comunidades que não possuem esta característica. Mas, com certeza reconhecer que o trabalho não está sendo feito da maneira que deveria ser realizado, já é um grande passo para que o quadro apresente mudanças.

4.10 Escola quilombola: espaço de diversidade e relações culturais na vivência cotidiana. O que o campo aponta, teias ou fiapos?

Os caminhos percorridos por esta investigação, evidenciaram uma lacuna entre os documentos da escola e as práticas dos professores em sala de aula. Poucas professoras conseguiram fazer uma discussão acerca da Lei 11645/08, algumas até desconhecem, como é o caso das professoras quilombolas P2: “Não tenho bem conhecimento, assim... para mim mesmo, é uma coisa nova né? Tá chegando agora, a gente tá aprendendo aos poucos.” E conseqüentemente as professoras P3 e P8:

Essa lei é? Hum... nós temos as leis, mas não respeitamos, e nós não trabalhamos. Às vezes nós temos medo de jogar pra fora aquilo que a gente sente... e se fosse trabalhada minha filha, a gente olhava pro outro com o olhar de amor. (Entrevistada pela autora no dia 26/05/2017 em sua residência)

O ano passado não teve muita coisa não. Eu não trabalhei muito conto quilombola, por causa dos pequenininhos. Não tinha como entender, não tinha como explicar, mas eu sempre defendia a nossa parte. (Entrevistada pela autora no dia 26/05/2017 em sua residência)

Os três depoimentos servem para mapear a questão do sentimento de pertença, o desejo de valorização, humanização, mas, também mostrar a falta de conhecimentos dos marcos legais, o despreparo para lidar com a diversidade, a falta de formação e estudo para a elaboração das práticas docentes que coadunam com a Lei 11645/08. Algumas professoras elencaram as práticas docentes que entrelaçam com as Leis: a dinâmica do beijo da abelhinha; leitura e interpretação da história da princesa africana; trabalho sobre a consciência negra; conversa sobre o

preconceito; e as atividades sobre as manifestações culturais, com as datas comemorativas: cantigas de roda, danças.

Nas entrevistas pode-se perceber, uma preocupação dos professores da Escola Rural Quilombola de Lage, no tocante ao enfraquecimento da cultura do lugar, e a apatia da escola em relação a esta problemática. Ao mesmo tempo eles falam da disposição do diretor em tratar dos enfoques de direito à educação quilombola, saindo em defesa, apontam as dificuldades, ou seja, todos os entrevistados têm consciência de que a escola precisa de um “bum” em relação ao trabalho de fortalecimento da identidade quilombola de seus alunos. Não foi deixado de ser mencionado o gosto por este contexto em anos anteriores, e o empenho por parte de alguns gestores que passaram pela escola e que continuam a gerir; porém, é colocada em evidencia uma inércia da Secretaria de Educação em se disponibilizar à formações e recursos. Promover oportunidades de discussões sobre a cultura do lugar e as manifestações culturais, que nem sempre são trabalhadas no cotidiano escolar.

Há na escola certo folclorismo. Estes relatos tendem a emergir a ideia de que se é dada uma importância as manifestações culturais, que se evidenciam apenas nas datas comemorativas. Esta questão implica em favorecer uma reflexão do autor Santos (2009, p. 23):

O que diversos setores vêm sinalizando, entretanto é que a Lei é um instrumento para reposicionar o negro no mundo da Educação. Segundo esta leitura, História e Cultura Afro-brasileira, compreendendo História da África, a cultura Negra... são na verdade instrumento de construção de outras visões de mundo, alternativas à eurocêntrica que domina a nossa formação ou, instrumentos para a construção de visões plurais, e não apêndices, conteúdos a mais que devem ser trabalhados em momentos específicos como o dia 13 de maio ou mesmo o 20 de novembro que é citado pela Lei.

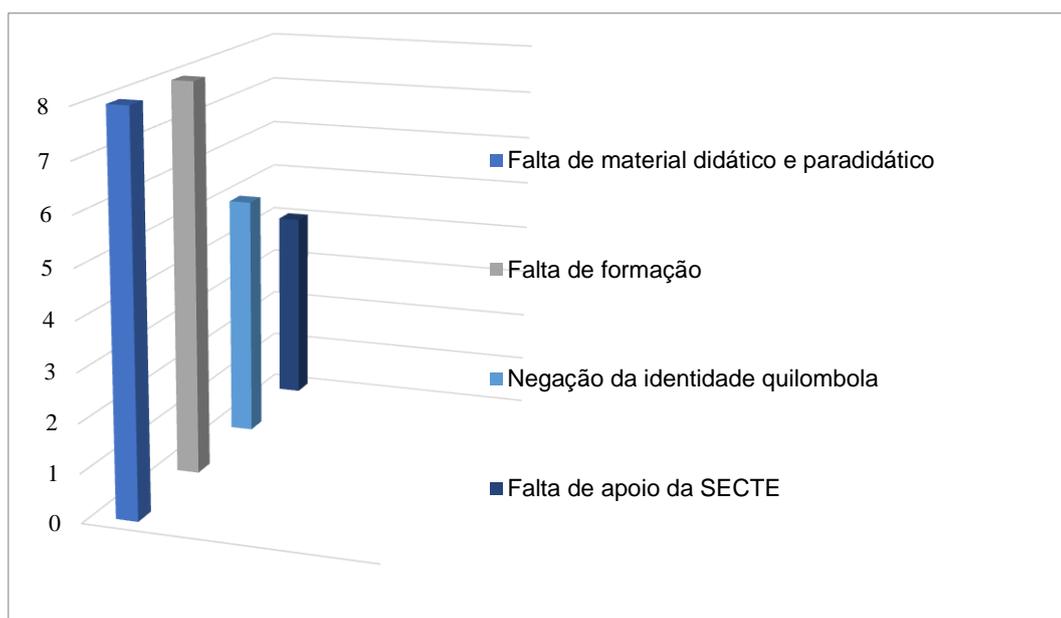
O autor fala das práticas escolares citando a Lei 10.639/03, que tem como objetivo, valorizar a luta do movimento negro no Brasil, trazer para dentro da escola, discussões de empoderamento dos negros e respeito à diversidade.

Em todas as entrevistas, os professores apontam: carência de atividades interdisciplinares no cotidiano escolar; falhas no trabalho coletivo frente as demandas de formação neste contexto de estudo cultural da realidade quilombola; os docentes trabalham atualmente com as manifestações culturais em períodos

específicos como: folclore, festas juninas e dia da consciência negra. Algumas ações são desenvolvidas na sala de aula, mas, não de maneira contextualizada e coletiva. Esta queixa se apresenta como um percalço no trabalho dos professores entrevistados.

Poucos professores conseguiram fazer uma discussão acerca da Lei 11645/08, já que alguns desconhecem. As entrevistas apontaram que há uma apatia da escola em relação à problemática das relações étnicas raciais, ou seja, os entrevistados têm consciência da necessidade de haver nas atividades diárias, um esquentamento em relação ao trabalho e fortalecimento da identidade quilombola de alunos. Os professores elencaram as principais dificuldades encontradas na Escola rural Quilombola. Estas dificuldades estão representadas no gráfico abaixo:

Gráfico 4 - Maiores dificuldades enfrentadas pelos docentes da escola quilombola



Fonte: a própria autora.

O gráfico traz os principais percalços no trabalho da escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, nas entrevistas as professoras fazem referência a este fato, inclusive sobre o acervo bibliográfico da escola, alguns docentes utilizam e outras não, na entrevista em sua residência a professora quilombola P5 afirma: “Pode ser até que a escola tenha algum material, mas, ninguém chegou para dizer... ó, esse livro é bom! Se tiver livros lá no acervo, a gente não tem contato não.” e a P6, esclarece: “Tem poucos livros, alguns utilizei”.

Estas falas revelam que os professores não discutem sobre a História e Cultura Afro-brasileira e Africana, dentre as atividades apontadas estão: carência de atividades interdisciplinares no cotidiano escolar e falhas no trabalho coletivo frente as demandas de formação neste contexto de estudo cultural da realidade quilombola. Algumas ações são desenvolvidas na sala de aula, mas não de maneira contextualizada e coletiva como afirma e sugere ações que podem facilitar este trabalho e sanar alguns percalços. Segundo P2:

Não. Não trabalhamos. É bem pouco é como eu te falei acho que oitenta por cento não. É, não se aplica como deveria ser aplicado porque se a secretaria de educação eles criassem um departamento diretamente para as comunidades quilombolas seria mais fácil ser trabalhado. Mesmo que você queira inserir dentro da matéria você pode você é aberto, você pode estar fazendo, mas não tem assim um incentivo não tem um apoio não tem um preparo. Porque você conhece a sua realidade, mas, precisa de preparo para estar ajudando né? No desenvolvimento da escola na valorização na ajudando para que as nossas crianças já cresçam assim sabendo que o significado da palavra negro da palavra porquê e se autovalorizando também. (Entrevistada pela autora no dia 26/05/2017 em sua residência)

As palavras da professora quilombola deixam claro que se encontra aberta ao conhecimento e que necessita dele para a realização do seu trabalho. A princípio nega a prática como quilombola, mas, depois, deixa claro que é trabalhado, mas, não da maneira correta. Isto pode ser percebido quando ela diz: *“É, não se aplica como deveria ser aplicado”*.

Todas as ações de pesquisa, foram desenvolvidas dentro da valorização de cada detalhe observado, durante todo o tempo que estive na comunidade, conversando com as pessoas, participando de eventos, visitando alguns locais públicos, como: bares restaurantes, a feira, lojas e por várias vezes a escola, conversando com os alunos e funcionários da escola quilombola e da Faculdade Manancial.

Estas ações ocorreram de forma saudável, dialógica, partilhada e participativa, dando sempre grande importância aos instrumentos essenciais do trabalho de investigação: anotações no diário de campo, gravação das entrevistas, registro dos documentos produzidos pelos docentes da Escola Quilombola e suas

histórias, o projeto de pesquisa como técnicas adequadas ao paradigma qualitativo, observação e análise documental como citado anteriormente. Nestas condições, a pesquisa se firmou dentro da ética e do respeito a todos os envolvidos. Perfazendo o caminhar mediado pelo desejo de conhecer a realidade tal como se apresenta, identificando nas entrelinhas, informações valiosas para o enriquecimento de todas os conhecimentos e construções.

Outro ponto pertinente a ser apresentado é a rotatividade de profissionais nas escolas da comunidade. Trata-se de uma prática da Secretaria Municipal de Educação, que segundo os professores, não é positiva no crescimento efetivo da escola e do vínculo. Tais declarações apontam certa preocupação da gestão e do corpo docente da escola em proporcionar o bem-estar e o cuidado com a aprendizagem dos alunos daquela comunidade quilombola. Segundo Cavalcante (2015, p. 27):

Em certo nível de generalidade conceitual, reconhecemos a pertinência da abordagem. Aos poucos, notamos a escola como *espaço de relações de força*, cuja estrutura abrange algo mais amplo do que as relações ocorrentes nos níveis administrativo e pedagógico, pois compreendemos as relações dispostas conscientemente e as que emanam da sua existência como *grupo social*, entrelaçada por interações socialmente estruturadas. A estrutura da escola é tecida com diferenças simbólicas.

Vendo a escola como esta relação de força, pode-se fazer a reflexão sobre a identidade e valorização cultural da comunidade, bem como dos profissionais que aí transitam, trabalham, interagem, formam e dão poder. Assim, discutindo hábitos como elemento de construção da identidade profissional, Cavalcante (2015, p. 27):

A identidade, neste caso, não é fruto de interesses circunstanciais e transitórios, mas é produto da cultura de grupo constituída das ressignificações dos elementos referentes ao sistema cultural mais amplo que, para usar a expressão de Bourdieu, podemos chamar de cultura legítima, apreendida empiricamente, pelo conceito-chave de praxiologia.

A identidade quilombola é fragmentada quando se ouve falas de professores quilombolas indignados com as questões do dia-a-dia da escola, retratando o preconceito e a discriminação. Alunos que desde pequenos não se reconhecem e

que ferem a dignidade do coleguinha com palavras preconceituosas. Neste caso Brasil (2011, p.87):

A promulgação das leis poderá diminuir os efeitos do racismo na escola, mas ainda são obstáculos ao cumprimento das leis o despreparo dos (as) professores (as) em relação ao ensino destas temáticas e o desinteresse de gestores (as) escolares pela inclusão destes temas [...] O racismo, que deveria ser tratado como um tema a ser trabalhado em diversas áreas, somente é discutido quando ocorre algum caso de discriminação, e muitas vezes é considerado um problema que diz respeito apenas aos negros e indígenas ou a organizações de defesa dos direitos destas populações.

A questão do racismo e do preconceito, foi abordada por todos os docentes, tanto entre as crianças como pelos professores, mas, nenhum deles evidenciou a prática de projetos coletivos em afronta a este tipo de comportamento. As ações que são realizadas permeiam a superficialidade de conversas informais, orientações, e algumas dinâmicas. Assim, vale pena ler alguns depoimentos da professora P3: “Eu tenho criança que não se aceita, eu tento trabalhar isso na escola que independentemente da cor ele é igual ao coleguinha.” (Entrevistada pela autora em 26/05/2017, em sua residência, e P6:

Um menino de minha sala fica sem querer sentar perto dos colegas sem querer fazer trabalho junto, aí eu fui falar que ele era negro eles diziam: “Não professora eu não sou negro olha a cor da minha pele. (Entrevistada pela autora em 26/05/2017, em sua residência).

Buscar saídas para lidar com essa labuta diária é um desafio constante para quem luta contra o preconceito. É de pequenas que as crianças aprendem a se reconhecer como pessoa, que aprendem o valor do respeito e a conviver com as diferenças e sua diversidade. Em torno destas discussões a escola Rural Quilombola de Lage dos Negros estabelece uma construção de conhecimentos e saberes identitários, marcados ainda por lutas e desafios, são teias que se formam e fios que se desprendem nesta labuta constante. Para a questão do trabalho em comunidades quilombolas, em que haja este tipo de problemático Brasil (2011, p.90), traz orientações pertinentes e ações relevantes para o aprimoramento do PPP, conteúdos curriculares, avaliação, da aprendizagem, recursos didáticos e

relações com a comunidade. As orientações são embasadas nos marcos legais que as sustentam.

O quadro abaixo pode contribuir para uma discussão entre os professores e gestores sobre melhores práticas de relações étnico raciais na escola bem como, a questão cultural e identitária no dia-a-dia.

Quadro 9 - Aspectos essenciais para inclusão da história e cultura Afro-brasileira e africana no PPP.

Componentes/etapas do PPP	Marco Referencial	Diagnóstico (aspectos a Observar)	Programação (ações possíveis)	Avaliação
CONTEÚDOS CURRICULARES	Reflete a diversidade presente na escola Apresenta a história e cultura afro de forma positiva e articulada em todas as áreas de conhecimento, de forma interdisciplinar	Fatores de desarticulação curricular, causas de deficiências de aprendizagem; Como a evasão e Repetência se relacionam com a identidade dos estudantes	Revisão curricular, atendimento aos PCNs e à lei 10.639/03 Desenvolvimento de currículos integrados.	Cumprimento das revisões, impacto sobre a taxa de repetência e evasão
AValiação DA APRENDIZAGEM	Diversidade nos métodos avaliativos, periodicidade e poder de aferição dos métodos avaliativos, avaliação diagnóstica, taxas de sucesso na aprendizagem dos estudantes.	Eficácia dos métodos e capacidade de identificação precoce de alunos com dificuldades de aprendizagem.	Criação de turmas de recuperação paralela, redimensionamento dos instrumentos de avaliação.	% de metas cumpridas e seus impactos sobre o ensino.
RECURSOS DIDÁTICOS	A presença do negro e de sua história de forma positiva nos recursos pedagógicos (livros, vídeos e CD-ROM didáticos, materiais para atividades dos alunos e para o professor)	O grau de utilização dos recursos pedagógicos disponíveis com a presença do negro e de sua história de forma positiva.	Assegurar disponibilidade de recursos didáticos que tragam recurso pedagógicos no início do ano escolar, ampliar o estoque e variedade, etc.	Graus de atendimento das solicitações feitas.
RELAÇÕES COM A COMUNIDADE	Periodicidade e taxas ideais de frequência às assembleias e reuniões colegiadas, sistemas de atendimento e de contato da escola com mães, pais de alunos etc.	Causas de funcionamento precário dos colegiados, da baixa expectativa das mães e pais em relação à escola.	Programar reuniões para discutir problemas escolares e comunitários, no caso específico sobre temas relacionados às relações étnico-raciais presentes na escola e na sociedade.	% de comparecimento das mães e pais à escola. % de presença nas reuniões de colegiado e outras.

Fonte: Módulo 4 – Educação e Relações Étnico-raciais. Curso de Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras (CEAO/UFBA).

O quadro mostra possíveis ações a serem trabalhadas na escola, na dinâmica dos componentes e etapas do PPP. Estas práticas se apresentam assistidas pelos

Marcos Referenciais, diagnósticos e avaliação. Uma ótima forma da escola, junto com os seus professores, traçarem seus planos de ações, pois assim sendo as práticas melhor contemplarão os seus objetivos e o seu papel na comunidade.

Assim, finalizam-se as indagações acerca dos achados da pesquisa e análises das entrevistas. No próximo Capítulo se configura a ação da intervenção no Mestrado Profissional que aqui, chama-se Tertúlia Dialógica Cultural. Sinta-se convidado a vivenciar este, que foi um momento de discussão, estudo e muita aprendizagem.

5. CONSTRUINDO TEIAS, TERTÚLIA DIALÓGICA CULTURAL: A AÇÃO ESPERADA

*Olá! Você me conhece?
 Não sabe? Pois vou me apresentar.
 Meu nome é afrodescendente,
 afro-brasileiro, quer dizer, crioula.
 Não! Preta, ou seja Negra! Negra! Negra!
 Quer saber de minha idade?
 Mais de quinhentos anos sendo explorada.
 Mais de quinhentos anos
 vivendo na condição
 desumana de luta, de desistência...
 Nesses quinhentos anos, nunca parei de sonhar
 o sonho de ver o negro
 com dias melhores.
 O sonho de um som negro!
Jaciene Nascimento²¹*

Neste capítulo, apresenta-se o produto da pesquisa realizada na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros. A epígrafe, de certa forma, faz referência a questão étnico racial, a autora do texto nasceu na comunidade e é integrante do Grupo Quilombart. A jovem autora demonstra em suas palavras, a decolagem da sua auto-estima e a luta dos negros por dias melhores.

Nesta interlocução o Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, surge como um grande suporte científico para mediar as construções acadêmicas e práticas de pesquisa, de modo a conectar fios teóricos às práticas discutidas, reformuladas e executadas. Propondo como intenção, significar estas pesquisas, o “produto de pesquisa” que se configura como o aporte às descobertas em lócus. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes),²² assim o define:

O Mestrado Profissional (MP) é uma modalidade de Pós-Graduação *stricto sensu* voltada para a capacitação de profissionais, nas diversas áreas do conhecimento, mediante o estudo de técnicas, processos, ou temáticas que atendam a alguma demanda do mercado de trabalho [...] O trabalho final do curso deve ser sempre vinculado a problemas reais da área de atuação do profissional-aluno e de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, podendo ser apresentado em diversos formatos.

²¹ **Jaciene Nascimento** – presidente do grupo cultural quilombola de Lage dos Negros. Fonte: registros pessoais da autora.

²² **CAPES** - Disponível em: <http://capes.gov.br>; Com acesso em: 30/06/2017.

Dentro deste pressuposto, surge como produto final na pesquisa: Práticas docentes e diversidade na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros – Campo Formoso -BA, com a realização da **1ª Tertúlia Dialógica Cultural da Escola Quilombola Rural de Lage dos Negros**. Este formato de ação formativa e auto formativa acontece também, na Universidade Federal de São Carlos- SP. De acordo com Mello (2004, p. 2):

A Tertúlia Literária Dialógica é um dos projetos desenvolvidos pelo NIASE, Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa - NIASE Universidade Federal de São Carlos em tal programa de extensão e na linha de pesquisa "aprendizagem dialógica e ações comunicativas", do diretório de grupo do CNPq. O NIASE divulgou o projeto e iniciou o primeiro grupo de Tertúlia na cidade de São Carlos/SP e, desde então, o projeto vem sendo desenvolvido, através de parcerias, em diferentes instituições.

Assim, percebe-se que a **tertúlia dialógica** tem sua fonte em uma ação literária, o que não impede a sua ação como meio de discussão cultural, uma vez, que abarca este campo. Por sua simplicidade metodológica, pode ser desenvolvida com crianças em sala de aula, desde que já tenham o domínio da leitura.

Antes de descrever como se concretizou este produto, torna-se importante definir esta prática coletiva de construção de conhecimento. A **tertúlia dialógica** trata-se de um encontro de pessoas que dialogam sobre determinada temática. Prezando pela ética, os participantes devem ter seus nomes preservados e serão categorizados em suas falas por, professora quilombola P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, para as professoras da Escola Quilombola e os demais participantes convidados, como: participante 1, 2 e 3. Trata-se de uma metodologia que promove a construção coletiva de significados e o conhecimento científico acumulado pela humanidade ao longo do tempo. Favorece a troca direta entre todos os participantes sem distinção de idade, gênero e cultura. Segundo Vasconcelos (1992, p. 101):

Aqui é necessário todo um esforço para dar significação inicial, para que o sujeito leve em conta o objeto como um desafio. Trata-se de estabelecer um primeiro nível de significação, em que o sujeito chegue a elaborar as primeiras representações mentais do objeto a ser conhecido.

Essas relações igualitárias envolvem a solidariedade, o respeito, a confiança, o apoio, em vez da imposição. A Tertúlia Dialógica Literária nasceu em 1978, na

escola de adultos La Verneda Sant Martí, de Barcelona. Um grupo de educadores, liderado por Ramón Flecha, implementou essa atividade cultural e educativa que atualmente é muito difundida. As tertúlias prezam pelo diálogo, o respeito e o estudo. Nessa perspectiva, Mello (2004, p. 3) assegura:

Vivendo o processo de diálogo igualitário, com base na inteligência cultural, as pessoas vão podendo viver transformações pessoais quanto à sua auto-imagem e à maneira de se porem no mundo, produzindo transformações nas relações estabelecidas em seu entorno imediato e podendo chegar a se implicar em movimentos mais amplos pela transformação social e cultural. Realiza-se, desta maneira, o princípio de transformação, constitutivo da aprendizagem dialógica.

Dessa forma, surgem como produto a intenção de promover uma **Tertúlia Dialógica Cultural**²³ que, partindo das descobertas de pesquisa em *lócus* desencadearam reflexões sobre práticas docentes e a Lei 11.645/08. No uso de criatividade, as tertúlias possibilitam enaltecer novas formas de fazer valer a referida Lei, no cotidiano da comunidade escolar quilombola, atendendo as demandas desta escola, trazendo estudo de documentos que fundamentem estas práticas e resgatem de maneira escrita, a cultura plural dessa comunidade quilombola. Segundo Bahia (2011, p.63):

§2º - Os conteúdos referentes à história e cultura Afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação artística, literatura e história brasileira.

Portanto, trabalhar as questões de história e educação Afro-brasileira, requer muito mais que fazer cumprir a Lei 11.645/08. A **Tertúlia Dialógica Cultural** ocasionará construção de conhecimento, como também, a perspectiva das práticas docentes e, de maneira científica promover a reflexão sobre a realidade cultural, a

²³**Tertúlias dialógicas** - Se apresentam como encontro de pessoas para dialogar, que promove a construção coletiva de significado... e o conhecimento científico acumulado pela humanidade ao longo do tempo. Favorece a troca direta entre todos os participantes sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade. Essas relações igualitárias envolvem a solidariedade, o respeito, a confiança, o apoio, em vez da imposição. A Tertúlia Dialógica Literária nasceu em 1978, na escola de adultos La Verneda Sant Martí, de Barcelona. Um grupo de educadores, liderado por Ramón Flecha, implementou essa atividade cultural e educativa que atualmente é difundida pelo mundo todo. Disponível em: <http://www.comunidadeaprendizagem.com>. Acesso em 30/052017.

história, as manifestações culturais, podendo despertar a vontade de registrar, o patrimônio cultural de Lage e poder introduzir no currículo questões referentes à educação étnico racial. Tal ação se fundamenta em Brasil (2006, p. 234).

Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais. Depende, ainda, de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola.

Nesta vertente, justifica-se a necessidade do convite ser estendido as pessoas da comunidade em suas representações, para que o diálogo seja construído em teias de significados, que partam tanto dos educadores da escola quanto da comunidade como um todo. A **tertúlia dialógica** prioriza o diálogo e enfatiza a discussão pela humanização. Dialogando com Soler (2001, p. 10):

A Leitura dialógica é uma nova forma de entender a leitura na qual os textos são interpretados entre todos, sejam leitores habituais ou não. As primeiras experiências, emoções ou sentidos gerados a partir da leitura passam a ser objeto de diálogo e reflexão conjunta, com foco não só no significado do texto. A experiência individual de ler torna-se uma experiência intersubjetiva, e a incorporação das diferentes vozes, experiências e culturas gera uma compreensão que ultrapassa aquela a que se pode chegar individualmente.

Portanto, a realização da primeira tertúlia dialógica cultural, como produto de pesquisa, germinou o início de novas ideias discussões e possíveis pertencimentos, apresentados às novas práticas às sequências didáticas, aliadas a necessidade em contribuir para a melhoria do ensino da escola quilombola, dentro de um contexto de dialogicidade e unindo teias de pensamento e construindo conhecimento.

5.1. Oficina preparatória: delineando o produto

As ações para a realização da primeira tertúlia dialógica cultural tiveram início com uma oficina intitulada: "Do Conceito de cultura à cultura no quilombo: fortalecendo a identidade e a escola", A pesquisa exploratória, mostrou a necessidade deste momento com os professores, para o aprofundamento da pesquisa, conhecimento

do campo de estudo, discussão sobre a realidade educativa da escola e sobre a temática: práticas docentes e diversidade.

A oficina surgiu com os seguintes objetivos propostos: propiciar um momento com o grupo de professores onde eles pudessem conversar sobre seus anseios, fazer questionamentos sobre a pesquisa, trocar experiências e elaborar algumas práticas pedagógicas de arte, literatura, relações interpessoais sobre cultura quilombola, identidade e educação étnico-racial, fazendo assim, um aporte a Lei 11645/08; Identificar possíveis traços de discriminação nos textos trabalhados; conhecer a tertúlia dialógica, compreendendo sua dinâmica e relevância no trato das questões elencadas pelos docentes nas entrevistas; agendamento da 1ª Tertúlia dialógica Cultural, potencializando as demandas de formação para outras futuras tertúlias.

Público alvo:

Professores que atuam na Escola Rural Quilombola, localizada no Distrito de Lage dos Negros, gestores e auxiliares de classe.

Recursos humanos e materiais:

Papel sulfite;

Cartões com mensagem;

Lápis coloridos (na quantidade por participantes);

EVA preto;

Livros de história sobre a temática étnico-racial;

Boneca negra, e utensílios;

Pirulito;

Texto do macaco e o peixe impressos (na quantidade de participantes);

Embalagem arrumada para tesouro de livros;

Cartaz grande da poesia “As borboletas” de Vinícius de Moraes;

Tintas coloridas (na quantidade de participantes);

Datashow, pen drive, caixa de som, computador;

Imagens da internet;

Caixa pequena, com espelho colado no fundo;

Desenvolvimento da Oficina:

1º Passo: preparando o ambiente:

2º Passo: Acolhimento dos professores

3º Passo: Apresentações individuais;

4º Passo: Leitura da mensagem com pirulito;

5º Passo: Tesouro de leitura (técnica usada para reconhecer os contos africanos como tesouros de nossa história).

6º Passo: Atividade das borboletas;

7º Passo: Apresentação com slide sobre os diferentes conceitos sobre cultura, a cultura das comunidades quilombolas e a Lei 11.645/08;

8º Passo: De olhos fechados sentir o toque do berimbau instrumental²⁴ e ir soltando o corpo.

9º Passo: Discutir sobre a escola como um espaço de relações e de forças, partindo da interpretação de imagens;

10º Passo: Apresentação do tesouro de leitura;

11º Passo: Fazer carinho na bonequinha preta, em seguida assistir o vídeo: "Ninguém nasce racista"²⁵

12º Passo: Apresentação do Alfabeto quilombola,

13º Passo: Conhecendo a Tertúlia Dialógica como proposta, na Escola Rural quilombola de Lage dos Negros

13º Passo: Atividade do espelho:

14º Passo: avaliação da oficina com data proposta da 1ª Tertúlia Dialógica Cultural.

5.2 Realização da oficina preparatória

A oficina se realizou na escola quilombola, com a maioria dos professores e auxiliares. Os professores que não se fizeram presentes, justificaram suas ausências: estavam apresentando seminário na Faculdade, já que alguns estão cursando nível superior. O ambiente foi preparado anteriormente. Disposição das

²⁴Capoeira - Toque berimbau, postado por Ezequiel Reynaud. Disponível em: <https://www.youtube.com>, com acesso em 20/05/2017.

²⁵Ninguém nasce racista – Vídeo apresentado no programa criança esperança. Fonte: <https://www.youtube.com>. Com acesso em 15/06/2017.

cadeiras em semicírculo, material a ser trabalhado em cima de cada uma das mesas: 1 lápis de cor, mensagem de introdução, tiras de EVA preto de 6cm, dois quadrados de papel sulfite 5 por 5 cm, uma folha de papel sulfite e um pirulito. Os professores foram acolhidos com muita alegria e mimo, em seguida foi feita a apresentação do tema da oficina e seus objetivos.

Figura 14 - Oficina preparatória.



Fonte: Arquivo pessoal da própria autora, em 27/05/2017

Iniciamos a oficina com a apresentação dos docentes, na referida apresentação os professores além de dizerem seu nome, diziam também a série que estavam atuando, falavam do trabalho que estavam desenvolvendo em sala de aula e as expectativas sobre a Oficina. Em seguida foi feita a leitura compartilhada da fábula africana: "O macaco e o peixe", fazendo referência com o cotidiano quilombola e a mensagem do texto. Foi feita uma reflexão sobre as aprendizagens através do texto e suas pertinências para uma escola quilombola. Dentre os vários comentários, vale apresentar os das professoras quilombolas P1 e P6: "Às vezes por falta de conhecimento acabamos por fazer as coisas erradas, pensando que estamos ajudando!" Outra professora fez o seguinte comentário: "Por isso sempre devemos estar buscando conhecimento, respeitando e conhecendo o outro, nossos alunos!" A atividade seguinte se constituiu da confecção de dobraduras, a partir de dois quadrinhos de papel, foi solicitado aos participantes que pintassem ou enfeitassem

os quadros, com apenas o lápis que se encontrava em cima da mesa, que cada um utilizasse o seu lápis. Depois de colorir, os professores deveriam enfeitar e dobrar o quadrado, juntando as pontas. E mais uma vez dobrar as duas pontas, até ficarem duas pontas menores: uma do lado direito e outra do lado esquerdo da maior, como uma tulipa. Depois deveriam colar as duas dobraduras na tira de EVA preta, uma de cada lado, com as pontas para fora, montando uma borboleta. Após a confecção da borboleta, fizemos a apresentação do seguinte texto: “As borboletas” de Vinícius de Moraes. Em seguida, a apresentação de um cartaz foi solicitado aos professores que colassem as suas borboletas em seu entorno, formando assim, um grande quadro. Dando continuidade, foi solicitado aos participantes que interpretassem o texto, fazendo uma ponte com as atividades que eles têm desenvolvido na escola.

Figura 15 - Atividade das borboletas.



Fonte: Arquivo pessoal da própria autora, em 27/05/2017.

Assim, contextualizando e valorizando a diversidade e o respeito à cultura do povo quilombola, a atividade das borboletas oportunizou discussões e avaliações sobre as práticas na escola que evidenciam a diversidade, como se apresenta na imagem. A professora quilombola P9, fez o seguinte comentário: “Isto é verdade mesmo. Muitas vezes trabalhamos poesias que não tem nada a ver com a realidade de nosso aluno, ou então trabalhamos e não comparamos com a realidade deles.”

Nessa mesma direção a professora quilombola P10 narra:

Esta parte mesmo que diz: e as pretas então oh que escuridão!
Porque só as pretas são escuridão? As outras são bonitinhas, todas

tinham uma qualidade só as pretas, escuridão! A diversidade também está presente nas borboletas que montamos. Cada uma diferente da outra. E como ficou bonito! Assim são nossos alunos cada um diferente do outro. Cada um de seu jeito. (Depoimento colhido durante a realização da oficina)

Estas colaborações durante as discussões despertam para a questão do preconceito, muitas vezes presente nos textos que trazemos para sala de aula. Pode sim trabalhar o texto das borboletas. E depois de análises críticas com as crianças, elas mesmas podem criar um texto das borboletas com seus pontos de vista. A pertinência desta atividade para a discussão das professoras quilombolas segundo Silva (2004, p. 56): “A desumanização esteve presente também nos textos, onde os personagens negros são sempre associados a animais, sem nome”. No caso do texto, as pretas não tinham qualidade, apenas escuridão.

A apresentação dos conceitos de cultura suscitou nos professores a necessidade de estudar sobre o referido conceito. Durante a apresentação dos slides muitos contribuíram, participando, questionando, tirando dúvidas sobre a pesquisa e o seu produto final. Explicou-se sobre o conceito de tertúlia, como acontece e o seu desenvolvimento como uma atividade do conhecimento, onde as trocas são múltiplas.

Em seguida passamos para outra atividade, que tinha como proposta mexer o corpo e relaxar. Relaxando, mexendo os ombros, quadris, braços cabeça, pernas, todos participaram da dança. Começando com música baixinha e depois aumentando o volume gradativamente, os participantes se envolveram no ritmo e dançaram ao som do berimbau. Terminada a música falou-se do sentimento de pertença à comunidade quilombola, da alegria que permeia a cultura do lugar e que o berimbau representa para o Brasil, qual o seu significado para os afro-brasileiros. A professora quilombola P9, afirma: “Que delícia! Devia deixar mais um pouco! Tá na nossa veia. Muito bonito! Se fizer com os meninos eles vão amar. (Risos)”. Assim também completa a auxiliar 1 “Eita coisa boa! A gente começa envergonhado depois se solta e não quer mais parar! Eita! É um som gostoso de dançar. (Risos...)”

A experiência significou muito para todos que se envolveram com a dança. No início, timidamente, não conseguiam fechar os olhos, mas depois se entregaram e foi um momento de descontração muito significativo, que trouxe alegria para o

momento da oficina. Foi explicado que esta técnica ajuda muito a controlar os ânimos das crianças após o recreio, além de colaborar com o sentimento de pertença do lugar, da valorização da cultura e o apego a ancestralidade africana. Nessa perspectiva, Souza (2015, p. 141) ratifica:

Toda visão de mundo se constrói num contexto de vivências e práticas cotidianas, implicando na apropriação individual de uma herança de costumes, valores e conhecimentos familiares, que é gerada na relação com o ambiente. Ora, quando falamos em herança e ambiente, estamos falando em continuidade temporal e em uma situação no espaço, ou seja, em condições históricas e sociais que permitem e condicionam o surgimento e a transformação de identidades.

As práticas cotidianas não precisam exatamente serem marcadas apenas por atividades escritas e enfadonhas. A criatividade precisa perpassar os espaços e as práticas, para que os alunos possam sentir a alegria e o gosto de conhecer sua história, sua cultura e sua ancestralidade africana, assim, após a dança, foi realizada a análise de algumas imagens, com o objetivo de perceber com criticidade o que apresentam algumas das práticas docentes. Estas imagens foram colhidas de um blog da internet com várias sugestões de atividades para o dia da Consciência Negra. Como podemos ver na sequência:

Figura 16 - Cartaz da consciência negra.



Fonte: <http://www.artedeensinareaprender.com> em 16/11/2016

A primeira figura foi analisada como incompleta para o Dia da Consciência Negra, por aparecer apenas desenhos de crianças negras. Assim, surgiram algumas

indagações no grupo como o da professora quilombola P7: "Se é consciência onde estão as outras pessoas de outra cor? Só tô vendo negro. O negro isolado"!

Percebendo o educador como o autor em evidência, desse campo de conhecimento e as atividades como fruto de suas escolhas e conhecimentos, atividades fora de contextos não emitem a mensagem que deveriam emitir. Os negros não vivem sozinhos em sua comunidade, escola, e no mundo, como aparecem na imagem. Não se pode construir igualdade sem diversidade.

Figura 17 - Lembrança do dia da consciência negra.



Fonte: <https://www.google.com.br> em 16 /11/ 2016

Na segunda imagem a ser analisada a postagem também faz referência ao dia da consciência negra. Qual a consciência que devemos internalizar? Que os negros têm cabelos de bombril? Professora quilombola P8, fez o seguinte comentário: "Misericórdia! Nenhum menino vai querer ser chamado de cabelo de bombril! O pior é que, tem professor que faz mesmo".

A observação da professora traz a reflexão de que muitas vezes sem perceber, a escola acaba se tornando percussora do preconceito e discriminação, por causa de suas práticas, que segregam, rotulam e menosprezam. O respeito e a diversidade acabam também se tornando pequenos fiapos da lei que se torna folclorizada, trabalhada apenas em datas específicas. A formação de professores abre discussões para estas questões, previnem ações que destonam do princípio educativo quilombola, criando e fortalecendo práticas coesas com o ensino da instituição em foco. De acordo com Moura (2007, p. 6), a escola tem um papel fundamental para os moradores dos quilombos contemporâneos, mas eles desejam

uma escola sua, da comunidade, onde ele possa se encontrar na escola. Onde seja discutido a sua história e a dos seus ancestrais e não uma escola distante dele.

Existem vários livros de literatura infantil que valorizam a cultura quilombola e trazem boas discussões sobre a educação étnico racial, oferecendo muitas portas para erradicação do preconceito e discriminação racial, além da importância da autoestima e respeito à diversidade. O acervo literário da escola deve dar suporte para que o professor possa pesquisar, estudar e fazer uso destes instrumentos que lhe são pertinentes.

Figura 18 - Lembrança do dia do folclore.



Fonte: Arquivo pessoal da autora em 22/09/2016

A terceira figura trata-se de uma lembrança do dia do folclore, elaborada por uma escola do município. A Professora quilombola P10, fez o seguinte comentário:

Aqui, as mães passam cremes nos cabelos das meninas para alisar, as meninas ainda pequenas, mas já fazem isso. Não querem que as filhas tenham cabelos assim... crespos. Querem que elas tenham cabelo bom. E falando aí da imagem, tem escola que faz mesmo. Por falta de conhecimento, que nem na história do macaco e do peixe. (Depoimento colhido pela autora durante a oficina)

Por muitos anos a escola foi conivente com todo tipo de preconceito isso torna muito difícil se desnudar do que deveria ter ficado para trás. O livro didático foi um grande vilão e não valorizou a cultura do negro. Para Silva (2015, p. 63):

A análise do livro didático permite identificar a discriminação racial de forma explícita, contrariando o lugar comum popular que diz ser o

racismo velado e dissimulado no Brasil. A depreciação explícita do negro foi identificada em vários textos e ilustrações.

A imagem do negro vinha sempre como bobo ingênuo, que tudo aceitava sem nada dizer, conformado com a humilhação. Esta depreciação se internalizou na visão de muitos educadores que, até nos dias de hoje permanecem presos a este tipo de visão, que só se desfaz pelo exercício de muitas discussões, práticas libertadoras, de valorização e aumento do autoestima.

O tesouro de livros apresenta algumas obras que facilitam o trabalho com a cultura quilombola e sua diversidade como as obras a seguir: O cabelo de Lelê; Cada um com seu Jeito, cada jeito é de um; Luana a menina que viu o Brasil neném; Quem canta seus males espanta; Um cachorrinho para Cacau; Apelido não tem cola; As sementes de Zumbi, Cores em cordel, Uma escola assim, eu quero pra mim; Lucas, entre outras. Lembrando que, estas obras não foram lidas só apresentadas, e com um pequeno resumo. A proposta do trabalho com o tesouro de livros (temática educação étnico racial e diversidade) prevê práticas docentes que coadunem com a Lei 11.645/08, no dia-a-dia. Sousa (2015, p. 141) explica:

O efeito da literatura é discreto se tivermos como parâmetro o sentido pedagógico a que se está acostumado na escola – as lições de moral não são sua área privilegiada, trata-se de um trabalho mais sutil, que vai estruturando potencialidades e abrindo, gradualmente, possibilidades, e num tempo mais natural, do que os breves períodos... de cada aula.

Desta forma a autora deixa claro que os avanços com as práticas que oportunizam a integralização com a cultura e diversidade, não acontecem rapidamente. É um trabalho gradual, lento e complexo. Os discursos e diálogos sobre a diversidade devem estar presente em todas as circunstâncias, em todas as práticas docentes. A escola deve ter estampada em suas paredes o cotidiano quilombola, e outras imagens que destacam a diversidade do lugar. As imagens abaixo mostram a escola em sua apresentação física que nada tem a mostrar sobre o perfil de seus alunos. São paredes limpas, que podem ser transformadas em painéis com imagens da história do negro no Brasil da história quilombola de Lage. A arte dos alunos quilombolas podem abrilhantar os espaços físicos externos.

Figura 19 - Pátio e corredores das salas de aula.



Fonte: arquivo pessoal da própria autora em 26/05/2017

Figura 20 - Pátio, cantina e corredores das salas de aula.



Fonte: arquivo pessoal da própria autora em 26/05/2017

A atividade da "boneca negra" acontece partindo de uma embalagem e chamando atenção sobre o que estava dentro da embalagem. Em seguida discutimos sobre o conteúdo e tiramos da embalagem a bonequinha negra, que passou pelas mãos de todos. Cada um dos presentes, fez um carinho na boneca. Em seguida falaram o que sentiram, quando estiveram com a boneca nas mãos, cada um narrou o que aconteceu, histórias incríveis foram surgindo. Alguns docentes, não queriam soltar a boneca, outros desejavam possuir uma boneca igual.

O vídeo: "Ninguém nasce racista" arrancou lágrimas de alguns dos docentes, que não quiseram se pronunciar. A discussão se teceu no intuito da valorização da atividade para o sentimento de pertencimento, afetividade e efetividade nas relações construídas no ambiente escolar quilombola. O professor quilombola P5, assim

narrou sobre a sua reflexão: "Muito bom para as crianças irem aprendendo a gostar de sua cor e valorizar a cor do outro".

Trabalhar o racismo em sala de aula, não se trata de um exercício simples, porque foram séculos de negação e aos negros, sempre foi atribuída a coisas ruins. As crianças que trazem para a escola a negação de sua cor, não trazem isso de si mesmas, trazem como um fardo entregue pela sociedade, pela cultura brasileira. Nessa perspectiva veremos abaixo o que diz a professora quilombola P1:

Realmente muitas crianças que chegam aqui, e os pais é quem dizem: não deixem chamar meu filho de negro não viu professora? E aí eles entram e já não querem sentar perto do outro, não querem fazer trabalho, e na hora do recreio não querem brincar. Os pais são os primeiros a terem preconceito, não ajudam a escola. (Depoimento colhido pela autora durante a realização da oficina)

O depoimento da professora afirma que existe preconceito na escola, o que evidencia mais ainda o teor de dificuldade em ser uma professora quilombola. Sabe-se que resíduos de uma história preconceituosa ainda fazem parte da vida dos quilombolas, mas a escola não pode se calar. O alfabeto quilombola é um grande recurso para a valorização do Negro e educação étnico racial, pois cada letra tem uma referência com um objeto comum à comunidade quilombola.

A explicação sobre a **Tertúlia Dialógica Cultural**, conceito, objetivos e sua metodologia foi o ponto culminante da oficina, mostrando assim, sua funcionalidade e dando exemplos de instituições que abraçaram esta metodologia e conseguem melhorias na educação de seus alunos.

A dinâmica do espelho veio com um questionamento: quem é o responsável pelo bom desenvolvimento da escola quilombola, pela quebra do preconceito, pela união, melhoramento das boas práticas e pela mediação do conhecimento dos alunos? Ao abrir a caixa todos puderam se enxergar. Os docentes da escola aceitaram participar da **I Tertúlia Dialógica Cultural da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros**. O compromisso foi firmado e a data foi marcada.

O Evento foi avaliado pelos professores como uma ação muito positiva para as práticas docentes em sala de aula.

5.3. Unindo fios: realização da I Tertúlia Dialógica Cultural da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.

Todos os professores foram convidados a participar da Primeira Tertúlia Dialógica Cultural, com o objetivo de se discutir sobre a pesquisa e fazer o levantamento das demandas de formação. A Tertúlia Dialógica Cultural se apresenta como um processo de produção e empoderamento da comunidade, que irão formar os professores, levando em conta que as tertúlias são formativas, e de construção, suprimindo as necessidades dos professores e das pessoas da comunidade. Para a Tertúlia dialógica Cultural de Lage foi criada uma arte específica:

Figura 21 - Arte da Tertúlia Dialógica Cultural de Lage dos Negros.



Fonte: A própria autora, em 29/05/2017

A imagem traz o balão ao centro com várias pontas que representa as falas de todos os participantes, ou seja, a dialogicidade. Os desenhos de figuras masculinas e femininas em várias cores, mostrando a questão da diversidade cultural, representando a prevalência da comunidade negra rural quilombola. Estas figuras masculinas e femininas de mãos dadas, em círculo, mostram a unidade, a partilha, respeito e a união. Todas estas características fazem parte da realidade das tertúlias dialógicas.

As descobertas da pesquisa primaram por uma discussão sobre cultura, já que os dados mostram certa folclorização da cultura de Lage dos Negros. Segue abaixo roteiro de organização do encontro:

Antes: roteiro para a 1ª tertúlia Dialógica cultural.

- ✚ Elaboração de convites;
- ✚ Preparação de texto científico de acordo com as demandas de formação levantadas anteriormente;
- ✚ Entrega antecipada do texto, para leitura prévia de todos os participantes, acompanhada de folder com informações sobre o conceito de tertúlia e instruções para leitura e participação;
- ✚ Entrega de folder constando, conceito, justificativa, objetivos, metodologia da tertúlia, enfatizando a necessidade da leitura prévia do texto escolhido para estudo e marcações necessárias.

Durante: a 1ª Tertúlia passo a passo

1. Acolhida - O moderador pesquisador irá receber os participantes, na data e hora marcada. As cadeiras deverão estar em círculo em um ambiente receptivo e acolhedor, para favorecer a participação igualitária de todos os participantes.
2. Diálogo - Com um diálogo igualitário, o moderador irá promover o desenvolvimento de valores como a convivência, o respeito e a solidariedade.
3. Partilha da palavra - Durante a tertúlia, cada um expõe um parágrafo que chamou a atenção, que gostou especialmente, e compartilha com os demais, o sentido desse parágrafo e qual reflexão ele proporcionou, vinculando-o a realidade atual.
4. Turno de Palavras - Posteriormente, abre-se um turno de palavras onde os demais participantes dizem suas opiniões a respeito desse parágrafo ou elaboram sobre as interpretações realizadas previamente, construindo assim, de forma dialógica um novo sentido. Como se pode vivenciar o que foi discutido e construído na tertúlia?
5. Finalização – Estima-se que o encontro dure de sessenta a noventa minutos, e antes que o tempo seja extrapolado, deverá ser escolhido o tema da próxima tertúlia e a eleição de um novo moderador que conduzirá o próximo encontro.

5.4 Tertúlia Dialógica Cultural da Escola Rural quilombola de Lage dos Negros: Fios se conectando

A Tertúlia Dialógica Cultural ocasionou a construção do conhecimento e a vontade de poder melhorar as práticas docentes e promover a reflexão sobre a cultura local, as manifestações culturais, o que é ser quilombola, discutir também sobre as relações étnico-raciais. Fazendo nascer o desejo de registrar, a cultura plural de Lage em um acervo. Partindo do pressuposto de que a Tertúlia Dialógica Cultural, promove a formação e a auto-formação, segundo Dourado (2009, p. 11):

O ser humano incorpora a si mesmo a atitude do que é percebido enquanto experiência, este movimento é permeado por constantes mudanças no curso do seu desenvolvimento. Experiência é a ação do ser humano sobre o mundo, considerando a sua intenção e os recursos humanos e naturais utilizados por ele ao agir. Uma ação implicada pelas condições do contexto no qual se encontra. Esse processo simbiótico é responsável pela formação do ser humano.

Dessa forma, primeira Tertúlia foi idealizada e organizada em parceria com a coordenação da escola. A seguir apresentamos passo a passo a construção, elaboração e realização da primeira Tertúlia Dialógica Cultural da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros - Campo Formoso -BA. O produto final de pesquisa objetiva colaborar com a melhoria da educação da Escola Quilombola Rural de Lage dos Negros, criando perspectivas para transformar as práticas docentes, despertando o interesse dos docentes centrado nas vivências cotidianas dos alunos por meio da formação e auto-formação dialógica, já que este tipo de ação favorece a construção dessas questões.

Dentro das prioridades elencadas pelos professores durante a pesquisa e a oficina preparatória, houve a escolha do texto a ser estudado: "Cultura, Culturas e Educação" de Alfredo Veiga Neto. Em parceria com a direção e coordenação da escola, iniciaram-se os trabalhos para a realização do produto de pesquisa. Os convites foram encaminhados, aos professores, auxiliares da escola e demais convidados: representantes da associação, professores das escolas denominadas isoladas, representante do Centro de Educação Integrado Manancial Quilombola de

Lage dos Negros - CEIMAQB e representantes de pais, obedecendo rigorosamente ao cronograma da tertúlia.

5.4.1 Acolhida

O ambiente foi preparado com antecedência, obedecendo as orientações da tertúlia dialógica. Cadeiras em círculo para que todos pudessem se ver e se comunicar com mais facilidade, a decoração do ambiente se remeteu à realidade do lugar.

Figura 22 - Ambiente e disposição das cadeiras na Tertúlia Dialógica Cultural.



Fonte: Arquivo pessoal da própria autora. Em 27/06/2017.

A tertúlia teve início às 9hs, do dia 27 de junho de 2017, com a acolhida dos participantes convidados, 37 pessoas se fizeram presentes, entre elas as representações das associações, da comunidade civil, professores das escolas isoladas, professores quilombolas, diretor, coordenador e representante do Grupo Cultural Quilombart, Infelizmente, não houve representação do Instituto Manancial, a não ser pela presença de algumas alunas do instituto que são professoras mas, que não o estavam representando. O diretor da escola quilombola deu boas vindas a todos e em seguida a mediadora iniciou o encontro agradecendo a presença de todos. Algumas pessoas pediram mais esclarecimentos sobre a metodologia do encontro: “Como é isso mesmo?” E outros participantes ajudaram a esclarecer as dúvidas, dizendo: “É um encontro de discussão!” É um estudo! “Pelo que vi no Folder é uma formação, não é?” Num diálogo igualitário, foi feita uma referência ao

conceito de tertúlia e os passos a serem seguidos, dentro do respeito mútuo e igualdade de liberdade de expressão. Logo após, houve uma dança ao som de uma música Afro-brasileira e em seguida a declamação de uma poesia pela representante do Quilombart.

5.4.2 Diálogo

Este momento foi proveitoso, muitos falaram da importância de se valorizar, e valorizar as riquezas do lugar. Expressando a alegria de poder participar de momentos que trazem como tema central, a discussão sobre o conceito de cultura. Como é o caso da P2: “Me sinto muito feliz em estar aqui, e ter sido convidada para participar destas discussões. Nosso lugar precisa de momentos como este. Para que nossa cultura não morra!”

O diálogo foi muito proveitoso, um espaço de conversas. A representante do Grupo Quilombart pediu a palavra e confessou ter gostado muito da dinâmica da tertúlia e se sentiu curiosa em participar do momento. Os achados da pesquisa na Escola Quilombola, foram apresentados: o quadro comparativo dos achados da pesquisa em documento, a fala dos educadores e as descobertas coletivas na oficina, as quais ajudaram na escolha do texto para estudo. Todos com o seu texto nas mãos, teve início a apresentação do texto, autor e referência. O moderador falou da importância do respeito, para que todos pudessem ser ouvidos, do diálogo igualitário e solidariedade para que todos tivessem voz e oportunidade para expor suas opiniões e ideias.

Houve grande participação e muitos professores falaram: participante 1: “É muito bom ter oportunidade de falar e ser ouvido. Poder dar opinião é muito importante!” Diante desta expressão se evidencia a relevância da oportunidade nas contribuições e da atenção pelo que se fala. Freire, (1996, p. 51) configura que: “Viver a abertura respeitosa aos outros e de quando em vez de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro, como objeto da reflexão crítica deveria fazer prática da aventura docente”. Nestes termos o autor reforça a necessidade do diálogo para a construção do conhecimento, numa dinâmica de formação e auto-formação.

5.4.3 Partilha da palavra

A Partilha da palavra compreendeu a prioridade da tertúlia, onde cada participante expôs seu grifo ou grifos ou parágrafo que mais lhe chamou a atenção. Esta partilha fez emergir, sentidos comparações com o dia-a-dia, vivências e dificuldades.

Figura 23 - Momento de partilha da palavra.



Fonte: Rodrigo Vicente. Em 29/06/2017

A figura expressa o interesse e participação do grupo, onde todos aparecem com seus textos marcados. Muitas pessoas do grupo, aproveitaram a oportunidade e partilharam a palavra. Apontaram vários pontos do texto sempre comparando com a realidade da escola e do quilombo. Dentre as participações dialógicas pode-se firmar a da participante 3, que afirma: “O mais importante que achei está na página seis (6), quinto parágrafo, onde o autor Veiga Neto, (2003, p. 6) nos diz”:

Meu objetivo aqui não é apontar “o que podemos fazer para tornar o futuro melhor”, mas, tão somente propor uma problematização do presente a partir de uma descrição de como chegamos até aqui, de como se constituiu um determinado estado de coisas.

Imediatamente, o participante 4 pede a palavra para completar:

Isto é uma verdade, durante muito tempo fomos discriminados, principalmente quando íamos para outros lugares. Diziam: “Olha os negros da Lage!” Eu por exemplo, me chamavam de doida. Só porque eu trançava meus cabelos. E ainda tranço. Naquela época eu ia trançar em Juazeiro, porque aqui não tinha e todo mundo ficava me criticando. Nós lutamos por muita coisa que tem aqui. Hoje esta geração é muito acomodada! Éramos uns jovens que se divertiam, mas, que também corria atrás dos nossos direitos. Chamavam agente de vagabundos, então nós fundamos a associação dos vagabundos. Mas com essa associação conseguimos muitas coisas para nossa comunidade. Até a estrada nós fechamos para o político não entrar. E assim, com essas lutas foi que conseguimos a primeira escola. Nós podemos encontrar a saída! (Depoimento colhido no dia 27/06/2017 durante a realização da I Tertúlia)

Entrelaçando estes diálogos, há um aprofundamento das discussões: o fato do texto suscitar nas participantes memórias sobre a luta dos primeiros membros da associação, como também, as articulações das pessoas da comunidade, para a superação das dificuldades e também os desafios ao se depararem com o preconceito, as críticas e o desprezo por parte das pessoas da zona urbana. A professora conta que melhorou, porém ela não afirma que acabou, o que leva a crer que esta professora, ainda sente na pele este tipo de problema, mesmo que em menor proporção. A mediadora questiona o papel da escola neste contexto e a professora quilombola P7, assim se expressa:

Nós já conquistamos muitas coisas, mas, as dificuldades ainda são muitas, falta formação, falta materiais. O ano passado mesmo, a gente trabalhou, não teve muita coisa não, até mesmo por falta do recurso que o projeto foi liberado, tinha pouco tempo e ainda não tinha caído o dinheiro, né, e você viu o sufoco que a gente passava, falta de água, falta disso, quebra isso, falta de recurso pros funcionários, tudo, ai você viu que não teve quase aula né, se você chegava a gente tava saindo, porque o motor quebrou, não tem água a gente vai sair em tal horário, não dar tempo, aí então, não era oferecido muitas coisa pra ter uma educação de qualidade, por conta disso, porque não vem nem dos governamentais e a escola não tinha como se sustentar. (Depoimento colhido no dia 27/06/2017 durante a realização da I Tertúlia)

Trazer a discussão do texto para as vivências cotidianas da comunidade quilombola implica estudar o termo cultura e suas dimensões, perceber então, como as culturas que se cruzam. Refletir sobre a realidade da escola e a realidade do aluno para ver a possibilidade de um trabalho solícito, avança para uma temática de se fazer a Lei sair do papel e dar-lhe vida. A cultura sofre transformações e a escola

não deve ficar fora desta discussão. Veiga Neto (2003, p. 7), fundamenta esta perspectiva: saber como chegamos a ser o que somos é condição absolutamente necessária, para resistir, para desarmar, reverter e subverter o que somos e o que fazemos. Portanto, a escola como espaço de força e poder para a elaboração coletiva de conhecimento não pode jamais ficar alheia a este contexto de luta, formação, auto-formação para o fortalecimento da identidade, o conhecimento e valorização da cultura.

Os tópicos evidenciados pelos professores, perpassando pelo texto, também trouxeram discussões afirmativas, dialogando com o texto, pontuando que todos os indivíduos possuem cultura. Aí enxerga-se a quebra de paradigma de que quem não tem estudo não tem cultura. Durante as colocações 90% das professoras, relatam que não trabalham a cultura no dia-a-dia, trazendo para a discussão a negação da identidade por parte de muitos alunos da escola e de seus pais. Em uma das expressões, o diálogo conectou-se intrinsecamente à pesquisa, quando o participante 5 levantou a questão da identidade na fala do autor Veiga Neto, (2003, p. 7): “É preciso ser o que somos!” Se não se assume a identidade, tão pouco a responsabilidade para com a comunidade, escola, família. Ainda nesta circunstância, Bhabha, (1998 p. 16) explica:

Onde não há natureza humana, a esperança dificilmente poderia jorrar eterna, porém, ela emerge com certeza, sub-repticiamente, no retorno estratégico daquela diferença que informa e deforma a imagem da identidade, na margem da alteridade que exhibe a identificação.

Assim, percebe-se que os conhecimentos vão se fazendo no diálogo na partilha e na valorização do outro, implicando assim, a construção da identidade. Perceber estes contextos emergem uma saída para o fazer-se e o valorizar-se, enquanto sujeito que sempre aprende. Lutar contra o preconceito não é uma tarefa fácil, mas pode ser um compromisso de todos. Segundo o Participante 2:

Muitas mulheres não se aceitam como são. Um tempo atrás, a situação foi tão séria aqui em Lage que muitas mulheres caíram os cabelos, pois iam pro rio e colocavam soda cáustica! O cabelo ficava bem lisinho, mas depois caía todinho e ficava careca. Era muito sofrimento! E até hoje querem ter cabelos lisos. Passam tudo quanto é coisa pra esticar! (Depoimento colhido no dia 27/06/2017 durante a realização da I Tertúlia)

Tomando estas declarações, como base para reflexão, pode se falar das orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais que apresenta como equívoco afirmar que os negros se discriminam entre si. Não se pode enxergar a necessidade de todas as decisões a partir da consciência da complexidade no processo de construção da identidade que permeia a sociedade brasileira. Isto vai muito mais além, e pode transparecer o fato de muitas mulheres negras passam por situações de preconceito, principalmente no centro de Campo Formoso. Acontecimentos que estão presentes no desabafo da professora quilombola P4:

A gente era muito discriminada, sabe? Agora até que parou mais. Mas todas as vezes que eu ia pra Campo Formoso, eu e muitos aqui da Lage, o pessoal de lá de Campo Formoso, juntava e já dizia: os nego da Lage já chegou, os nego da Lage não sabem se vestir, não sabe se arrumar! Isso a gente ficava... Por que assim: os aposentados vão pra tirar dinheiro, eles só tem lá né? Só tem lá o recurso deles. Então a gente ia. Como eu mesmo vou no lugar de minha mãe tirar dinheiro. E a gente sempre ouvia isso direto, direto. Já bati boca um monte de vez com gente que passava e via agente ali na praça e já começava a falar: “Nossa! A praça agora tá cheia de neguinho da Lage. “As neguinhas do cabelo duro e as neguinhas que não sabem se arrumar, os pés são rachados os pés são pretos são vermelhos. Menina, tanta coisa que agente escutava! (Entrevistada pela autora no dia 24/05/2017 na sua residência)

Estas palavras refletem o fato de muitas pessoas do lugar negarem a sua identidade quilombola, ou não aceitarem ser negros. (Freire 1996, p. 50) aponta caminhos para estas situações, em que fatos da vida colocam à prova nossas convicções como educadores e professores ou até como seres integrantes da comunidade rural e urbana. “E quanto mais me dou a experiência de lidar sem medo, sem preconceito com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo o meu perfil”. Ao expor acontecimentos de sua vida, a participante demonstra sua revolta com a discriminação e a falta de respeito à pessoa humana. Assim como as marcas do preconceito, sofrido pela comunidade negra.

5.4.4 Turno de Palavras

A mediadora agradeceu a contribuição dos diálogos e convidou a todos os presentes a iniciar o turno da palavra, enfatizando a importância da participação de

todos e todas, instigando a contribuição nas discussões, pois cada um com seu texto na mão e marcado, mostra com clareza o interesse pelo evento e as discussões. O turno de palavras desencadeia críticas ao texto pela observação do participante 6, quando pontua:

Eu gostei do parágrafo que o autor cita Kant, onde ele fala que na educação o homem deve ser: disciplinado, culto, prudente e cuidar da moralização, ele fala que cultura é a instrução de vários conhecimentos, e que o homem deve procurar seu meio na sociedade permanecer. E eu concordo. Se nós não buscarmos estas mudanças em nós não conseguiremos nada. (Depoimento colhido no dia 27/06/2017 durante a realização da I Tertúlia)

Neste contexto, a participante levanta uma questão já discutida aqui nesta pesquisa, os conceitos de cultura na modernidade e sua relação com a educação. Um grande estudo dos autores em uma nova conjuntura nacional, segundo Veiga Neto, (2003, p. 9). Por outro lado, a cultura era entendida como um conjunto de produções e representações que eram da ordem dos saberes, da sensibilidade e do espírito. Outros participantes falaram suas opiniões sobre outros parágrafos, fazendo relação com a vida presente, na comunidade e na escola. A participante 3, problematizou a questão importante da linguagem trazida pelo autor Veiga Neto, (2003, p. 13), com o texto, intitulado "O Lá".

Não se chega lá no mundo, não porque como humanos sejamos limitados, mas simplesmente o que chamamos de lá – ou talvez seja melhor dizer: o lá naquilo que ele significa para nós – constitui-se justamente a cada momento em que nele e dele se fale. O lá é um mutante em constante mutação em si mesmo, mas naquilo que se diz dele e, conseqüentemente naquilo que se pensa sobre ele. Ora, com isso, qualquer pedagogia multicultural não pode pretender dizer aos que estão entrando no mundo o que é o mundo; o que no máximo ela pode fazer é mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele como se pode criar outras formas de estar nele. (Depoimento colhido no dia 27/06/2017 durante a realização da I Tertúlia)

O autor traz uma perspectiva de lugar, a contextualização de um lugar onde se deseja estar. Um lugar de mudança, um lugar de partilha, orientação e necessidades, onde cada um deverá contribuir a depender da situação em que se

encontra. O conhecimento só chega a partir da busca, e da imersão na teia que permeia o objetivo. Como seres inacabados, nunca se está pronto, sempre haverá buscas, interrogações e aprendizagens. Nunca se sabe tudo, sempre há algo a aprender, a conquistar. Sempre haverá novos caminhos a se conduzir e a caminhar, assim também como várias direções, já que o mundo pode muito bem representar o conhecimento que é mutante.

Nesta vertente de discussão, surgiram alguns questionamentos por parte dos participantes e mediador. “Para onde iremos? Onde queremos chegar? Será que vamos nos perder, e esquecer nossa história nossas fontes? Todos conhecem a história de Lage? O dia do aniversário de nossa comunidade? Todos os professores conhecem?” O mediador pediu que levantassem a mão. O resultado foi que poucas pessoas levantaram. E alguns professores disseram saber um pouco da história.

O fato de alguns professores da escola não levantarem a mão evidenciou um dado muito importante. Como as crianças, jovens e adolescentes podem amar o que não conhecem. Conhecer a comunidade é primordial para a valorização da cultura dos quilombolas. O que representa um lugar e sua história? Os representantes de associações, assim também como alguns diretores de escolas primam pela valorização da comunidade e até organizam eventos que enaltecem as manifestações culturais, porém, ainda há uma lacuna entre as ações desenvolvidas pela comunidade e as práticas docentes nas escolas. O turno da palavra terminou apontando que, a cultura, identidade e educação devem andar juntas.

5.4.5 Finalização

O encontro foi estimado para ter duração de 60 a 90 minutos, porém se estendeu por mais de duas horas, com a presença de todos, discutindo, debatendo, construindo e partilhando saberes e vivências. A mediadora convidou a todos para o processo de finalização da tertúlia dialógica cultural. A mediadora mostrou a possibilidade de melhorias nas metodologias das práticas docentes, a partir do processo dialógico da tertúlia no chão da escola e a necessidade de manter um vínculo entre a escola e a comunidade através de seus representantes. A avaliação teve início a partir da seguinte pergunta feita pelo moderador: E aí pessoal como foi nossa tertúlia? O que acharam deste encontro? Dentre as respostas dadas, vale

apresentar algumas respostas que evidenciam a positividade da realização do encontro: Professora quilombola P2:

Eu fiquei maravilhada com isto aqui, todo mundo estudando, falando, discutindo, estudando. Momento muito rico. É disso que a gente precisa, se unir pra correr atrás dos nossos direitos, eu falo isso por causa de muitas coisas que acontecem e que a gente precisa está informado. Muitos governantes fazem coisas que a gente nem sabe. Se a comunidade se reúne fica mais forte. Vou dar um exemplo: a pista que fizeram, todo mundo ficou feliz, mas, um pastor que é de fora que veio para cá e não conhecia disse que, quando ele foi pesquisar a estrada para vir para cá consta que o asfalto vem até aqui. Resultado, ele veio com a comitiva dele e o ônibus teve que ficar em Lagoa do porco.²⁶ Foi enviado outro ônibus pra pegar o pessoal porque o ônibus deles era rodoviário e não anda em terra de chão. Nós precisamos abrir os olhos. Não podemos ficar parados. Momentos como esse vão nos fortalecer. Foi muito bom! (Depoimento colhido no dia 27/06/2017 durante a realização da I Tertúlia)

A participante 2 completa: “Confesso que vim por curiosidade. Eu vi aqui no convite: Tertúlia dialógica Cultural... e fiquei dizendo pra mim mesma: ei vou lá ver como é isso. E valeu a pena!”

Outros participantes também se manifestaram com frases curtas e claras como “Eu também gostei muito”. Ou: “Deveria haver mais momentos como este”. E ainda: Foi uma conversa, todo mundo podendo falar é bom, apesar que eu não falo muito (risos).”

Participante 8:

Isso é bom pra dar uma sacudida na gente, Em outros tempos, tinha mais movimento, as coisas melhoraram sim, mas agente buscava mais. Até na nossa cultura mesmo, era mais animado. Parece que está acabando isso mesmo. Os mais jovens só querem saber desse tal de zap, zap aí. É bom é, mas demais não. Foi bom ter vindo o sinal do celular, mas o povo mais jovem fica incutido nisso e não querem saber de valorizar nossa cultura. E se reunir pra ler e falar disso é bom. Se tem uma festa qualquer com uma banda. Tá todo mundo. Mas se for uma coisa cultural nossa é só aquele pouquinho de gente. (Depoimento colhido no dia 27/06/2017 durante a realização da I Tertúlia)

²⁶ **Lagoa do Porco** – distrito de Campo Formoso que fica situado na estrada de Lage. Lugar onde finaliza o asfalto.

O resgate da cultura se faz presente nas falas dos participantes do início ao fim da tertúlia, é como se todos estivessem conectados em uma única via de necessidade. Nesta instância a escola se apresenta mais uma vez como fio condutor de partilha, construção e força. Quando esta participante exprime sua visão como avaliação reforça o trato com a formação e as questões culturais, que podem ser admitidas em Rios (2015, p. 175):

Tratar o tema da formação docente e suas implicações com as questões étnicas implica na assunção de novas vozes, novos dilemas, conceitos, tais como: identidade, diferença, alteridade, subjetividade, estética, territorialidade, poder. Noções emergentes, só *possíveis de serem* “construídas/inventadas” a partir dos estudos tidos como críticos e pós-formais, que, em geral, buscam escutar as experiências, outrora ocultadas, desperdiçadas, as vozes dos sujeitos culturais, favorecendo, assim, novas dialogias entre os cenários socioculturais e da formação continuada de professores (as), constituindo novas comunidades de sentidos.

Desta forma as vozes dos sujeitos de Lage dos Negros configuram as necessidades latentes, assim como seus anseios, já que a Tertúlia potencializa a evidencia, os fatos narrados pelos próprios sujeitos atores dos fios tecidos na escola e na comunidade. A avaliação veio nortear a esperança de outras tertúlias, e com este sentimento as palavras de Ghedin (2004, p. 61).

Compreendemos que o professor é competente à medida que pesquisa. Ele alia a docência à pesquisa como forma de articular a teoria-prática, assim como de expressar sua competência técnica e seu compromisso político com a práxis de professorar. Colocando a atividade docente como objeto de investigação, necessário se fez compreendê-la em suas vinculações com a prática social na sua historicidade. Apreender na cotidianidade a atividade docente dos alunos supõe não perder de vista a totalidade social, pois sendo a escola parte constitutiva da práxis social, representa no seu dia-a-dia as contradições da sociedade na qual se localiza.

Desta forma, o turno da palavra emanou a possibilidade de um repensar sobre ações que venham transformar a realidade. Muitos dos relatos não escondem o desejo de estudo para o conhecimento. A necessidade de formação, surgiu de maneira coletiva o que foi muito positivo. Quando questionados pelo moderador

sobre a possibilidade de outras tertúlias, as respostas foram evidentes em várias falas, das quais algumas são citadas aqui: “É muito importante este retorno. Muitos buscam informações de nossa comunidade e vão embora, o retorno é importante para a escola”. A outra ainda diz: “É bom despertar para valorizar o que se tem. As manifestações, a palha do sisal...” e ainda: “Esta ação foi uma troca de experiência muito importante. É claro que queremos outras!”

Após as declarações avaliativas, a mediadora, quis ter certeza do tema da segunda tertúlia fazendo a eleição, já que foram apontados dois temas: ***O aniversário da comunidade quilombola de Lage dos Negros: História e criação. E o estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação quilombola.***

Por fim, ficou acordado que a segunda tertúlia, seria: O aniversário da comunidade quilombola de Lage dos Negros: História e criação, já que, alegaram que, os mais novos pouco sabem da história da comunidade de Lage. Admitiram que os que mais sabem são os mais velhos, e muitos já morreram.

O estudo das diretrizes ficou para o terceiro encontro. O grupo opinou que seria melhor, selecionar as demandas de formação gradativamente, de acordo com as necessidades que fossem emergindo, e que por enquanto deixasse apenas estas duas. Houve a escolha da nova mediadora que, se responsabilizou, junto com o diretor da Escola Rural Quilombola, de contatar uma parente de Luizinho, Fundador de Lage para pegar uma cópia do documento a ser estudado na segunda tertúlia.

A mediadora explicou a importância da continuidade das tertúlias, para a possível elaboração de um documento escrito (com grande teor cultural de Lage e possíveis práticas a serem desenvolvidas pelos educadores de maneira interdisciplinar). Esta questão foi muito bem aceita, já que não há registros organizados sobre a comunidade. O diretor da escola também se prontificou a ajudar no possível. Uma das participantes informou que começou a escrever algo, mas, que ainda não terminou. Ao que consta, apenas o documento tratado anteriormente, mas é de cunho pessoal da família de Luizinho e não quiseram entregar a público. Foi marcada a data da Segunda Tertúlia Dialógica Cultural de Lage e o encontro deu-se por encerrado.

A mediadora reforçou a alegria do acontecimento e a importância da presença de cada um, esperando contar com todos no próximo encontro, que seguirá

respeitando todos os pontos necessários assim como na primeira. Logo após, convidou a todos para um lanche e a entrega de lembrancinhas com guloseimas da culinária africana. Este momento, apesar de não estar na pauta da tertúlia, trata-se de um importante espaço para os participantes e mediador conversarem, se confraternizarem, partilharem mais algumas experiências que não foram colocadas. Como podem ver na figura abaixo:

Figura 24 - Lanche de confraternização.



Fonte: a própria autora. Em 29/06/2017

A descontração torna a ação ainda mais prazerosa, pois, a socialização das pessoas da escola com os demais participantes, também, gera conhecimento.

5.5 Tertúlia Dialógica Cultural: observando a teia

O olhar final sobre o produto construído, remete a sensação de voltar ao início da pesquisa onde se observa o caminho a percorrer. Numa explicação simples, é como se começasse tudo de novo. Muita coisa a se fazer. É impressionante perceber através dos relatos e depoimentos das pessoas da comunidade, que o conhecimento perpassa por estradas infinitas, muito foi construído, mas, ainda há muito para ser realizado. Outras teias precisarão ser formadas analisadas e reconectadas. Participar junto à comunidade de Lage dos Negros da primeira tertúlia, permite dizer da sua pertinência para a melhoria na qualidade da educação

quilombola, através do potencial de seus participantes e o desejo de transformação da realidade atual em suas especificidades. O processo de formação e auto-formação que se dá na tertúlia é fabuloso, dinâmico e rico. Relembrar a Lei 10.639/03 que alterou a Lei 9.394/1996 Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, Brasil, 2003, permite ver que:

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Tanto tempo se passou e as escolas ainda não conseguem se ajustar. Os educadores sentem dificuldades e ainda necessitam de formação para assim proceder. Perceber a necessidade da mudança é o primeiro passo para que isso possa ocorrer.

5.6. Depois: desdobramento das ações combinadas para após a concretização das cinco tertúlias

A aceitação da proposta e realização das tertúlias no desdobramento da pesquisa, os encontros acontecerão mensalmente, perfazendo um total de cinco encontros que serão programados de forma gradual. A partir da segunda tertúlia as ações obedecerão às seguintes ações:

- ✚ Fazer a divisão coletiva dos trabalhos: seleção de materiais culturais a serem coletados pelos participantes do grupo em subdivisões e textos para discussão. (Durante o processo de realização das tertúlias).
- ✚ Elencar estratégias para o trabalho cotidiano e ou interdisciplinar com diversidade cultural quilombola para a elaboração do acervo Histórico de Lage;
- ✚ Organizar a revisão do material com a finalidade de uso por parte dos professores nas disciplinas no cotidiano escolar. (Durante o processo de realização das tertúlias).
- ✚ Avaliação do trabalho: processual e partilhada, ao final de cada tertúlia.

- ✚ Possível lançamento oficial do acervo cultural de Lage dos Negros- Campo Formoso - BA.

A proposta da produção de um acervo histórico, escrito coletivamente por todos os envolvidos na pesquisa, sobre a cultura quilombola de Lage dos Negros e práticas docentes no cotidiano escolar em meio a essa realidade quilombola, despertou interesse em todos os presentes, e espera-se que os demais encontros sejam tão proveitosos quanto este. Ouso terminar fazendo minhas as palavras de um autor brasileiro que entendia e continua a entender o sentido de humanidade em seus escritos: “Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno”.²⁷Que assim seja, esta proveitosa experiência.

²⁷**Rubem Alves:** Foi um psicanalista, educador, teólogo, escritor brasileiro. É considerado um dos maiores pedagogos brasileiros de todos os tempos, um dos fundadores da Teologia da Libertação e intelectual polivalente nos debates sociais no Brasil. Foi professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Fonte: <https://pt.wikipedia.org>. Com acesso em 09/07/2007

6 CAMINHO PERCORRIDO, CONSIDERAÇÕES FINAIS: TEIAS CONSTRUÍDAS?

Não sou o movimento negro
 Sou o preto em movimento
 Todos os lamentos (Me fazem refletir)
 Sobre a nossa história
 Marcada com glórias
 Sentimento que eu levo no peito
 É de vitória...
 Sabe que não tem vitória sem suor...
 Por amor a melanina
 Coloco em minha rima
 Versos que deram a volta por cima
 O passado ensina e contamina
 Aqueles que sonham com uma vida em liberdade
 Resistência sempre foi a nossa marca, meu orgulho
 É bom ouvir o barulho
 Que ensina como caminhar...
(MV Bill)²⁸

A letra da música de MV Bill, retrata a figura do negro como lutador, que nunca se cansa e conclama outros a se enxergarem nesta vertente de identidade, orgulho, valorização e esperança na luta, no movimento de busca e de aprender, em um constante construir e tecer de teias. Literalmente como se apresenta esta discussão, daí a sua pertinência.

Diante de todos os fatos aqui descritos e refletidos, torna-se urgente lembrar que, os educadores quilombolas se preocupam com o papel da escola e sua prática, mas que apesar das preocupações ainda precisam refletir sobre os desafios diários que vão além de um planejamento, ou de uma simples aula como cumprimento de uma jornada de trabalho, ainda mais, quando se trabalha numa comunidade quilombola. Assim um professor que atua numa escola quilombola, necessita ter conhecimento da história e da cultura do lugar, para conciliá-lo com suas práticas e formação para entender como operacionalizar estas ações.

A especificidade é o que diferencia uma escola quilombola de outras escolas. Em menção a preocupação e desejo dos educadores alçarem novos rumos em busca de melhoria na qualidade do ensino e no desejo de um maior conhecimento sobre a Educação das relações étnico-raciais, tomam-se as palavras de Canclini, (199, p.350) que adverte: “As práticas culturais são, mais que ações, atuações.” Dessa forma, o autor afirma que a cultura se apresenta como um instrumento

²⁸**Alex Pereira Barbosa:** Conhecido pelo nome artístico de MV Bill, é um *rapper*, ator, escritor e ativista brasileiro, que iniciou a carreira na música em 1988, quando começou a escrever sambas-enredo para seu pai. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org>. Com acesso em 11/07/2017.

coletivo de poder, em que a voz vira força e possivelmente ação. Isso vai muito além do pensar, transpassa paradigmas e favorecem mudanças a partir da ação e da atuação desses educadores. É preciso que as ações sejam desencadeadas e os alunos sintam-se parte do processo educativo e da história de sua terra e de seu povo.

Fazer prevalecer estas ações é conhecer a maneira como estas pessoas sobreviveram e se mantiveram resistentes ao longo desse tempo. De maneira que elas se constituem individualmente culturais, que formam identidades coletivas a partir de suas particularidades e diversidades, em culturas que transformam dignificam, vencem e nunca se findam.

As demandas de formação se apresentam como o estudo do conceito de cultura, uma reflexão sobre diversidade no ambiente escolar em um ensino contextualizado Inter e transdisciplinar onde cada professor se aceite em seus contextos, em atitude de respeito recíproco, na valorização da cultura local: suas histórias, lutas e resistências e o empoderamento desde a infância. Neste encadeamento de ideias, permanece firme o professor, como um líder no espaço de relações e diversidade, e com o papel de mediar estas relações, de empoderamentos, construções, desconstruções e reconstruções identitárias, como uma função complexa diante do direito de todos. Assim, como afirma Gatti, (2011, p. 24) que o direito à diferença vem sendo fortemente afirmado por diferentes movimentos na sociedade contemporânea. Estes movimentos trazem impactos na educação, especialmente nas disputas relativas aos currículos escolares, portanto, na formação dos professores.

O professor necessita estar também nesta edificação de saberes, na busca incessante de poder melhorar suas práticas e, de maneira científica promover a reflexão sobre a realidade cultural. Portanto, a presente pesquisa evidencia a necessidade dos estudos das relações de cultura e diversidade numa Escola Quilombola Rural para que os muros da instituição escolar se abram literalmente à vivência cotidiana de seus alunos. Que a referida escola, se mantenha aberta e que suas ações andem de forma paralela e respeitosa à realidade individual e coletiva de cada aluno e sua comunidade. Estabelecer leituras e releituras com os autores que discutem estas relações proporcionou um grande crescimento pessoal e profissional. Promover junto com os educadores da Escola Rural Quilombola de Lage, a Primeira Tertúlia Dialógica Cultural, possibilitou um encontro ao conhecimento partilhado e

dialético como possível saída aos problemas encontrados. Ter a certeza das Tertúlias futuras, reacende o desejo da continuidade da luta, do estímulo e da aprendizagem.

Aos estudantes da turma de Pedagogia, da Faculdade Manancial pode-se dizer que, pelo menos na Escola Rural Quilombola o cotidiano e a cultura não são explorados de forma intrínseca, porque os professores são de fora, pois ficou nítido: a maioria são de Lage, nenhum mora em Campo Formoso e vão lecionar na Escola Rural Quilombola. A pesquisa aponta desde a falta de material à falta de formação, o que pode ser melhorado com os estudos e formações, se colocados em prática.

Então, a pesquisa mostrou, Falta de formação dos professores, falta de materiais pedagógico, falta de um trabalho coletivo, falta de apoio da Secretaria Municipal de educação e a falta de entrosamento da escola com a comunidade. de como as maiores dificuldades que atingem a Escola Quilombola. Dessa forma, pode-se afirmar que duas destas barreiras já começaram a se quebrar: a falta de trabalho coletivo e o entrosamento da comunidade, pelas tertúlias que partem destes princípios e já foram implantadas na Escola quilombola.

Neste contexto, o ponto de vista de Jesus (2003 p. 98), afirma que: “Corroboramos com a ideia de que estes conjuntos de significações, sobre o que o professor precisa saber, para ser bem-sucedido em sala de aula, que atravessa emblematicamente os documentos oficiais, gera transformações no processo identitário do professor.” Daí a necessidade do estudo e seus desdobramentos.

Com esta discussão, esta pesquisa se apresenta como de grande significado, devido a relevância de seu tema e a necessidade do levantamento de reflexões tecidas junto as práticas docentes e a Lei 11.645/08 na Educação Quilombola. É válido ressaltar a viabilidade da pesquisa pela abertura da gestão da escola e em priorizar todas as ações propostas de desencadear melhores condições de ensino. Valorizar a cultura, facilitar aprendizagem dos educandos, formar os docentes e contribuir também com o crescimento da educação da comunidade de Lage dos Negros e também de outras comunidades que talvez enfrentem os mesmos desafios.

Sendo assim, voltando-se a trajetória da aranha e as construções de suas teias, citadas no início desta pesquisa, e títulos dos capítulos, o caminho percorrido, aqui, não chega ao seu final. Outras ações, e reflexões surgem e com elas novos

caminhos vão sendo traçados. Pensamentos reformulados e novas práticas construídas. Assim como a aranha nunca finda o seu tear, o ser humano, jamais cessará a busca pelo conhecimento. Sempre terá algo a aprender e a ensinar, mais um fio a tecer, outras teias a construir.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo Danilo Romeu Streck. **Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade.** *Universidade do Vale do Rio dos Sinos*. Educação e Pesquisa, São Paulo, aheadofprint, jan. 2012.

ARAÚJO, Hilda Costa. Livreto: **História da fé dos moradores de Lage dos Negros.** S/D.

ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: **Raça: Perspectivas Antropológicas.**(Org. Osmundo Pinho). ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

BAHIA. Secretaria de Educação. **Coletânea de Legislação da Educação Básica.** Maria Helena Silveira Alves (org.) 2. Ed. Salvador: A Secretaria Estadual de Educação, 2011.

BAHIA. SECTE. Secretaria de Educação, Turismo, Esporte e Lazer de Campo Formoso. **Plano Municipal de Educação do Município de Campo Formoso– BA** (PME), 2011.

BARBOSA, Joelina Celestino. **O conceito de história, a cultura afrodescendente e as práticas educativas na Escola Rural quilombola de Lage dos Negros.** 2015. Campo Formoso – BA.

BARDIN, Laurence; **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro, Edições 70. PressesUniversitaires de France. 2009.

BARROSO, Ari:música: **No tabuleiro da baiana.** Disco 78 rpm; Interpretete Carmem Miranda e Luiz Barbosa. Álbum 11402 / Odeon, 29/09/1936

BHABHA, Homi K. 1949- **O local da cultura** / Homi K. Bhabha; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

_____, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BRASIL, – **Educação e Relações Étnico-raciais.** Módulo 4 - Curso de Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras (CEAO/UFBA) 2011

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Texto: **referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>; acesso em: 27 de maio de 2015.

BRASIL, **Constituição da Presidência da República,** Casa Civil- Subchefia para assuntos Jurídicos; Disponível em <http://www.planalto.gov.br/>; acessado em 27/05/2016.

BRASIL, **Diretrizes operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/CEB1, de 3 de abril de 2002.

BRASIL, **Educação Básica**: Governo institui diretrizes curriculares para quilombolas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>; acessado em 15/04/2016.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: outubro de 2005.

BRASIL. Parecer CNE C 9 2001. Estabelece as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>. Acesso em: 23/06/2017.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: 1996.

BRASIL, SECAD: **Cultura, culturas e educação**. Brasília 2006.

CALDART, Roseli Salete **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo**. Seminário Estadual da Educação do Campo; Secretaria de Estado da Educação do Paraná; Março- **2004**

_____. **A escola do campo em movimento**. "Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo" 2ª edição: Setembro 2001.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **RevBras. Enferm**, Brasília (DF) 2004 set/out; 57(5): 611-4. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação** em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

_____. **Escola, Inclusão social e diferenças culturais**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012. Disponível em: www.infoteca.inf.br.

CAVALCANTE, Maria Marina Dias. Prática pedagógica, cultura escolar e identidade profissional: reflexões com origem no *habitus*. In: Lima, Maria Socorro Lucena: Didática e a prática de ensino na relação com a escola. Fortaleza. CE: **EDUECE**, 2015.

CELESTINO, Samuel. História de Campo Formoso na Bahia, in Vale do São Francisco. Disponível em: <http://www.bahia.ws>. Acessado em 01/06/2016

CODEVASF. **Remanescentes de quilombo de Lage dos negros**. Disponível em: <http://www.codevasf.gov.br/>

COSTA, Jurandir Freire. **Da cor ao corpo: a violência do racismo**. Violência e Psicanálise. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FERNANDES José Ricardo Oriá. **Desafios e possibilidades**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set/dez. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>

DOOL Jr. William E. **Currículo: uma perspectiva pós moderna**; trad. Maria Ariana Verissimo Veronese. – Porto Alegre: Artmed, 1997.

DOURADO, Emanuela Oliveira Carvalho. **As ressonâncias da formação dos professores no cotidiano das escolas municipais**. Anais do 19º EPENN - Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social. UFBA08/07/2009

FARIAS, Kátia da Silva. **“Nois aqui tem direito”**: História e Memória do Remanescente de quilombo de Lages dos Negros. TCC, Universidade do Estado da Bahia. Jacobina, agosto de 2007.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de história e diversidade cultural: Desafios e Possibilidades. **SciELO**, 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n67/a09v2567

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez 2012. (Coleção Docência em Formação).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Manoel Guilherme. **Consciência Negra; trilhas do imaginário poético**. CJA Edições, Natal, 2014.

GATTI, Bernadete A. Construção metodológica da pesquisa em educação: desafios **RBPAE** - v. 28, n. 1, p. 13-34, jan./abr. 2012

_____. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. – Brasília: UNESCO, 2009.

_____. **Formação de Professores no Brasil**: características e Problemas. Brasil, UNESCO, 2010.

_____. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília. – Brasil, UNESCO. Disponível em: <http://www.unesco.org>. Unesco, 2009.

_____. **A pesquisa em educação:** pontuando algumas questões metodológicas. Disponível em: http://www.lite.fe.unicamp.br/revista_gatti.htm. Acesso em: 12 de julho de 2006.

GEERTZ, Clifford, 1926- **A interpretação das culturas** / I.ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GENNARI, Emílio. **Em busca da liberdade traços das lutas escravas no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular 2011.

_____. **Em busca da liberdade: Traços das lutas escravas no Brasil.** Editora Expressão Popular, julho de 2008.

GHEDIN, Evandro. **A Pesquisa como Eixo Interdisciplinar no Estágio e a Formação do Professor Pesquisador-Reflexivo.** Olhar de professor, Ponta grossa, 2004.

_____. Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** 2. ed. São Paulo, 2011.

GOMES, Nilma Lino. “**Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**” In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. **Racismo e anti-racismo no Brasil.** São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Editora 34, 1999.

HALL Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HELVIG, Carlos Henrique Martins Torra. O Projeto político pedagógico como elemento integrador da formação continuada de professores da educação básica. **Educere** – PUCPR – 2015.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Bahia > Campo Formoso. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 19 de jun. de 2014.

JESUS, Marta Lícia Brito Teles. **Saberes necessários ao professor: Uma aproximação do conceito de autonomia e de suas implicações para o desenvolvimento da profissão docente.** Salvador, UFBA, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. – 24.ed. REIMPR. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2009.

_____. **Educação Quilombola**. Secretaria de Ensino à distância, Ministério da educação.

MACÊDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa implicada, currículo e formação: espaço do currículo**, v.5, n.1, pp.176-183, junho a dezembro de 2012 ISSN 1983-1579. IN: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec> 176. Acesso em: 14 de junho de 2015.

_____. **Atos de currículo e autonomia pedagógica**. O sócio construcionismo curricular em perspectivas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Mapa da Bahia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org>; acessado em 01/06/2016

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido**. In: Educação para a Convivência com o Semi-Árido Árido: Reflexões Teórico-Práticas. Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-Árido, Selo Editorial-RESAB, 2006.

MEYER, Dagmar E. *Estermann*: **Escola, currículo e diferença**: implicações para a docência. IN: Formação de educadores: desafios e perspectivas / organizadora- Raquel, Lazzari Leite Barbosa São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios Recuperados**: Experiências da comunidade negra rural de Tijuacú – BA. / São Paulo, 2006.

MOITA Lopes, Luiz Paulo da. **Identities Fragmentadas**: A construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula / - Campinas, SP: Mercado de Letras 2002.

MONTE ALTO, Rosana Lacerda. M763s **Saberes e fazeres quilombolas**: diálogos com a educação do campo / Rosana Lacerda Monte Alto. – Uberaba, 2012.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 7. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. Herivelto Moreira, Luiz Gonzaga Caleffe. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORIN, Edgar. O Método 5: **A humanidade da humanidade**. A identidade humana. Trad. Juremir Machado da Silva. 2a edição. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MOURA, Gloria. O direito à diferença. In: KABENGELE, Munanga. **Superando o racismo na escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. Quilombos Contemporâneos e Educação. **Revista Diálogo**- Nº 38. Paulinas. Maio de 2005. Disponível em: <http://www.paulinas.org.br/dialogo>. Acessado em 30 julho, 2016 às 00h e 02.

MUNANGA, Kebengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3. ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2008

NASCIMENTO, Milton. Música, Raça; Álbum: **Encontros e Despedidas**; Lançamento 1985.

ODARA, IluAyê. **Negro dançava na Nação Nagô**. G.R.E.S. Samba enredo da Portela (RJ), 1972.

OLIVEIRA, Lúcia Marize de Souza Ribeiro e Fulvio Torres Flores (org). **Escola do campo**: Espaço de vida e de trabalho: a educação rompendo paradigmas. - 1 ed. Curitiba – Paraná. 2013.

PALMARES, Fundação: http://www.palmares.gov.br/page_id=37551 acessado em 22 de abril de 2016; 16h.

PIMENTA, Selma Garrido, GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PRICE, Richard. Reinventando a História dos quilombos: Rasuras e confabulações. Afro-Asia, Salvador: **EDUFBA**, n.23, 2000. p. 241-265.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. (Org). **Políticas, Práticas e Formação na Educação Básica**. Salvador: EDUFBA, 2015.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANSHEZ Gamboa Silvío. A pesquisa em educação física no nordeste brasileiro (alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe), 1982-2004: balanço e perspectivas. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 89-106, set. 2007.

SANTOS, Joel R. **O que é Racismo**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1984.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1983.

SECOM. **Secretaria de comunicação social** - <http://www.secom.ba.gov.br/>. Acessado em: 24 de setembro de 2016.

SEDUC. **Superintendência de Diversidades Educacionais Gerência de Diversidades**: Orientações curriculares para educação escolar quilombola- Secretaria do Estado de Educação. Disponível em: <http://http://www.seduc.mt.gov.br/>

SILVA, Paula Cristina. **Educação Pluricultural e Ante - racismo em Salvador**. Departamento de Sociologia. UFBA- GT 19: Relações raciais e etnicidades. XX Congresso Nacional da ANPOCS, Caxambu, 1996.

SILVA, Tomáz Tadeu da. **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais/ TOMAZ Tadeu da Silva(org). Stuart Hall, Kathrynwoodward. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

SOLER, M. (2001). **Dialogicreading**: A new understanding of the eadin gevent. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Educação da Universidade de Harvard, disponível em: <http://www.lib.umi.com/dissertations>.

SOUSA, Cynthia Pereira de. **A diversidade e o trabalho escolar**: a atualidade de uma proposta pedagógica. (Org.). Políticas, Práticas e Formação na Educação Básica. 1ed. Salvador: Editora da UFBA, 2015

SOUZA, Rogério Leal. **Formação continuada de professores**- Uma reflexão Pedagógica: IV Forum internacional de Pedagogia. Editora Realize. Campina Grande. PA. 2012. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br>.

TARDIF, M. **Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação do Magistério**. Universidade de Laval /PUC-Rio, 2000.

TOLEDO, Elizabeth; ARAUJO, Fabíola Peixoto de; PALHARES, Willany. **A formação dos professores**: tendências atuais. Pesquisa na prática pedagógica (fundamentação) normal superior. EAD UNITINS / EDUCON: Palmas-TO, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Currículo: a atividade humana como Princípio Educativo**. Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.7. São Paulo: Libertad, 2011.

VEIGA, I. P. A. Perspectivas para reflexão em torno do projeto político pedagógico. In: VEIGA, I.P. A; RESENDE, L. M. G. (Orgs.). **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. 6 ed. Campinas: Papirus, p.09-32, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - *CAMPUS IV*
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE - MPED



QUESTÕES PARA ENTREVISTA – PROFESSORES DA ESCOLA QUILOMBOLA
DE LAGE DOS NEGROS – CAMPO FORMOSO-BA

Nº.: _____

Data: _____

Curso: _____

Tempo de serviço na escola: _____

Disciplina que leciona: _____

Endereço residencial: _____

Endereço do Colégio: _____

Sexo: ()M ()F

Escolaridade: _____

Cidade/povoado: _____

Situação com o Município: () Professor efetivo () Contrato, REDA,
ou outro: _____

1. O que é cultura?
2. Sua prática docente está interligada com a cultura de Lage? Quais as práticas que você realiza em sala de aula, que fazem relação com a realidade cotidiana de seus alunos?
3. Quais práticas você realiza, dentro da Lei 11.645/08 que pode despertar no seu aluno, a valorização da cultura da comunidade?
4. A escola dispõe de acervo bibliográfico dentro da temática: educação quilombola, para o trabalho com as crianças em sala de aula?

5. 4- Você poderia elencar as formações pedagógicas que já participou acerca destas temáticas? Comente a relevância destes estudos para sua atuação na escola quilombola?
6. Com que frequência você enfoca em suas sequencias didáticas a diversidade cultural de Lage dos Negros?
7. Você pode falar um pouco sobre as ações da Secretaria de Educação do município acerca da cultura de Lage e a atuação dos professores? Como você avalia estas ações?
8. Por que você escolheu trabalhar numa escola quilombola? Esta escolha foi motivada por algo? Ou foi impositiva?
9. Enumere os principais entraves no trabalho pedagógico com alunos quilombolas.
10. O PPP contempla Projetos internos sobre a identidade, cultura e diversidade cultural? Pode descrevê-lo?

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - *CAMPUS IV*
 MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE - MPED



QUADRO DE ANÁLISE DE DOCUMENTOS DA ESCOLA QUILOMBOLA DE
 LAGE DOS NEGROS – CAMPO FORMOSO- BA

Tipo de documento analisado	Informações relevantes	Observações importantes

ANEXO

Lista de Títulos e Materiais Publicados, dentro da temática de Educação étnico-racial

Livro/Materiais	Tiragem	Data da Edição
Quilombos: espaço de resistência de homens e mulheres negras (livro do professor)	10.000	2006
Quilombos: espaço de resistência de homens e mulheres negras (livro do aluno)	15.000	2006
Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais	54.000	2006
Dimensões da inclusão no Ensino Médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola (Volume 9 da Coleção Educação para Todos – Secad/MEC)	5.000	2006
Uma história do povo Kalunga – livro do professor (2ª edição)	5.000	2006
Yoté, o jogo da nossa história (livro do professor, livro do aluno e tabuleiro)	7.500	2008
Estórias Quilombolas	7.500	2008
Minas de Quilombos	-	No prelo
Calendário Meu Brasil Africano, Minha África Brasileira	5.400	2006
Calendário História e Cultura Afro-brasileira e Africana – Datas para conhecer e pesquisar	30.000	2006
Kit A cor da cultura (4 livros, 4 CDs, 1 jogo) – parceria com Fundação Roberto Marinho e SEPPIR	2.000	2006



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPED
(MESTRADO)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS IV JACOBINA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome _____ do _____
 Participante: _____ Document
 o de Identidade nº: _____ Sexo: F () M () Data de
 Nascimento: ____/____/_____
 Endereço: _____ Complemento: _____ Nº _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
 Telefone: (____) / (____) _____

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, da pesquisa:
**Práticas docentes e Diversidade na Escola Quilombola de Lage dos Negros –
 Campo Formoso – BA.** Apresento as informações, a seguir, no caso de aceitar fazer
 parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas
 é sua e a outra é do pesquisador responsável.

2- INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

**TÍTULO: Práticas docentes e Diversidade na Escola Rural Quilombola de Lage
 dos Negros – Campo Formoso – BA**

OBJETIVOS:**Geral**

- Conhecer as práticas docentes dos professores que atuam na Escola Quilombola de Lage dos Negros, Campo Formoso – BA, percebendo se estas ações consideram a pluralidade cultural da comunidade quilombola de Lage, tal como definido pela Lei 11645/08.

Específicos

- Diagnosticar nos documentos oficiais da Escola, a presença ou não das culturas e manifestações culturais da comunidade de Lage dos Negros, com o intuito de descobrir se as práticas coadunam com as informações trazidas nos documentos.
- Descobrir como se dão as práticas dos professores que lecionam na Escola Quilombola de Lage dos Negros.
- Oportunizar a articulação entre os docentes da Escola Rural Quilombola de Lage, com a realização de uma Tertúlia Dialógica Cultural, com a finalidade de levantamento das demandas de formação dos professores da escola, sobre a história e cultura afro-brasileira em Lage.
- Potencializar as Tertúlias Dialógicas Culturais na Escola Quilombola a partir das demandas de formação com a intenção de que seja possível futuramente, a construção coletiva de um acervo histórico cultural do lugar, para ser usado pelos professores da escola e amplamente divulgado na comunidade.

ESPAÇO: Escola Quilombola de Lage dos Negros – Campo Formoso -BA

SUJEITOS: Docentes do quadro da escola.

3- FASES DA PESQUISA:

Fase I – Pesquisa exploratória – Apresentação da pesquisa, análise de documentos com exploração para que o próprio lócus oportunize as pistas para a entrevista e todas as suas implicações;

Fase II – Reconstrução e realização – Após a realização da Fase I, a entrevista será reconstruída por levar em consideração as informações da pesquisa exploratória. Em seguida é que se fará a entrevista semiestruturada para recolhimento de informações e futura análise de conteúdo; Análise do conteúdo dos discursos das entrevistas e das falas dos educadores no cotidiano: compreender criticamente o conteúdo com o olhar compreensivo e interpretativo para o enriquecimento da pesquisa através dos fatos evidenciados.

Fase III – Levantamento das demandas de formação - Realização da 1ª tertúlia dialógica para a discussão e diálogos sobre os achados da pesquisa. Falando da pesquisa em educação em um Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), salientando o referencial que representa este Ensino de Pós-Graduação, uma vez que, convalida toda a questão pesquisada trazendo à tona a proposta de contribuir de forma direta no ambiente educativo e colaborar com a melhoria da qualidade em educação e de uma maior reflexão acerca dos problemas levantados. A reflexão do educador, suas possíveis saídas e a provocação de uma ação – reflexão - ação para que as mudanças e melhorias partam do chão da escola à comunidade, e vice-versa numa ação de movimento contínuo para atender as demandas da escola, trazendo estudo de documentos que fundamentem estas práticas e resgatem de maneira escrita, a cultura plural de Lage em sua totalidade. De acordo com a Lei que decorre nesta vertente, dando força a valorização para a Educação Étnico- Racial

4- ESPECIFICAÇÃO DOS RISCOS, PREJUÍZOS, DESCONFORTO, LESÕES QUE PODEM SER PROVOCADOS PELA PESQUISA:

A pesquisa prevê possíveis riscos aos seus participantes, uma vez que serão realizadas entrevistas dos docentes sobre a atuação na docência na Escola Quilombola de Lage dos Negros- Campo Formoso-BA, estas ações podem despertar sentimentos como constrangimento e lembranças de situações desagradáveis. Vale destacar que a publicização do conteúdo das entrevistas será feita com sua autorização e com os devidos cuidados em relação à confidencialidade dos seus nomes. Mantendo o sigilo de suas identidades, substituindo os seus nomes por fictícios quando da elaboração dos resultados e

publicização, conforme orientação da Resolução 196/96 Conselho Nacional de Saúde.

5. DESCRIÇÃO DOS BENEFÍCIOS DECORRENTES DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA:

- Possíveis percepções sobre a verdadeira importância da Escola Quilombola para a comunidade de Lage dos Negros;
- A construção coletiva, direta e contínua da identidade, para alargar os conhecimentos a respeito da Lei 11645/08, valorização e preservação da cultura do lugar
- **Fortalecimento do conhecimento acadêmico e científico no campo dos estudos sobre a prática docente e a diversidade no Ensino da Escola Quilombola.**
- Contribuição e fomentação das discussões sobre prática docente, identidade, preservação e valorização da cultura quilombola.
- Possível contribuição para a melhoria da qualidade de ensino para os estudantes da Escola quilombola e, portanto, para a comunidade como um todo.

6. ESCLARECIMENTO SOBRE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

- A pesquisa será desenvolvida no período de fevereiro de 2017 a maio de 2017, podendo ser encerrada antes desse período, bem como poderá ser prorrogada até julho de 2018;
- Não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira aos participantes;
- Em todas as fases da pesquisa, o pesquisador se deslocará em direção ao local onde o sujeito da pesquisa se encontra, não gerando dessa maneira nenhum gasto financeiro e/ou prejuízo para o participante;
- Os sujeitos da pesquisa poderão a qualquer momento retirar o consentimento dado para a realização desta pesquisa e publicização das informações.

7. ENDEREÇOS E CONTATOS DOS PESQUISADORES

- Maria das Dores Brandão dos Santos – Rua Landulfo Alves, 258 – Centro – Campo Formoso – BA.CEP: 44790000 Tel.: (74) 99120- 3895 (Mestrando responsável pela pesquisa)

- Prof^a. Dr^a. Carmélia Aparecida Silva Miranda – Avenida Salvador **S/N** – Bairro do Derba – Sr. Do Bonfim – BA - CEP: 48.970-000 Tel.: (71) 99282-9683(Orientadora do curso de mestrado profissional)

8. ENDEREÇO E CONTATO DA CONEP:

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco G - Edifício Anexo, Ala “B” - 1º andar - Sala 103B.

CEP - 70058-900 - Brasília, DF.

Telefone: (61) 3315-5878

9. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador (a) sobre os objetivos, benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **“Práticas docentes e Diversidade na Escola Quilombola de Lage dos Negros – Campo Formoso – BA”**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário(a) consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

Jacobina/BA, ____ de _____ de 2017

Sujeito da pesquisa

Maria das Dores Brandão dos Santos
Coordenadora da Pesquisa